

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

AZEVEDO, Renato Frota Rodrigues De. *Renato Azevedo (depoimento, 1998/1999)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FUNDAÇÃO CSN, 1999. 147 p. dat.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC/FGV e FUNDAÇÃO CSN. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

RENATO AZEVEDO
(depoimento, 1998/1999)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

sumário: Cinthia Monteiro de Araujo

conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias

copidesque: Verena Alberti

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Volta Redonda - RJ - Brasil

data: 07/12/1998 a 11/02/1999

duração: 8h 40min

fitas cassete: 10

páginas: 147

Entrevista realizada no contexto do projeto "Pioneiros e Construtores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)", na vigência do convênio entre o CPDOC-FGV e a Fundação CSN.

Esta entrevista subsidiou a elaboração do livro "CSN um sonho feito de aço e ousadia" (Rio de Janeiro, Fundação CSN & Fundação Getulio Vargas, Iarte), de autoria de Regina da Luz Moreira.

temas: Ciência E Tecnologia, Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Siderúrgica de São Paulo, Edmundo de Macedo Soares E Silva, Engenharia, Estado Novo (1937-1945), Estados Unidos, Formação Profissional, Indústria Siderúrgica, Renato Azevedo, Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Volta Redonda

Sumário

1a Entrevista: 07/12/1998

Origens familiares; primeiros estudos; observações sobre a experiência educacional dos irmãos maristas; o curso ginasial no colégio Sagrado Coração de Jesus em Varginha (MG) entre 1929 e 1933; a formação religiosa, a disciplina, o sistema de internato; comentários sobre a falta de opções profissionais na década de 1930 e a opção do entrevistado pelo curso de engenharia civil; o ingresso na Escola de Minas de Ouro Preto (MG) em 1934: explicações sobre o ano letivo na escola, o período de estudos para o vestibular; a convivência na república de estudantes; observações sobre a vida social em Ouro Preto no período de seus estudos (1934-1940); a abrangência do curso da Escola de Minas de Ouro Preto: engenharia civil e de minas; o interesse do entrevistado pela metalurgia e o estágio na Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira em 1939; breve relato sobre o início de sua vida profissional na Usina Queirós Júnior em 1940; a indicação para a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional; repercussão da conjuntura nacional da segunda metade da década de 1930 entre os estudantes de Ouro Preto; menção à reação dos mineiros diante da escolha da cidade de Volta Redonda (RJ) para a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN); aspectos da viagem do entrevistado para os Estados Unidos em 1941: o trajeto e o cotidiano no navio da frota da boa vizinhança, o colega de viagem Arnaldo Claro São Tiago Filho; antecedentes da viagem: o primeiro contato com a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional no Rio de Janeiro, a reação dos pais diante da notícia e as expectativas profissionais do entrevistado; primeiras impressões do entrevistado nos Estados Unidos: chegada em Nova York, chegada em Cleveland, primeiro contato com Edmundo de Macedo Soares e Silva, dificuldades encontradas pelo entrevistado em relação a língua inglesa; breve perfil de Edmundo de Macedo Soares e Silva; o trabalho da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional com a consultora McKee: compra de equipamentos, explicações sobre a opção pelos fornos fixos, as diferentes áreas de atuação da McKee; discussão sobre as razões da escolha da cidade de Volta Redonda para a instalação da CSN; a experiência do entrevistado em usinas nos Estados Unidos; considerações sobre o impacto da Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos; avaliação da experiência da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional nos Estados Unidos; chegada do entrevistado a Volta Redonda em 1943: aspectos da montagem do alto-forno, a construção da cidade, o cotidiano e o lazer na cidade, o trabalho na usina durante a Segunda Guerra Mundial; análise do papel da CSN para a industrialização do Brasil e da América Latina; financiamento para a construção da usina: as primeiras sondagem de Edmundo Macedo Soares na Europa, o contato com a United States Steel nos Estados Unidos, o empréstimo do Eximbank; discussão sobre os interesses norte-americanos na construção da CSN; o impacto da Segunda Guerra Mundial na construção da CSN; longos comentários sobre engenheiros que participaram da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional e da construção da CSN; opinião sobre a influência do autoritarismo do governo Vargas (1937-1945) na construção da CSN; breve comparação entre a organização do Estado norte-americano e o Estado brasileiro; o trabalho durante a montagem do alto-forno; a formação da mão-de-obra para a usina: a contratação, a significativa presença de mineiros entre os funcionários, a troca de funcionários entre departamentos, os cursos monotécnicos, a postura do entrevistado como chefe, comentários sobre profissionais de destaque que tiveram sua formação na CSN; informações sobre o regime de trabalho na usina.

2a Entrevista: 08/12/1998

Comentários sobre o trabalho do entrevistado como chefe do grupo de metalurgia (maio de 1951 a maio de 1954); rápida descrição de parte da estrutura administrativa da usina; longas explicações sobre o processo de produção na coqueria e no alto-forno: os subprodutos da destilação do carvão, a qualidade e a utilização do carvão brasileiro, a produção e a utilização do coque, a qualidade e a preparação do minério, o funcionamento do alto-forno; análise das relações entre a presidência da CSN e a presidência da República: as nomeações dos presidentes

da empresa, razões para saída de Edmundo Macedo Soares, a vinculação da companhia ao Ministério da Indústria e Comércio; rápida referência à passagem do entrevistado pela Cosipa; considerações sobre a importância da CSN para a trajetória profissional do entrevistado e para o desenvolvimento do Brasil.

3a Entrevista: 09/12/1998

Explicações sobre o processo de eleição do presidente e dos diretores da CSN; discussão sobre a criação de novas diretorias na estrutura administrativa da empresa nas décadas de 1950 e 1960; a atuação do sindicato dos metalúrgicos: o desempenho de Othon Reis Fernandes na presidência do sindicato, as reivindicações dos funcionários; a instituição da participação nos lucros; comentários sobre a visita de Getúlio Vargas à CSN por ocasião da inauguração do alto-forno 2 em 1954; informações sobre o trabalho no alto-forno: o equipamento de segurança usado pelos funcionários, a corrida do ferro líquido até as painéis, o revestimento dos canais; a corrida da escória; comentários gerais sobre as condições de segurança dentro da usina; observações sobre o trabalho feminino na usina; outros comentários sobre os equipamentos de segurança utilizados pelos funcionários; aspectos da administração da cidade de Volta Redonda pela CSN: os efeitos da emancipação da cidade, a rede de ensino, a Escola Técnica Pandiá Calógeras; Associação Brasileira de Metais (ABM): a criação em 1944, a revista Metalurgia - ABM, a escolha do entrevistado para a presidência da ABM; experiência do entrevistado como diretor industrial na Cosipa: a indicação em 1963, aspectos do início da produção, as greves dos operários, o impacto do Golpe de 1964 e a instalação do Inquérito Policial Militar (IPM) na Cosipa, insatisfação e saída da empresa; a criação da Companhia Brasileira de Projetos Industriais (Cobrapi) na década de 1960; o escritório da CSN em Nova York: a fundação em 1940 e sua função, a estrutura administrativa, a indicação do entrevistado para chefia do escritório em 1975 e as atividades desenvolvidas até 1979; saída do entrevistado da CSN em 1979: a demissão compulsória, a aposentadoria e a complementação pela Caixa Beneficente dos Empregados da CSN (CBS); comentários sobre a estabilidade no emprego e a implantação do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS); o Instituto Brasileiro da Qualidade Nuclear (IBQN): a criação do IBQN e o convite recebido pelo entrevistado para trabalhar na área administrativa em 1979, razões para sua saída em 1982; longos comentários sobre a vida familiar [participação da esposa, d. Emmy]: viagem de d. Emmy para o Rio de Janeiro em 1946, as dificuldades encontradas para a realização das cerimônias de casamento religioso e civil, a residência em Volta Redonda, os filhos.

4a Entrevista: 11/02/1999

Explicações sobre a criação e a expansão da Companhia Brasileira de Projetos (Cobrapi); a atuação de Lima Neto na presidência da CSN: a crise no início do governo Fernando Collor (1990-1992), as demissões, a reestruturação nas áreas de transportes e de distribuição dos produtos da usina, a recuperação da companhia; a repercussão da crise na Cobrapi; comparações entre a CSN, a Usiminas e a Cosipa: o mercado e as dificuldades encontradas pela CSN, o aproveitamento da experiência da CSN na Usiminas e na Cosipa, a tecnologia japonesa utilizada na Cosipa e aproveitada, posteriormente, na CSN; rápidos comentários sobre o desenvolvimento do quadro de funcionários da CSN e sua posterior redução; a aquisição de matéria-prima (carvão, minério e calcário) no Brasil e no exterior; problemas enfrentados pelo escritório de Nova York no processo de compra e envio de equipamentos para a CSN; breves observações sobre a presença de militares na direção da CSN; discussão sobre os efeitos da transferência da administração da cidade para a prefeitura e das casas para a Imobiliária Santa Cecília; longos comentários sobre a criação e o funcionamento do Rotary Clube em Volta Redonda; rápidas referências a outras associações e instituições de Volta Redonda: a maçonaria, o Serviço de Obras Sociais (SOS) e a Fundação Osvaldo Aranha.

1ª Entrevista: 07/12/1998

I. F. - Estamos aqui, como combinamos, para o senhor contar a sua vida, que sempre foi muito ligada à CSN. Então gostaríamos de começar com o senhor contando um pouquinho das suas primeiras lembranças. Nós vimos que o senhor nasceu em São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais.

R. A. - São Gonçalo do Sapucaí é uma pequena cidade situada no sul do estado de Minas Gerais. Fica próxima ao circuito das águas, ao longo da rodovia Fernão Dias, entre Pouso Alegre e Varginha, embora Varginha não esteja exatamente na Fernão Dias — mas para citar duas cidades um pouco maiores.

I. F. - Seu pai era de lá também?

R. A. - Meu pai era de lá. Ele era tão mineiro que quando tomava o trem e chegava em Cruzeiro já sentia necessidade de passaporte [risos]. Meu pai exerceu várias funções e a de que eu me lembro mais era a de comerciante. Ele e um irmão dele tinham uma loja — naquele tempo se dizia armarinho — de fazendas, sapatos...

I. F. - Comércio em geral. E o senhor tem irmãos?

R. A. - Eu tive um irmão, mas que eu nem conheci, porque ele nasceu um ano depois de mim e faleceu antes de ter um ano de idade. E tive uma irmã, essa nasceu quando eu já tinha 12 anos e estava estudando interno no ginásio em Varginha — Marisa. Ela morreu com 12 anos também, de um problema de apendicite antes de ser descoberta a penicilina.

I. F. - Eu queria que o senhor me desse os nomes de seu pai e de sua mãe.

R. A. - Meu pai chamava-se Coriolano de Azevedo Lemos e a minha mãe, Maria Frota Rodrigues de Albuquerque, embora muitos documentos dela sejam com o nome Azevedo, em vez de Albuquerque. Eu descobri que era Albuquerque por ocasião do falecimento dela, olhando os documentos. Ela, mesmo depois do casamento, era para assinar Maria Frota Rodrigues de Albuquerque. A minha mãe não era mineira; ela veio para Minas pequena, mas era natural do Ceará, de Sobral. Aliás, a família toda dela, meus avós maternos eram de Sobral. Minha avó era da família Frota e meu avô da família Rodrigues Albuquerque. Eles vieram para o Sul e minha mãe veio acho que com um ano. Mas fazia questão de dizer que era cearense.

I. F. - Mantinha as raízes. É importante isso. Dr. Renato, o senhor fez seus primeiros estudos lá em São Gonçalo do Sapucaí?

R. A. - Sim, o curso primário, os quatro primeiros anos — na época eram quatro anos primários —, eu fiz em uma escola particular chamada Ateneu Mineiro. Era dirigido por uma senhora de nome Maria da Conceição de Sousa Viana, conhecida como dona Sinhá.

I. F. - Mineiro gosta muito desses apelidos.

R. A. - Depois, em São Gonçalo não havia curso ginásial, então eu fui fazer o curso ginásial em Varginha. Fiquei interno lá, no ginásio dirigido pelos irmãos maristas. Então eu fiz cinco anos de ginásio, de 1929 a 33. O colégio chamava-se Sagrado Coração de Jesus, em Varginha, dirigido pelos irmãos maristas.

I. F. - Que eram grandes educadores, não?

R. A. - Sim, sem dúvida. Eles, tanto quanto eu sei — não tenho tido muito contato com eles —, mas ainda hoje têm colégios. No Rio tinha o São José, até meu filho estudou lá. Tinha o Arquidiocesano, em São Paulo.

I. F. - No Paraná também tinha um grande.

R. A. - No Paraná, no Sul, no Norte... Era uma organização muito grande de irmãos maristas. Eles não são padres, não dizem missa, não ouvem confissão, mas pelo menos no meu tempo usavam batina, tinham votos e tinham uma vida religiosa inteiramente dedicada à educação. Hoje parece que eles dirigem mais os colégios; no meu tempo, os professores eram todos irmãos maristas.

I. F. - E o senhor já tinha formação religiosa em casa ou foi para lá sem formação nenhuma?

R. A. - Eu tinha a formação religiosa normal que se tem em uma cidade do interior do Brasil, principalmente em Minas, na época. Eu nasci em 16 e nessa fase, década de 20 etc., era catecismo, primeira comunhão, crisma — a clássica.

I. F. - Tudo foi feito ainda na sua cidade?

R. A. - Na minha cidade de São Gonçalo. E depois, então, no ginásio, eu passei para um regime mais rigoroso. Era realmente bastante rigoroso: levantava-se às cinco e meia da manhã, ia-se para a capela, tinha missa todos os dias.

I. F. - Naquele tempo era em jejum que a gente comungava.

R. A. - É, missa todos os dias. Não era obrigado a comungar, mas naturalmente o menino que passasse muito tempo sem comungar... Tinha confissão toda semana e quem não fosse não era muito bem visto. [riso] Mas de um modo geral todos seguiam a disciplina. Era uma disciplina rigorosa. Naquela época eu sentia um pouco, mas hoje vejo que aquilo foi muito bom para mim. Me deu sentido de ordem na vida, de organização, e de ordem porque era muito rigoroso. Nós não podíamos conversar com os outros, a menos que tivesse ordem. A gente se levantava, tinha alguns minutos para arrumar a cama, se preparar, ir para a capela em fila. Não podia falar um com o outro — na capela também não. Depois então tinha o café e aí tinha o recreio. No recreio, então, todo mundo ficava em fila até que o regente desse o sinal, já conhecido, que era dizer “benedicamus dominum”. E a gente dizia “Deo gracias”. Então podia-se falar até que ele apitasse e acabasse com aquilo, uma meia hora... Então tinha estudo, almoço às nove e meia da manhã, depois estudo, aulas... Nós tínhamos aulas até as quatro da tarde, com intervalos de duas em duas horas. Às quatro horas tínhamos o jantar, depois futebol [riso] — o futebol era depois do jantar — e depois estudo também até as oito, quando ia todo mundo para a cama sem dar um pio.

I. F. - E o colégio tinha alunos externos também, ou era só internato?

R. A. - Não, tinha externos sim. Internos como eu em geral eram os meninos de outras cidades. De Varginha tinha externos e semi-internos. Os externos só iam para as aulas e os semi-internos iam de manhã e ficavam no nosso sistema, dos internos, até tarde. Mas passavam em casa naturalmente o domingo. Nós só saíamos do colégio às quintas-feiras de manhã. Não havia aula nem estudos, e saíamos para passear na periferia da cidade, mas acompanhados por um irmão regente. E os domingos também eram dias mais livres, tinha uma orientação mais livre. Isso para os internos.

V. A. - E nas férias também. Nas férias, então, o senhor ia para casa.

R. A. - É, nas férias a gente ia para casa. Eu ia para São Gonçalo. Nós tínhamos 15 dias de férias, em geral, em julho. E no fim do ano, assim a partir de mais ou menos 10 de dezembro até fevereiro, três meses.

I. F. - E as provas para passar de ano eram muito puxadas?

R. A. - Eram. O estudo era bem rigoroso.

I. F. - Naquela época estudava-se latim também, não?

R. A. - Um pouco, não muito. As quatro declinações, *rosa*, *dominus*, essas coisas.

I. F. - E como o senhor resolveu, de repente, fazer engenharia civil na Escola de Minas de Ouro Preto?

R. A. - Bem, quando eu estava terminando o curso ginasial, que era de cinco anos, no ano de 33, naturalmente eu não sentia uma vocação muito definida para algumas coisas, não. Advocacia, embora meu avô fosse juiz de direito — naturalmente foi advogado — e era um homem que eu admirava muito, mas eu não sentia vocação nenhuma...

I. F. - Avô paterno ou materno?

R. A. - Materno.

V. A. - Esse que veio de Sobral?

R. A. - Veio de Sobral.

V. A. - Eles vieram para São Gonçalo do Sapucaí?

R. A. - Não. Inicialmente ele foi para uma cidade próxima, Santa Rita do Sapucaí. Foi juiz municipal lá e depois foi transferido para São Gonçalo. Foi então que minha mãe se casou — em São Gonçalo. Ele foi transferido para São Gonçalo, onde foi juiz municipal, depois juiz de direito. Meu avô paterno era médico, mas esse eu não conheci.

Mas, então, voltando ao problema da vocação, eu não me sentia muito atraído por direito. E sempre tive, e tenho até hoje, uma grande admiração pela medicina. Mas sinto, pela minha natureza, que não seria um bom médico — porque eu não sou muito

dado a saber sobre doenças, é uma coisa que não me interessa muito, não. Tenho muita admiração pela função do médico, é uma função social, é uma carreira, uma profissão muito nobre. Eu respeito muito os médicos. Respeito também os juízes por causa do meu avô. Não vou dizer que não respeito os advogados, mas me lembro do meu avô mais como juiz do que como advogado.

Então, conversando com um advogado que era noivo da minha tia, ele estava comentando — ele era de Santos Dumont, ex-Palmira — que havia vários rapazes conhecidos dele que estavam estudando engenharia em Ouro Preto. Então eu comecei a achar que aquele seria um caminho interessante para mim porque naquela época não havia variedade de profissões. Vamos nos colocar em 1933. Não havia essa variedade de profissões. Era medicina, era direito, engenharia muito pouco até, muito pouco mesmo. Ou então ia ser padre.

I. F. - Ou militar.

R. A. - Ou militar. Mineiro nunca foi muito militar, não. Os militares em geral, pelo menos na minha idéia, eram os gaúchos e nordestinos. Os gaúchos talvez pela influência do Exército, que sempre teve contingentes grandes na fronteira, que achavam mais vulnerável. E o nordestino, eu não sei. Eu às vezes... Não sei se é um conceito muito elogiável que eu tenho, mas talvez por uma questão econômica. O Nordeste... Não quer dizer que não tenha pessoas ricas no Nordeste, mas de um modo geral a população do Nordeste tem certos problemas, ou tinha, principalmente naquela época, e a carreira militar era uma maneira de obter uma instrução boa, um futuro mais ou menos assegurado, sem necessidade de grandes investimentos.

Mas então eu passei a achar interessante a engenharia, obtive informações através desse noivo da minha tia e resolvi ir para Ouro Preto. Fui para Ouro Preto, então, no início de 1934, em fevereiro, por aí, ou março de 34. Só que o ano letivo em Ouro Preto, naquela época e durante alguns anos, era um ano letivo parecido com o ano letivo europeu: começava em setembro e acabava em junho.

I. F. - Não sabia disso não.

V. A. - Por que razão?

R. A. - Eu vou lhe dizer por quê. Acontece que a Escola de Ouro Preto foi fundada por professores e cientistas — naquela tempo até não se falava tanto em técnicos — franceses. Em Minas, pelo menos naquela região central, já se conhecia a riqueza mineral da área, e d. Pedro II achou que era vantagem formar técnicos capazes de desenvolver minas, principalmente naquela época. Ele, então, através de conhecimentos, que ele tinha muito, com a corte talvez ou com pessoas da nobreza francesa, selecionou alguns, principalmente o fundador da escola que era o professor e cientista Henri Gorceix. Esse, por sua vez, trouxe um certo número, uns quatro ou seis professores. E eles então organizaram, com alguns brasileiros, a escola em Ouro Preto que naquela época ainda era a capital de Minas. Isso foi em 1876, e a capital só foi para Belo Horizonte no final do século, um ou dois anos antes do final do século.

Mas podia-se pensar que era apenas uma reprodução do sistema deles, mas não foi bem isso, não. O Gorceix era um homem muito rigoroso. Ele imaginava que as férias não eram para a pessoa ir para casa brincar, ir para a praia, não. As férias eram para trabalho de campo, para aqueles que estavam aprendendo geologia... Então ele programava... Naquele tempo o transporte, grande parte era a cavalo e as áreas a serem

visitadas não eram muito populosas, porque não interessava... Interessava conhecer a região geologicamente, regiões menos conhecidas. E essa fase é exatamente a fase que permitia viagens, é a época da nossa estação seca. Se fossem as férias de hoje, seria na estação de chuva, o que ia prejudicar muito os estudos. Então, talvez um pouco também pela tradição...

Mas, voltando, eu fui para Ouro Preto em fevereiro de 34 e então me preparei para fazer o vestibular em setembro.

V. A. - Tinha vestibular especificamente para a Escola de Minas?

R. A. - Tinha, e era muito rigoroso, principalmente matemática. [inaudível] não estava preparado para enfrentar o programa. O programa era álgebra, geometria e trigonometria — essas três cadeiras —, e só problemas. Não tinha nada de conversa e nada disso; eram problemas. Tinha também física, química, alguma coisa assim, mas aí a exigência era menor porque nós íamos estudar essas matérias na escola.

V. A. - Quer dizer que o senhor chegou em fevereiro para estudar até setembro?

R. A. - Até setembro. Aliás, eu fui a uma sessão de cinema em fevereiro e a uma outra na véspera do vestibular. O resto do tempo nós passávamos estudando, raramente indo para a cama antes das duas horas da manhã.

I. F. - Estudavam em grupo, tinha algum curso especializado?

R. A. - Tinha curso. Nós chamávamos até Curso Anexo, porque era anexo à escola, e os estudantes do Curso Anexo eram chamados de anexins, anexim. Eu fui anexim durante esse tempo todo, até fazer o vestibular para a escola. Os grupos não eram grandes como são hoje.

V. A. - E quem dava aulas nesse curso?

R. A. - Havia dois cursos em Ouro Preto, em todos os dois os chefes eram professores da escola. Mas as aulas, em grande parte, eram dadas por alunos dos últimos anos.

V. A. - Ah, como se fossem monitores.

R. A. - É, em geral bons em matemática, porque isso que a gente precisava mais. Ainda neste ano eu recebi um convite para o aniversário, a festa da escola, que é em 12 de outubro — a escola foi fundada em 12 de outubro de 1876 —, e eu tive o prazer de ver lá, homenageado, um professor que foi meu professor no Curso Anexo. Ele estava no último ano da escola, e agora está com quase 90 anos. Já foi professor da escola e deve estar aposentado. O nome dele é Antônio Moreira Calais. E outros professores também, mas eram em geral aqueles que eram melhores em matemática que ensinavam — uns dois ou três.

I. F. - E eram pagos, esses cursos?

R. A. - Olha, eu não sei. Se era pago, era muito pouca coisa. Mas eu não me recordo.

I. F. - Não era uma coisa que pesasse no seu orçamento?

R. A. - Não, não. A gente vivia com uma mesadasinha lá, porque Ouro Preto... E às vezes até tinha um grupo também de nordestinos bastante grande, porque a vida em Ouro Preto era uma vida mais barata do que nas cidades grandes. O estudo era bastante rigoroso, um clima bom, um clima frio, mas as despesas eram bem menores do que em uma cidade grande.

V. A. - E o senhor morava em república?

R. A. - Eu, a princípio, morei em uma pensão e depois, então, passei para uma república. Um colega meu, muito amigo meu, tinha também uns dois ou três primos e resolveram alugar uma casa. E eu então morei pelo menos os três últimos anos em uma república. Foi a única época em que eu tive a oportunidade de ser presidente da república. [risos] E era um cargo que ninguém queria! Uma vez por mês tinha um presidente da república. O presidente da república era o dono da casa: ele tinha que fazer compras, tinha que fazer pagamentos, tinha que fazer tudo. Os outros não faziam nada. Vários foram presidentes, eu mesmo fui presidente. Nunca fiz questão de ser presidente também, mas todos tinham que ser porque aquilo era um cargo de sacrifício de fato! [risos] Não era de conversa, era de fato! Nós tivemos lá dois colegas. Um, a presidência dele todo mundo achava ótima, durante um mês, porque a gente passava bem, tinha sobremesa, tinha uma porção de coisas. Mas no fim do mês todo mundo só faltava dar pancada nele por causa do custo. Então, depois dele vinha o outro, um pão-duro, e aí nós passávamos mal. Era tudo batata-doce, [risos] quando chegava na sobremesa, tinha doce de batata-doce... A gente reclamava e ele dizia: “Não há doce mais doce do que doce de batata-doce.”

V. A. - Agora, dr. Renato, eu gostaria de voltar um pouquinho atrás. O senhor teve, da parte da sua família, incentivo para estudar, fazer curso superior? Porque o senhor poderia, por exemplo, seguir a vida profissional de seu pai, trabalhando no comércio. Como foi essa decisão?

R. A. - Não, meu pai queria que eu fizesse curso superior. Ele não tinha assim grandes recursos, mas ele quis e deu oportunidade para eu fazer o curso superior.

V. A. A família considerava isso importante.

I. F. - E a vida social, lá em Ouro Preto? Os mineiros gostam muito de uma seresta. Lá também tinha isso?

R. A. - Tinha. Eu nunca fui seresteiro, não, porque eu não sabia tocar instrumentos musicais, como não sei até hoje. Nem era cantor. As serestas lá, que nós chamávamos mais comumente de serenatas... Tinha alguns colegas que tocavam muito bem violão. Normalmente não eram os melhores estudantes, não. [risos] Não vou dizer que não fossem inteligentes, mas eram desse tipo um pouco mais boêmio. Então era muito comum, em Ouro Preto, a serenata. Acho que até hoje... Não sei, estou formado há mais de 50 anos e não sei como é a vida lá, hoje, de estudante. Mas conheço muitos colegas, que depois se tornaram grandes engenheiros, que cantam muito bem, tocam muito bem violão. Eram muito comuns, principalmente aos sábados, feriados, as serenatas.

I. F. - Não é em Ouro Preto que os estudantes tinham fama de roubar galinha e depois chamar o dono do galinheiro para comer a galinha?

R. A. - Exatamente, exatamente! Havia muito roubo de galinha lá. Principalmente aos sábados e domingos; a gente tinha galinha frita, galinha ensopada, galinha ao molho pardo. [riso] Isso de chamar o dono da galinha para comer eu acho que era um pouco mais excepcional, mas eu lembro que em uma ocasião roubaram... Eu não participava muito disso, não, fui sempre meio, como se diria hoje, careta; era mais de estudo, não era muito atraído por essas boemias, não. Mas me recordo que em uma ocasião fizeram um roubo de galinha lá, inclusive pelo menos dois colegas meus de república participaram. E depois o professor, [riso] que era o dono das galinhas, descobriu e apareceu lá com um automóvel, não sei se com o delegado, e queria as galinhas dele. Mas aí começaram a tirar as galinhas todas e os estudantes reclamaram porque estavam não só tirando as galinhas que foram roubadas dele como outras que ele não tinha nada que ver com aquilo. [risos]

I. F. - Eu soube que tinha uma brincadeira lá de roubar galinha, apostar quem ia roubar, quem ia fazer.

Bom, então vamos para os estudos durante a faculdade.

R. A. - Bom, como eu disse a princípio, o estudo era muito rigoroso em Ouro Preto. Principalmente os dois primeiros anos — era basicamente matemática. Nós tínhamos descritiva, tínhamos analítica, geometria descritiva e geometria analítica, cálculo diferencial, cálculo integral e também parte de física e química. E desenho também. Nesses dois primeiros anos, os estudos eram muito apertados nisso e a gente tinha às vezes alguma aula de manhã, voltava para almoçar, depois tinha um periodozinho, e uma hora depois do almoço, duas horas, já começavam as aulas. E tínhamos aula até aí pelas quatro horas da tarde ou coisa assim. Aí voltava-se para a república, jantava-se, dava-se um passeio, fazia-se o *footing*, como se dizia naquele tempo. Não sei se conhecem Ouro Preto... Tem a rua São José, que eu acho que é a única rua plana de Ouro Preto, tudo é subida ou descida. Ali então tinha o centro acadêmico, tinha os barezinhos, tinha o cinema, e a gente ficava passeando para lá e para cá. Quem tinha namorada, ficava olhando a namorada de longe — namorado naquele tempo não era tão chegado como o de hoje. Tinha o *footing*, mas às oito da noite a gente estava em casa para estudar. De um modo geral, aqueles que levavam a coisa mais a sério, às oito da noite estavam em casa estudando. E assim passamos.

Depois, aos poucos, a partir do desenvolvimento, terceiro ou quarto ano, nós começamos a ter matérias mais práticas. É preciso dizer que, naquela época, os cursos não eram só metalurgia. Era engenheiro civil e de minas. Então nós tínhamos o curso civil e o curso de minas juntos, e o curso de metalurgia também. A escola, inicialmente, foi fundada especificamente para a parte de geologia e mineração, mas a demanda era muito pequena naquela época, para técnico. Então, depois, foi necessário introduzir o curso civil. Nós, então, tínhamos um curso de seis anos. Hoje parece que já está separado em vários cursos, mas naquele tempo era um curso de seis anos. Tanto que eu entrei para a escola em 34 e saí em 40. E nós tínhamos a parte de cálculo de concreto armado, estabilidade das construções, tinha mecânica, tinha eletricidade. Depois passamos também para outras cadeiras: mineralogia, geologia, estudamos até botânica como uma base para estudar paleontologia, porque o engenheiro de minas tem obrigação de saber um pouco sobre fósseis. Então, estudava-se — nos primeiros anos, acho que até no segundo ano — botânica e zoologia para servir como base para a

compreensão da paleontologia, que era praticamente no último ano. E tivemos muito bons professores, fizemos muitas excursões.

Eu, passada essa parte básica de matemática, comecei a tomar gosto — porque eu sempre tive uma tendência para a parte física, física e química, principalmente física. Comecei a tomar gosto pela parte de metalurgia e fui me especializando naquilo, estudando mais aquilo, vamos dizer assim, do que a parte de engenharia civil que me atraía menos. Eu fazia o que era necessário, mas me aprofundava e me dedicava mais à parte de metalurgia em geral e siderurgia, que é a metalurgia do ferro. Então eu estudava bastante, fiz estágios, visitas àquelas usinas existentes naquela época em Minas...

V. A. - Quais?

R. A. - Por várias delas, mas principalmente a mais importante naquele tempo que era a Belgo-Mineira, Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, que tinha uma usina mais antiga em Sabará e outra em Monlevade. Em Monlevade era uma usina nova que estava em construção ainda, parte em operação e parte em construção. O último período de férias que tive, em meados de 39, eu passei na usina de Monlevade, passei dois meses lá.

V. A. - Fazendo o trabalho de campo conforme o Henri Gorceix...

R. A. - Trabalhando lá, já operava naquela época alto-forno, não havia coqueria porque era alto-forno a carvão de madeira. Então, trabalhando com os técnicos... Naquele tempo os turnos — talvez eu não ficasse as 12 horas — eram de 12 horas. Eram dois turnos de 12 horas. Sendo que, no fim de semana, para mudar o pessoal que trabalhava de noite para de dia, cada turno trabalhava 18 horas, para a virada. Depois passou para oito horas. Eu trabalhei, aqui na usina, sempre oito horas. Hoje são quatro turnos de seis horas.

Mas então eu fiz estágio nos altos-fornos a carvão de madeira, depois na aciaria. Eu estava inclusive estagiando na aciaria... A Belgo-Mineira tinha alguns técnicos estrangeiros também, principalmente belgas, franceses, alguns italianos também. A parte de laminação estava em montagem ainda, então produzia-se o ferro-gusa, o aço, e o lingote de aço era mandado para Sabará onde era laminado. Depois foi completada a laminação. Mas eu me lembro que estava estagiando na aciaria, em Monlevade, quando passou um grupo em que estava o general Macedo Soares — naquele tempo era capitão — acompanhando o grupo da United States Steel quando ainda se pensava que a siderurgia brasileira seria feita em uma *joint venture* com a United States Steel — que depois abortou e foi feita como foi feita.

V. A. - Isso em 1939?

R. A. - Isso foi quando estourou a guerra, eu estava lá. O general Macedo conta até, no livro dele¹, que eles estavam viajando de Monlevade para Vitória quando tiveram a notícia de que os alemães tinham invadido a Polônia, não sei se foi em 31 de agosto, ou por aí, de 39.

V. A. - Foi em 1° de setembro.

¹ Nesta e em outras menções ao livro do general Macedo Soares, o entrevistado refere-se a *O ferro na história e na economia do Brasil* (Rio de Janeiro, Biblioteca do Sesquicentenário da Independência do Brasil, 1972), de autoria de Edmundo de Macedo Soares e Silva.

R. A. - Primeiro de setembro?

V. A. - Foi.

R. A. - Eu acho que foi na virada de agosto para setembro, não sei exatamente o dia. Eu me lembro que causou...

[FINAL DA FITA 1-A]

R. A. - ... Acho que era Louis Enschedé. Ele era o chefe geral da Belgo-Mineira, na parte operacional. E tinha um superintendente em Sabará, não sei se o nome era Charlet, e um em Monlevade, dr. Hein. Eu me lembro que eles se reuniram e chamaram os técnicos, porque havia técnicos europeus montando equipamentos — como eu disse, a laminação ainda estava sendo montada. Eu era apenas um estudante, e sei dizer que eles tiveram uma conversa muito séria para que o problema da guerra não influísse na operação.

Mas eu me recordo da passagem dessa comitiva por Monlevade na ocasião em que eu estava estagiando lá. Foi o último período de férias que eu tive.

I. F. - E o senhor imaginou que algum dia poderia trabalhar com eles?

R. A. - Pois é, eu não imaginei. A senhora agora me lembra um outro fato, um pouco fora desse contexto de que estamos falando. Em São Gonçalo, onde eu morava, na frente da minha casa havia um senhor, até advogado e também fazendeiro, dr. Júlio Meireles. Ele tinha uma filha, d. Estela Meireles, casada com um senhor, um médico, dr. Plínio de Carvalho, grande fazendeiro aqui em Amparo. E eu me dava muito com os filhos mais novos do dr. Júlio, que eram mais ou menos da minha idade, e eles falavam muito que vinham de trem até Volta Redonda e daqui iam para Amparo. E eu nunca imaginei que um dia viesse trabalhar e morar em Volta Redonda. [riso] A senhora falou isso e eu me lembrei desse outro fato.

I. F. - A vida dá essas voltas.

R. A. - Pois é.

I. F. - E o senhor lá já conheceu o general Edmundo, ou só ouviu falar?

R. A. - Não. Naquela época eu não o conhecia. Eu vim a conhecer o general Macedo Soares em Cleveland. Agora eu estou saltando um pouco. Então, voltando um pouquinho — daqui a pouco a gente chega nesse ponto —, eu terminei meu curso na escola, minha turma se graduou em 1º de julho de 1940 — estamos com 58 anos de formados. Nessa altura, eu já tinha um convite para dirigir um alto-forno a carvão de madeira.

I. F. - Lá na Belgo?

R. A. - Não na Belgo. Eu até tinha interesse, a Belgo-Mineira naquela época era a empresa maior. Mas não houve oportunidade e eu recebi um convite da Usina Queirós Júnior, que era uma empresa siderúrgica que tinha altos-fornos a carvão de madeira, mas não produzia aço, não. Tinha fundição, era ferro fundido, tinha uma usina perto de

Itabirito, em um lugar chamado Esperança. E eles arrendaram um alto-forno em uma localidade muito pequena chamada Gajé, que é uma estação da Central do Brasil próxima a Conselheiro Lafaiete. No sentido de Lafaiete para Belo Horizonte, era a primeira estação. Só trens de carga que paravam lá. E eles estavam precisando de um engenheiro lá. Então eu me formei no dia 1º de julho de 40 e no dia 1º de agosto — eu passei um mês em casa —, um mês depois, comecei minha vida profissional junto desse forno a carvão de madeira em Gajé. Mas já pensava na grande siderúrgica, que os jornais comentavam muito.

Em 40, já existia a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional. Eu tinha vontade de ir, porque era o maior desenvolvimento da siderurgia. Mas fiquei lá no meu forminho a carvão de madeira. Até que um dia, o meu chefe lá me chama, em Itabirito, e diz que a Companhia Siderúrgica tinha entrado em contato com o escritório da Queirós Júnior no Rio pedindo que eu fosse cedido para a Comissão Executiva. Aí eu fiquei sabendo como ocorreu isso.

Aconteceu que, depois de organizada a Comissão Executiva, o general Macedo Soares foi para os Estados Unidos cuidar dos assuntos e queria levar um grupo de engenheiros para acompanhar o projeto que estava sendo feito pela firma consultora, McKee, em Cleveland. E eles pediram à Escola de Ouro Preto que indicasse um nome. Eu acho que como eu tinha me formado, os professores certamente notaram — porque eram grupos pequenos, minha turma era de 15 — minha inclinação, e já trabalhando em alto forno a carvão de madeira, meu nome foi indicado para a comissão que, por sua vez, sabendo que eu estava trabalhando com a companhia Queirós Júnior, entrou em contato com os dirigentes. Naquela época, se não me engano, o dirigente aqui era uma pessoa que depois ficou um historiador famoso. Era o... foi goleiro do Fluminense... Marcos de Mendonça.

V. A. - Ele era dirigente da Queirós Júnior no Rio?

R. A. - A Queirós Júnior foi uma firma fundada por um senhor, falecido, que tinha três filhas e não tinha filhos. Uma famosa, que tem até uma praça com o nome dela no Rio, perto da Santa Casa, Ana Amélia Carneiro Queirós de Mendonça, foi a rainha dos estudantes. Essa filha casou-se com esse Marcos de Mendonça. O Marcos de Mendonça tinha se tornado famoso, no princípio do futebol, porque era goleiro do Fluminense. Entre os jogadores do Fluminense não podia ter preto, só tinha brancos, estudantes de medicina etc. E depois ele se tornou muito conhecido como historiador. Inclusive há um livro sobre o intendente Câmara, que foi um dos pioneiros da siderurgia no século passado, em Minas. E ele tem um livro grande sobre o intendente Câmara.

Mas ele então chefiava a parte comercial no Rio. A parte industrial, em Minas, era dirigida por um outro genro do velho Queirós, que era o comandante Joaquim Costa. Ele era um oficial da Marinha portuguesa, mas reformado e que trabalhava lá. Era uma pessoa muito fina. A gente pensa em português imigrante, mas ele era uma pessoa educada, muito fina e dirigia a parte lá... Então ele me chamou lá e disse que lamentava muito, que eu estava há muito pouco tempo, mas que eles não podiam me segurar porque achavam que eu estava tendo uma boa oportunidade.

Aí tem até um ponto que seria interessante comentar. Eu já estava trabalhando há alguns meses em Gajé, mas não estava muito satisfeito com o ambiente porque eu era o único engenheiro — os outros eram operários e tinha um mestre de obra. Eu achei que as minhas idéias não estavam coincidindo muito com as do técnico que tinha lá. Eu não estava muito satisfeito e então entrei em contato com um colega meu que estava trabalhando no serviço geológico, no Departamento Nacional da Produção Mineral, para

ver se podia me arranjar um lugar, que eu não estava muito satisfeito lá, não. E ficou nisso, meu colega não deu notícia. Quando eu fui chamado, lá em Itabirito, e me disseram que eu tinha que vir ao Rio para ter contato com a Comissão Executiva e com o pessoal deles aqui, eu tomei um trem da Central e vim para o Rio. Quando cheguei em Japeri — antigamente acho que era Belém até, o nome da estação — comprei o *Correio da Manhã* e fui ler. E lá estava a minha nomeação para o Departamento Nacional da Produção Mineral. [riso] Eu cheguei no Rio com dois empregos: um no Departamento Nacional da Produção Mineral e outro na Comissão Executiva do Plano Siderúrgico. Naturalmente, a minha tendência era toda para a comissão. Fui lá conversar e disseram que eu me aprontasse, que dentro de uma semana eu iria para os Estados Unidos.

V. A. - Nossa!

R. A. - De modo que procurei o chefe do Departamento Nacional da Produção Mineral e expus a ele a situação. Eu disse que lamentava, que tinha realmente pedido aquele lugar mas ocorreu uma oportunidade que era para mim de muito maior significação, porque era exatamente a minha especialidade, e era uma oportunidade que eu não poderia de maneira nenhuma deixar de segurar. Ele compreendeu, e a minha carreira no Departamento da Produção Mineral foi abortada nesse ponto.

I. F. - Eu queria que o senhor me contasse uma coisa. Isso era uma exceção naquela época para os engenheiros... Porque era uma carreira muito difícil de começar, não era?

R. A. - Qual carreira?

I. F. - A do engenheiro.

R. A. - Era. Era porque havia muito pouco emprego.

I. F. - Eu queria que o senhor falasse um pouco sobre a carreira de engenharia naquela época.

R. A. - Para começar, eu posso dizer à senhora que em São Gonçalo havia dois homens de cultura um pouco mais elevada do que o comum. Um era meu avô, um juiz de direito muito respeitado, um homem que estudou na famosa Escola de Recife naquela época, sabia latim, sabia inglês — em São Gonçalo não era muita gente que sabia inglês —, assinava revistas inglesas. E o outro senhor era um oficial da Marinha que havia se reformado, um capitão-de-mar-e-guerra. Eu me dava muito com o filho dele, que era meu colega, mais ou menos da mesma idade, e um dia ele estava conversando conosco — eu já estava mais ou menos na época de sair do ginásio: [engrossando a voz] “E *ocê*, menino, o que vai ser?” Eu falei: “Eu estou querendo ser engenheiro.” [engrossando a voz] “Vai morrer de fome.” Isso, para dizer para a senhora o que era.

Mas, para a minha felicidade, a situação mudou muito naquela época. Com o desenvolvimento particularmente de Volta Redonda, o Brasil começou a parte da industrialização. Eu fui para os Estados Unidos, estive lá quase três anos, e quando voltei aqui, Volta Redonda era um tremendo canteiro de serviço.

I. F. - Mas o senhor escolheu a carreira em 34. Sobre Volta Redonda estavam conversando. Chegavam lá essas discussões: Getúlio, como interventor, pensando em desenvolvimento, os nacionalistas falando...?

R. A. - Chegava lá, onde?

I. F. - Em Ouro Preto.

R. A. - Em Ouro Preto chegava, através dos jornais.

I. F. - E o senhor acompanhava? Os estudantes discutiam?

R. A. - Discutíamos muito. Foi a época do comunismo, do golpe comunista de 35, depois o integralista. Tinha um grupo de integralistas lá que até chocou um pouco porque os estudantes em Ouro Preto eram muito unidos, era quase uma família. Era uma cidade pequena, todos vinham de fora, então nós tínhamos um cinema só, um clubezinho só para se dançar, quase que um bar, então eram muito unidos. Depois, quando veio o integralismo... O comunismo não apareceu tanto lá, não; não me recorde de a gente dizer que fulano de tal fosse comunista. Quando apareceu o integralismo, e vários rapazes passaram a fazer parte do integralismo, aí começou, por reação... Porque esse pessoal radical, seja da direita ou da esquerda, quem não está com eles está contra eles. Então alguns que não comungavam daquelas idéias meio fascistas do integralismo eram mais ou menos olhados por aqueles como esquerdistas. Não fizeram nada, muitas vezes era até brincadeira de estudante. Mas então discutia-se muito nessa época essa parte política. Depois essa questão do integralismo, do comunismo, e o estudante — sabe como é o estudante — quer liberdade... E aquele regime, aperto, o golpe de 37, aquilo não era muito bem visto. Mas eu me lembro que o primeiro título de eleitor que eu tirei era para votar no Armando Sales de Oliveira, que era um candidato democrático naquela época e afinal, se eu me lembro, nem se realizou a eleição.

I. F. - Não houve, não.

R. A. - Não se realizou a eleição. Mas eu nunca fui muito político também, nunca me meti muito em política, estava mais interessado na minha carreira. Eu tinha aquela vontade de estudar metalurgia, siderurgia e fui por ali. Depois, então, a gente acompanhava mais pela imprensa, jornais. Em Ouro Preto nós tínhamos os jornais de Belo Horizonte diariamente e nós acompanhávamos por ali. Mas não prejudicou em nada...

I. F. - E as discussões sobre o desenvolvimento da siderurgia, sobre a Itabira Iron, sobre essas comissões, chegavam lá? Vocês acompanhavam?

R. A. - Itabira Iron parece que já era uma coisa um pouquinho velha naquela época. Itabira Iron, pelo que eu leio, teve mais realce na década de 20. Depois, entrou o Getúlio e dois ou três anos depois foi considerado caduco o contrato da Itabira Iron. Não sei se foi em 34 ou coisa assim e não se falava muito em Itabira Iron. O que se sentia mais lá, e que havia um pouco mais de reação, era o fato de ter sido escolhida Volta Redonda. Os mineiros não se conformavam que a usina não fosse em Minas Gerais porque a siderurgia, naquela época, praticamente era toda em Minas Gerais. O minério estava lá, era carvão de madeira, tinha a Belgo-Mineira e as outras empresas lá, muito pouca coisa fora, pouquíssima coisa aqui no Rio e em São Paulo. Então, a gente participava um pouco daquilo. Eu me lembro até que, depois que eu estava em Cleveland, uma ocasião, procurando... para me convencer, o Macedo Soares me deu um pito porque achou que

eu estava querendo saber muito por que Volta Redonda, por que a usina não foi feita em Minas Gerais. Mas basicamente não houve nada de extraordinário.

V. A. - O senhor deve ter sido um bom aluno na Escola de Minas.

R. A. - Fui, eu fui sempre um bom estudante.

V. A. - O senhor se destacou. Eu imagino que a sua recomendação para a Comissão Executiva tenha sido por causa disso.

R. A. - Certo.

I. F. - E o senhor já falava inglês?

R. A. - Não. Eu estudei, gostava muito de línguas, mas tinha aquele inglezinho de ginásio. Fiz até alguns cursos, mas quando eu fui mandado para os Estados Unidos, eu e um outro rapaz que foi meu colega também... Nós fomos mandados juntos, no navio, em fevereiro de 1941. Nós tomamos um daqueles navios da chamada frota da boa vizinhança. Eram o *Brasil*, o *Argentina* e o *Uruguai*. Eu me lembro que a Comissão Executiva reservou para nós lugar no navio *Argentina* e um outro estava no Rio com turistas para o carnaval. E o navio partiu do Rio na quarta-feira de cinzas, às seis da manhã. [riso] Eu, como mineiro, não participei de carnaval, já dormi até no navio. Meu colega tinha família no Rio, ainda pernoitou em casa; de manhã ele chegou lá para tomar o navio. E eu acho que as pessoas levaram pelo menos 24 horas para aparecer no navio, porque todo mundo estava na ressaca do carnaval.

I. F. - Como era o nome desse seu colega, o senhor lembra?

R. A. - Era Arnaldo Claro São Tiago Filho. Ele fez o curso militar, foi militar, fez a Escola Técnica do Exército, mas eu só fui conhecê-lo no Rio, na comissão. Ele tinha sido indicado talvez pela Escola Técnica, não sei. Nós fomos então juntos, ele deixou a família, a senhora dele tinha tido criança há muito pouco tempo e nós fomos juntos. Só depois, uns dois ou três meses depois, é que a família foi para Cleveland.

I. F. - Eu não entendi direito. Quem indicou o senhor para a comissão, para ir para Cleveland? O senhor estava trabalhando na Belgo, tinha pedido um emprego...

R. A. - Na Belgo, não, eu fiz estágio na Belgo. Eu trabalhei na Queirós Júnior.

I. F. - Na Queirós Júnior, tinha pedido um emprego no Rio, mas quem indicou o senhor...

V. A. - Foi a Escola de Minas.

I. F. - A Escola de Minas, os professores.

R. A. - É. A Comissão Executiva solicitou à Escola de Minas que indicasse o nome de um engenheiro para fazer parte da comissão. E a Escola de Minas indicou o meu nome.

I. F. - E o senhor, como disse a Verena, deve ter se sobressaído bastante.

R. A. - Eu fui bom aluno e, além disso, estava me dedicando muito — já tinha feito estágios — à parte de metalurgia e de siderurgia.

V. A. - E o que era essa frota da boa vizinhança?

R. A. - Naquela época eram três navios de uma mesma firma americana, acho que era Moore McCormack o nome da firma. Ela tinha três navios e naquela época do Roosevelt, a política do Roosevelt para a América Latina era chamada de política da boa vizinhança, *good neighbour policy*. Então essa firma Moore McCormack, que eu não sei detalhes, tinha três navios que faziam a linha de Nova York para o Rio até Buenos Aires.

I. F. - Montevidéu e Buenos Aires.

R. A. - E voltava, tinha parada no Caribe. Me lembro que quando eu fui, parou em Port of Spain, na — como era o nome da ilha? — ilha de Trindade, Port of Spain. Parou lá, não fazia direto. E ia até Nova York. Por isso, se chamava frota da boa vizinhança: eram três navios com os nomes dos países que eles tocavam — Brasil, Uruguai e Argentina.

I. F. - Quanto tempo de viagem, dr. Renato?

R. A. - Eu acredito que eram uns 10 a 12 dias. Aliás, nós saímos do Rio, como eu disse, em fevereiro, com um calor enorme, esse calor naturalmente foi até se acentuando um pouco, e a vida a bordo tinha piscina, aquela história toda, vida de clima tropical. E para mim foi até uma surpresa quando, já mais para o fim da viagem, uma noite, quando cheguei na cabina, eu e meu colega vimos que tinha cobertores. “Mas por quê?” A razão era a seguinte: por causa da corrente, *gulf stream*, que sai do golfo do México, e a queda de temperatura — em Nova York era inverno... Quando ele sai do *gulf stream*, a gente entra no ar frio, a temperatura cai e toda aquela vida no deque do navio, aquilo acaba, é tudo fechado. Nós tivemos uns dois dias com atividades praticamente só internas. Quando cheguei em Nova York, eu vi neve pela primeira vez na minha vida.

I. F. - E quando o senhor foi escolhido para essa comissão e soube que ia para os Estados Unidos, teve alguma palestra, teve reuniões para prepará-lo para o que ia fazer lá?

R. A. - Não muita coisa. Eu fui ao escritório da Comissão Executiva, que na época, se não me engano, era no Ministério da Viação, na avenida Nilo Peçanha, acho que trinta e tantos. De vez em quando até passo lá e olho o número. O ministro da Viação deu muito apoio, naquela época, e acho que deu um andar inteiro lá. E eu fui lá naquela época e fui recebido pelo dr. Ari Torres, porque o Macedo Soares estava nos Estados Unidos e o Ari Torres ficou aqui. Dr. Guinle era o presidente e o Ari Torres era quem estava organizando os escritórios de Volta Redonda e do Rio de Janeiro, de modo que fui recebido pelo Ari Torres. Conversamos um pouco, mas não houve palestras. Nós fomos mandados, e lá, então, é que tivemos a introdução ao serviço com o Macedo Soares.

I. F. - Quer dizer que o senhor foi meio no escuro, meio sem saber o que ia acontecer, o que ia fazer?

R. A. - É verdade. Até, quando eu estava na casa de uma tia-avó minha no Rio, conversando sobre isso, eu eufórico — para mim eu tinha tirado a sorte grande e não conversei mais: “Quero ir para os Estados Unidos, vou para os Estados Unidos.” Arrumei minha mala: “Estou pronto para ir.”

V. A. - E sua família, o que achou?

R. A. - Eu era solteiro.

V. A. - Mas sua mãe, o seu pai, acharam ótimo ou não, ou ficaram apreensivos?

R. A. - Bom, aí teve um problema. Eu estava em Gajé, naquele alto-forno a carvão de madeira. Naquela época — esse é um problema mais ou menos pessoal, não sei se cabe... Nós tínhamos sofrido, na família, um golpe muito duro: a minha irmã de 12 anos tinha falecido. Ela faleceu exatamente quando eu estava fazendo os exames finais. Meus pais, como foi uma coisa muito rápida, escreveram para um primo de mamãe, que era professor lá, para que, quando terminassem os exames, me chamasse e comunicasse. Eu, quando terminei o exame, recebi a notícia de que ela tinha falecido. De modo que a formatura, para mim, não é uma lembrança muito alegre, não.

Eu então, quando fui trabalhar, fui a Minas, fiquei um mês, fui para Gajé e depois levei meus pais, meu pai e minha mãe, para Gajé também. Eles estavam lá comigo, tudo muito bem, quando...

V. A. - Morando lá?

R. A. - É, eles passaram alguns meses lá comigo. Quando eu tive esse convite, fui chamado ao Rio, voltei e contei. As reações de meu pai e minha mãe foram completamente diferentes. Minha mãe, uma cearense muito firme, não sentiu. Mas meu pai sentiu muito. Ele já tinha perdido a filha, não tinha nem um ano, devia ter uns seis meses, e então ele ficou muito chocado. “Mas você vai embora, vai nos deixar?” Mas eu não podia também ficar. E minha mãe falou: “Não, deixa ele ir. É a carreira dele, o futuro dele.” Minha mãe sempre foi muito firme nessas coisas, meu pai era mais sentimental. Então, a coisa correu, eu arrumei minha trouxinha, fui com eles, os deixei em São Gonçalo do Sapucaí e fui para o Rio.

V. A. - O senhor estava falando da história de um primo.

R. A. - Eu estava lá no Rio e fui visitar uma tia-avó minha, que eu uma ou duas vezes tinha estado no Rio, na casa dela. E estava muito eufórico em ir para os Estados Unidos. E um irmão dela me perguntou: “Mas não tem um contrato? Você não assinou um contrato, vai assim?” Eu fiquei até assustado. “Não, não assinei nada, não.” [riso] E de fato, não assinei nada. Foi na base da confiança. Como se tratava de uma organização quase governamental...

V. A. - Era governamental.

R. A. - Eu, de um lado, vamos dizer, eufórico com aquela sorte grande que aconteceu na minha carreira. E de outro lado, o respeito e a confiança que a gente devia ter naquele grupo porque era um grupo de pessoas escolhido pelo governo, com pessoas de alto

gabarito e conhecidas na imprensa e tudo o mais. Nem me passou pela cabeça assinar um contrato, um papel para passar tanto tempo lá.

V. A. - Mas eles deram a passagem para o senhor e para o seu colega.

R. A. - Deram a passagem, disseram como era, o que eu ia ganhar, essas coisas, essas informações. Só que não houve um contrato escrito. Podia, sei lá, o Macedo Soares lá tinha plenos poderes para ficar com a pessoa ou, se não servisse, mandar para trás. De modo que foi nessas condições. Felizmente correu tudo bem.

I. F. - O senhor estava plenamente consciente de que estava preparado para uma missão dessas? O senhor tinha confiança no seu mérito, não foi espírito de aventura não?

R. A. - Não foi, não. Eu estava entusiasmado com aquilo.

I. F. - O senhor, pelo que já nos contou, não era muito aventureiro, não. O senhor era muito de estudar. Quer dizer, o senhor tinha confiança nos seus conhecimentos e no que estava fazendo.

R. A. - É claro. É a mesma coisa que uma pessoa que está jogando futebol no Voltaço e recebe um convite para ir jogar no Vasco da Gama ou no Flamengo; ele não pensa duas vezes, não é!? Porque é a carreira dele. Ele vê, de um momento para outro, que a porta, as coisas se abrem na frente dele. Eu tinha uma certa confiança porque eu tinha estudado, tinha feito estágios, estava trabalhando, eu tinha uma certa confiança em mim. Embora eu fosse trabalhar... Quando cheguei lá, inclusive por essa minha experiência... O Macedo Soares distribuiu serviços: esse meu colega ficou cuidando da aciaria, outro cuidava da parte de coqueria, outro cuidava de laminação, outro, de parte elétrica, e ele me pôs para cuidar de altos-fornos porque eu tinha trabalhado em altos-fornos. Só que eu saí de um alto-forno de 50 toneladas por dia e fui estudar projeto, naquela época, para um alto-forno de mil toneladas por dia. De modo que era um equipamento um tanto ou quanto diferente de tudo o que se tinha naquela época, de controle.

V. A. - O senhor chegou de navio em Nova York.

R. A. - Em Nova York.

V. A. - Aí pegou um trem para Cleveland? Como foi isso?

R. A. - A companhia tinha um pequeno escritório. O escritório do projeto era em Cleveland, porque era a sede da firma consultora, que era a McKee. Mas eles tinham um pequeno escritório ainda em Nova York. Nós fomos recebidos lá por um funcionário, seu Livreri, Rafael Livreri, que chegou e a primeira coisa que o assustou foi quando nós estávamos descendo do navio — eu e o meu colega São Tiago — com uma roupinha da casimira Aurora naquele inverno de neve por todo o lado. Ele nos pegou, acho que me deu um cachecol, uma coisa assim qualquer, nos pôs dentro de um táxi, fomos para um hotel em Nova York. Muitos anos depois, eu estive em Nova York e fui ver o hotel, Hotel Taft. Taft é o nome até de uma família política dos Estados Unidos, importante. Foi um presidente? Acho que foi, Taft. Então fomos lá, deixamos a bagagem e ele disse: “Bom, agora vamos comprar roupas para esse inverno.” Descemos e até, nesse período, há um episódiozinho interessante. O Livreri, eu e o São Tiago ali; o Livreri querendo

nos orientar na vida de cidade grande, Nova York e tudo o mais. Então, fomos no quarto, não me lembro mais em que andar era, hotel grande, estávamos descendo de elevador e tinha várias pessoas no elevador, pelo menos uma meia dúzia — elevador grande. Nisso, o São Tiago falou com o Livreri, discretamente: “Ô Livreri, parece que eu ouvi falar português.” Então, o Livreri deu uma nele: “Não, o senhor tem que ter muito cuidado aqui em Nova York, as pessoas às vezes fingem isso e depois se aproximam, se aproveitam das pessoas.” Então, nós ficamos quietinhos. Quando o elevador desceu para a parte de baixo, no térreo, saímos do elevador, essas pessoas chegaram para nós: “Nós queremos nos apresentar. Somos engenheiros da estrada de ferro lá do Rio Grande do Sul.” [riso] Eram engenheiros que estavam comprando equipamentos.

Dali fomos à loja, compramos roupa adequada, suéter, luva, chapéu, cachecol, sobretudo, depois tomamos uns *drinks* também para esquentar. Mas só ficamos lá um dia. Depois tomamos um trem e fomos para Cleveland. Naquele tempo, avião era muito pouca coisa. E passamos a noite.

I. F. - E esse Livreri era de que nacionalidade?

R. A. - Eu acho que ele era brasileiro. Nome italiano, mas era brasileiro. Era um funcionário...

I. F. - Ele falava português?

R. A. - Falava português, ele e senhora dele.

V. A. - Ele era funcionário da Comissão Executiva?

R. A. - Ele estava na comissão. Naquele livro, o general Macedo cita o nome dele: Rafael Livreri.

V. A. - Ele era funcionário da Comissão Executiva?

R. A. - Era. Naquela altura... A Companhia Siderúrgica nasceu em 9 de abril de 41. Nós estamos falando de março de 41, pelo menos um mês antes. Quando foi fundada a companhia, a comissão deixou de existir, fez um relatório... Mas nós continuamos, agora como funcionários, engenheiros, da Companhia Siderúrgica Nacional.

V. A. - E essa firma McKee? O senhor pode nos contar um pouquinho?

[FINAL DA FITA 1-B]

I.F. - O senhor já conhecia o dr. Ary Torres?

R.A. - Não.

I.F. - Ele já tinha estado nos Estados Unidos com o dr. Guilherme Guinle e com o general Edmundo Macedo Soares.

R.A. - É, foram lá tratar do financiamento.

I.F. - É, do financiamento. Negociaram tudo e depois o general Edmundo ficou e ele e o dr. Guilherme Guinle voltaram.

R.A. - Voltaram para o Brasil, exatamente.

I.F. - E o general Edmundo, o senhor só conheceu lá.

R.A. - É, aquela pergunta da senhora.

Então, fomos de trem. As viagens de trem lá, normalmente, eram feitas à noite porque as pessoas aproveitavam o dia para tratar dos assuntos. Então, nós viajamos à noite e chegamos a Cleveland, eu e o São Tiago, na manhã do dia seguinte, e estava o Macedo Soares nos esperando na estação. Nós éramos fichinhas perto dele, mas ele estava lá na estação, não mandou funcionário nenhum esperar. Estava lá nos esperando, nos levou até o escritório, e depois um funcionário foi nos arranjar um hotel para ficarmos inicialmente. E foi aí que eu conheci o Macedo Soares, embora eu me lembre que as pessoas da minha família, uma que eu chamava de avó porque era mais velha, mas era prima do meu pai, ela tinha tido contato. Quando eu era menino, ela mostrava muitas fotografias e dizia que tinha estado com pessoas da família Macedo Soares no Rio de Janeiro etc. Então o nome não era inteiramente estranho para mim. E depois, o nome do general Macedo, naquele tempo, já estava muito nos jornais, era relativamente conhecido especialmente para a gente, que estava muito ligada a esse problema de siderurgia. Ele, também, eu acho que conhecia um pouco alguns membros da minha família Azevedo — tanto que ele me chamava de Azevedo.

Eu fui Renato Frota até me formar. Quando entrei na companhia, passei a ser Renato Azevedo. Mas lá nos Estados Unidos, em geral, as pessoas são tratadas pelo último nome. Então, lá eu era Mr. Azevedo. Só que o americano dizia Azevedo. Ou quem ouvia Azevedo escrevia Azevedo. Para sair Azevedo, tinha que escrever Azevedo. Então, se liam Azevedo, diziam Azevedo.

I.F. - Como foi o impacto do senhor ao chegar lá, em uma companhia como a McKee, que era uma coisa grande? O senhor um mineirinho do interior...?

R.A. - Eu não me senti muito diminuído, não. [risos] Eu estava tão entusiasmado que entrei no jogo sem aquecimento e fui tratando... Depois, o general Macedo — naquele tempo eu acho que era coronel, não era mais capitão — o coronel Macedo Soares nos deu orientação, nos apresentou aos engenheiros chefes da McKee, que era uma firma de consultoria de muita reputação. Tinha uma parte que tratava de petróleo e outra parte de siderurgia. Tinha feito, inclusive, usinas siderúrgicas na Índia, na Rússia, no Canadá, na Inglaterra. Acho que, naquela época, realmente era a empresa de maior bagagem técnica nos Estados Unidos nesse campo da siderurgia. Nós conhecemos e fomos muito bem recebidos por eles no escritório, inclusive tratando também de aprender inglês.

A senhora me perguntou se eu falava inglês. Eu tinha só aquele inglezinho. Quando cheguei lá, a primeira coisa que eu fiz foi ir para aquela escola Berlitz. Podia tomar aula em grupo, mas eu fiz questão de tomar aula particular. Então, tinha uma hora de aula todo dia. Saía do escritório às quatro, cinco horas, e ia lá para a sala da Berlitz ter aula. E eu, como solteiro, passei um pouco mais apertado do que os outros. Os outros todos estavam com a família. Então, saíam do escritório, iam para casa, falavam português e tal. E eu ficava no hotel e passei uns dois ou três meses como analfabeto quase. Eu tinha um radiozinho — naquele tempo não tinha televisão — e eu ficava à noite ouvindo rádio. Quando identificava uma palavra ou outra, ficava muito feliz. Ia no

cinema e não entendia nada porque não tinha legenda. Então, as primeiras épocas... Mas aí eu procurei estudar e dentro de uns três meses eu estava arranhando o inglês. Eu a conheci em agosto.² Cheguei lá em março e, quando eu a conheci, estava falando mal mas falava, dava para entender.

Mas então, nós trabalhávamos com a McKee, uma firma muito boa, de muita categoria, acompanhando os desenhos, cada um no seu grupo, eles preparando os projetos, as plantas, as especificações de material para comprar o equipamento, dados que eram mandados para o Brasil. Porque a construção civil, a parte de estradas, a parte de fundações e a parte de estruturas de concreto estavam sendo feitas no Brasil, mas isso era com dados que vinham de lá. Para se fazer uma fundação, precisa saber o peso que vai em cima daquela fundação, essas coisas todas. Então, esses dados eram todos mandados para o Brasil e aqui nós já tínhamos uma técnica de concreto armado muito boa. Os americanos custaram um pouco a acreditar nisso, mas depois viram que realmente nós tínhamos engenheiros competentes. Então, mandávamos os dados para que aqui fossem calculadas as fundações, as estruturas.

E eles também pediam dados daqui. Os dados que iam daqui, nós tínhamos que traduzir para o inglês e passar para a McKee, Arthur G. McKee. Eu ainda conheci o fundador lá, já era um senhor idoso mas uma pessoa muito simpática. E tive contato com vários diretores lá, Mr. Haven, que veio ao Brasil fazer um estudo para ver a viabilidade do projeto brasileiro. William Haven, era vice-presidente da McKee e especialista em altos-fornos. No livro do general Macedo tem o nome dele. O engenheiro-chefe... ele não era propriamente metalurgista, era engenheiro civil, mas o general Macedo inclusive tinha uma grande admiração por ele; eu ouvi o general Macedo mais de uma vez dizer que foi dos engenheiros mais competentes que ele conheceu — está no livro dele: Mr. Foell. As iniciais dele eram A, L...

I.F. - E o São Tiago já falava inglês?

R.A. - Não, o São Tiago estava na mesma que eu. Depois, chegou lá e evoluiu.

I.F. - Vocês ficavam sempre juntos?

R.A. - Sempre juntos no escritório. Agora, no escritório, todo mundo queria falar inglês. A McKee nos cedeu uma ou duas secretárias, porque tinha que bater as coisas em inglês, e elas não falavam português. Alguns que falavam um pouco de inglês, inclusive nós tínhamos três brasileiros não engenheiros, que foram contratados lá, brasileiros que moravam lá. Tinha um senhor Vieira, que era o chefe do escritório, falava muito bem inglês, tinha o Silva, Silvino da Silva, que era brasileiro, morava há muitos anos nos Estados Unidos, falava inglês muito bem, e tinha também uma moça, Otilia, que estudou lá, era auxiliar de escritório. Tinha também um rapaz, esse nasceu no Brasil mas era de família portuguesa — perto de Nova York, no estado de Nova Jersey, tem uma colônia portuguesa relativamente grande. Era o Gonçalves, que cuidava da parte de arquivo de desenhos. Mas nós todos fazíamos força para falar inglês no escritório, só inglês. Agora, eles saíam, iam para casa e falavam português. Com isso, eu aprendi inglês mais depressa do que eles porque eu tinha que me virar.

I.F. - E qual foi a sua impressão sobre o general Edmundo Macedo Soares no primeiro momento, o atendimento que ele dava aos engenheiros?

² Refere-se à esposa, d. Emmy.

R.A. - O general era um homem por quem a gente sempre teve uma admiração muito grande. Embora ele fosse... Era um homem de formação militar, um homem que se impunha, mas ao mesmo tempo era um homem que, saindo do serviço, era muito fácil para conversar, tinha um senso de humor muito grande, um homem muito viajado. Era uma pessoa agradável de se tratar. Me lembro que nessa época, enquanto ele estava lá — porque ele ficou lá até fins de 41, depois veio para o Brasil —, todo domingo ele reunia a turma no apartamento dele, nós fazíamos um lanche lá e conversávamos sobre o Brasil de um modo geral. Todo mundo dava opinião, a favor ou contra as opiniões dele, tinha plena liberdade.

No serviço, ele era um homem rigoroso. Eu me lembro, inclusive: uma ocasião eu saí para almoçar... Porque eu almoçava na cidade, eu era solteiro, eu e esse Silvino, de quem eu fiquei muito amigo. Ele era casado, mas ele me tomou para me orientar nos Estados Unidos. Então, nós fomos almoçar. Um dia nós chegamos acho que 15 minutos atrasados no escritório e eu achei um bilhete, do general Macedo, com a letreirinha dele: “Precisei do seu serviço a tal hora assim, assim.” [risos] De modo que no serviço ele era exigente e rigoroso, como deve ser. Mas fora disso, era uma pessoa muito fácil de se tratar, de conversa muito agradável.

V.A. - O senhor, antes de ir a Cleveland, não chegou a vir a Volta Redonda?

R.A. - Não, eu e o São Tiago [riso] fizemos uma viagem... A sua pergunta é interessante. Quando nós chegamos no Rio, tivemos contato com o Ari Torres, ele falou: “Olha, praticamente não existe nada em Volta Redonda, mas é preciso que vocês tenham uma idéia pelo menos da topografia.” Então, nós viemos de trem, eu e o São Tiago, aqui, em Barra Mansa — porque trem de passageiro não parava em Volta Redonda. Foi em Barra Mansa. E eu não sei se comunicaram e tinha um caminhão nos esperando lá. Então, nós viemos no caminhão até aqui e tudo isso era uma fazenda. Devia ter umas três ou quatro pessoas fazendo uma sondagenzinha onde seria o alto-forno. Mas nós olhamos só aquilo, estivemos aqui algumas horas, pegamos o trem e voltamos, para não dizer que não estivemos em Volta Redonda.

I.F. - Lá o senhor foi fazer um estágio, um trabalho, eu estou vendo aqui.³ “Passou a trabalhar nos projetos da usina de Volta Redonda, que estavam sendo executados pela McKee, bem como na compra de equipamentos e materiais destinados ao alto-forno.” O senhor participava também na escolha e na compra dos equipamentos?

R.A. - Participava porque essa compra de equipamentos se fazia da seguinte maneira: os consultores, a McKee, preparavam naturalmente primeiro os desenhos e depois a lista de materiais — o que era preciso, o equipamento, os materiais. Faziam uma lista com as especificações, dimensões, qualidade de material etc. Aquilo era mandado para o nosso escritório e nós verificávamos se aquilo estava de acordo com o contrato que a McKee tinha conosco, se o que eles estavam fazendo era aquilo. Em seguida, a McKee nos dava uma lista de possíveis fornecedores daquele equipamento. Então, quem fazia, por assim dizer, a licitação, éramos nós. Nós, com aquelas especificações preparadas pela McKee, mandávamos para esses possíveis fornecedores. E aí entabulávamos uma certa conversa, eles vinham, perguntavam por algum esclarecimento, o que tinha sido feito também com a McKee, até que eles fizessem as propostas. Mas quando chegavam as propostas mesmo, essas propostas eram estudadas sob o ponto de vista técnico pela McKee. Nós encaminhávamos para a McKee e a McKee então dizia: “Estão de acordo com as

³ Lendo o currículo do entrevistado.

especificações as propostas A, B e C. As outras, não.” As que não estavam de acordo com as especificações eram eliminadas. As que estavam de acordo com as especificações é que iam entrar na parte financeira, econômica. Aí é que nós íamos ver a proposta econômica. E aí o general Macedo, depois o general Raulino, o chefe do escritório, cada um de nós... Eu, por exemplo, era da parte de alto-forno, então recebia as propostas de alto-forno; o São Tiago, da aciaria; o outro, da laminação... Cada um estudava a sua proposta. E depois via com o chefe, trocava idéias, ele ouvia a nossa opinião. Uma vez assentada a opinião do chefe, então era aquela firma a escolhida, a gente comunicava à McKee e comunicava para a firma. Então a firma entrava em contato direto com a McKee para detalhes, com o nosso acompanhamento ao lado.

I.F. - O general Edmundo fala que teve uma discussão sobre os fornos basculantes e os fornos fixos. Primeiro, eu não sei o que são fornos basculantes e fornos fixos, o senhor teria que me dar uma aula sobre isso.

R.A. - Pois não. Isso é na aciaria.

I.F. - E ele diz que os fornos basculantes foram recomendados pela McKee e que ele discordou e acabou provando que os fixos eram melhores. O senhor pode contar essa historinha?

R.A. - É verdade. Inclusive, isso está no livro dele também, de uma maneira bem resumida. O processo dominante, naquele tempo — não é o de hoje —, era o forno Martin, chamado — na aciaria, não tinha nada que ver com alto-forno. E havia uma certa dúvida sobre a quantidade de escória que seria feita em cada fornada. Para fazer uma comparação, o alto-forno está sempre cheio. O alto-forno é como se fosse uma cafeteira em que a senhora vai tirando, vai tirando e ele está sempre cheio. Vai saindo embaixo gusa e vai carregando minério em cima. Já na aciaria, cada forno é como se a senhora fizesse um doce: vai virando aquilo ali, mexendo até chegar no ponto. Chegou no ponto, a senhora tira aquilo tudo. Se fizer mais, vai fazer outra panelada. Na aciaria também é assim. Mas havia uma dúvida, porque as nossas matérias-primas eram diferentes das dos americanos. A escória, que é o resultado do material impuro que sai do gusa — porque a aciaria é na parte do gusa líquido e sucata —, ela fica como se fosse uma espuma em cima do aço. Se a senhora tivesse muita escória... O forno basculante é como se fosse um berço, para a senhora ter uma idéia: ele bascula e facilitaria muito se o volume de escória fosse muito grande. Faria um certo volume de escória e depois então operava. Naturalmente exige um mecanismo para que o forno gire como se fosse um berço assim.

V.A. - Aí jogava fora a parte de cima

R.A. - Jogava a escória, às vezes tinha que fazer outra escória para purificar até chegar no aço. Então, havia uma dúvida sobre isso, porque o forno basculante é muito mais caro. Porque o forno fixo é fixo, não tem que movimentar, não precisa de equipamento. E são fornos grandes, para duzentas toneladas etc. Então aí apareceu essa dúvida: vamos ter fornos basculantes ou fornos fixos? E ninguém sabia, previamente, se realmente justificava um forno basculante, que era mais caro; se fosse muita escória, ele se justificaria. A aciaria inicial era para quatro fornos. A idéia era fazer os três primeiros para depois fazer o quarto forno. Dos três primeiros, foi feito o número 1 — basculante. No lugar do 2, ficou um lugar reservado para ele, uma coisa assim. Fizeram dois fixos e

um basculante para ver a prática o que indicaria. Na prática, chegou-se à conclusão que realmente não se justificava o preço mais alto do basculante, que era um equipamento mais sofisticado, com movimento e tal. Então, daí, já o quarto forno foi feito fixo e nunca mais se fez forno basculante nenhum.

V.A. - Mas não se justificava porque a qualidade do minério brasileiro era diferente?

R.A. - Porque não se tinha aquele volume de escória que a gente receava que fosse necessário fazer. Porque se houvesse muita escória o basculante seria necessário, ou pelo menos recomendável para facilitar a tirada. Sendo uma quantidade menor, seria fácil tirar aquilo, mesmo com forno fixo. Aquilo crescia como se fosse um leite fervendo e corria numa panela de escória sem necessidade de mexer no forno. O forno é uma estrutura fixa.

I.F. - O que me chamou a atenção é que, lendo isso, eu cheguei à conclusão que vocês não aceitavam imediatamente o que a McKee dizia. Era tudo muito discutido.

R.A. - Não, era discutido, era discutido. Até uma parte, que não era metalúrgica mas que deu uma discussão muito grande, foi a estação de tratamento de água aqui. Porque nós usávamos água do rio Paraíba em grande quantidade. Um dos fatores determinantes da localização é o volume de água disponível. E essa água servia para usos industriais mas também para uso das pessoas. Então, tinha que ter uma estação de tratamento muito bem projetada. E o especialista nisso, que era o dr. Paulo Martins, já tratava desse assunto em Santos, era engenheiro do Departamento de Águas não sei se de Santos ou de São Paulo. Ele então foi para a companhia e para Cleveland principalmente para essa parte civil. E houve uma discussão muito grande sobre o que ele queria fazer e o que a McKee queria fazer. Chegaram em um determinado momento em que o engenheiro-chefe da McKee pôs uma régua em cima do projeto, passou um traço e falou: “Daqui para cá é responsabilidade da McKee; daqui para lá é responsabilidade de vocês.” [riso]

V.A. - Quer dizer que essa firma dava consultoria não só para a parte siderúrgica e metalúrgica, mas também para a parte civil?

R.A. - A especialidade deles era realmente a parte siderúrgica. Como eu disse: duas partes. Uma que não nos interessava, que era petróleo, e a parte siderúrgica. Ela era famosa pela parte siderúrgica. Mas ela tinha conhecimentos de engenharia civil.

V.A. - Por que o Paulo Martins, que estava tratando da parte civil, de águas, teve que ir para Cleveland?

R.A. - Porque na usina não tem só equipamentos. Você tem estradas, estradas de ferro, há uma verdadeira ferrovia, uns 30 km de ferrovia aí dentro. Tem a parte de tratamento de água, as fundações, a parte elétrica...

V.A. - E isso tinha que ser discutido com a firma consultora?

R.A. - Bom, tinha os especialistas. Na parte elétrica nós tínhamos um grande contrato com a General Electric, coisas com a Westinghouse, Allis Chalmers etc. E a parte mecânica também. Mas a McKee não fazia só alto-forno. A especialidade dela era mesmo alto-forno, mas ela tinha conhecimento geral. Ela até se tornou mais famosa

com um equipamento que tinha antigamente, hoje não tem mais, no topo do alto-forno, que se chamava distribuidor McKee. O fundador da firma é que descobriu esse sistema de distribuir carga em cima do alto-forno. E ela ficou famosa, era a firma de maior reputação para a construção de altos-fornos naquela época. Mas tinha uma parte grande da usina que era de engenharia civil: estradas, hidráulica, tubulações de água, tubulações de gás. Parte elétrica já é quase eletricidade, uma especialidade também. De modo que o Paulo Martins dava opinião sobre essa parte principalmente civil, inclusive nessa parte de água em que ele tinha uma boa experiência. De modo que ele discutiu muito isso com a McKee. [riso]

V.A. - E a parte do Brasil, da régua para cá, deu tudo certo?

R.A. - Deu tudo certo, no fim deu tudo certo.

V.A. - Outra coisa que o senhor comentou foi que, quando estava em Cleveland, o general Macedo Soares disse que o senhor estava querendo saber coisas demais sobre por que foi escolhida Volta Redonda. Como foi essa discussão?

R.A. - Isso não chegou a ser uma discussão. Eu tinha ido com aquela idéia lá de Minas de que Volta Redonda tinha sido puxada um pouco para o estado do Rio — uma idéia que até hoje ainda perdura — porque o estado do Rio era governado pelo Amaral Peixoto que era genro de Getúlio Vargas. Tinha um pouco dessa malícia na coisa. Os mineiros achavam que tinha que ser em Minas. E eu ainda fui com aquela idéia e queria me convencer dos argumentos que levaram... E uma vez eu perguntei a ele se podia ver aquele negócio e ele me deu um pito. [riso] Ele falou assim: “Se você quiser muita coisa eu o mando de volta para o Brasil.” Aí eu fiquei quieto.

I.F. - Ele diz que desde Calógeras pensavam que a localização seria esta.

R.A. - Aqui? É, tanto que ele deu o nome a uma praça aqui de Pandiá Calógeras. No livro dele tem uns três casos. Tem um outro também que disse que seria em Barra Mansa. E ela foi em Barra Mansa porque Volta Redonda era um distrito de Barra Mansa. Por causa do cruzamento ferroviário EFCB-RMV. Naquela época não se pensava muito em transporte rodoviário como temos hoje, era mínimo. Era tudo ferroviário. Então: ligação Rio e São Paulo, bitola larga, rio Paraíba, energia elétrica... Uma das coisas que eliminou Minas era a falta de energia elétrica, além do transporte enorme de minério. Tanto que o Juscelino ficou famoso com o programa dele Estradas e Energia. Não havia. E aqui nós estávamos próximos da Light, que era a maior fornecedora de energia elétrica naquele tempo. Então, Barra Mansa tinha essas condições e mais a ligação ao Rio, a ligação a São Paulo, a ligação a Angra dos Reis por ferrovia, ligação a Minas. Porque essa Rede Mineira de Viação, eu não sei se já foi desativado o ramal que chegava aqui e ia até... Nós o usamos muito para trazer calcário de Minas. Ia aqui para Livramento e Arcos. É um cruzamento ferroviário da Central com a Rede Mineira, que ligava inclusive ao porto de Angra que até hoje nós usamos muito. Essas condições fizeram com que algumas pessoas previssem, o próprio Calógeras previu, que a siderurgia se desenvolvesse — ele não foi tão preciso no lugar — no vale do Paraíba.

I.F. - E o senhor acha que teve alguma influência a localização não ser muito no litoral? Naquela época a aviação ainda era muito fraca e há quem diga que em um ataque, estaria mais protegida...

R.A. - Há alguns fatores aí, o general até cita no livro dele. Um que talvez para ele tivesse predominado muito era a questão de defesa contra bombardeio. Naturalmente, naquele tempo a aviação não era o que é hoje. Então, pensava-se muito na possibilidade de que a usina no litoral seria vulnerável a um ataque naval. Como se pensou... Por exemplo, o estudo que ele fez sobre reunião de matérias primas indicava como melhor lugar onde está a Cosigua hoje, em Santa Cruz. Mas aí tinha esse aspecto de defesa militar. Outros aspectos seriam a necessidade de construir um porto, dragagem, construção de ferrovia... E questão climática. Aqui nós estamos a 400 metros acima do nível do mar, de modo que o clima é melhor, mais suportável do que no litoral. Mas depois disso... Por exemplo, a Cosipa está no litoral. Hoje está-se fazendo usinas no litoral. Tubarão. Aliás, Vitória já naquela época era considerado um local muito interessante, porque era a única saída de minério sem passar por serra, que é o vale do rio Doce, onde está a Estrada de Ferro Vitória a Minas. Mas naquele tempo o porto de Vitória não era o porto de Tubarão hoje. O porto de Vitória recebia navios de pequeno calado e havia necessidade de construir grandes trechos ferroviários. Um dos argumentos que se tinha era o de não se acrescer ao custo da usina outros custos, custos pesados. Porque uma usina dessas, ela não aceita água do mar, água salgada, tem que ser água doce. Então, é um consumo grande, e as usinas em geral estão mesmo perto de um grande rio. E outra coisa: o próprio governo achava que era interessante desenvolver outros pontos do interior do país para que as coisas não ficassem todas acumuladas. Uma usina dessas no Rio de Janeiro ia dar muito mais problemas trabalhistas por exemplo, porque o operariado em uma cidade grande é muito mais dado a questões trabalhistas, greves etc., do que no interior. E aqui, inclusive, o grande contingente de operários em Volta Redonda, inicialmente, era mineiro. E o mineiro é, tradicionalmente, mais tranquilo.

I.F. - Depois a gente vai querer conversar mais sobre isso. Agora, o senhor também fez viagens lá nos Estados Unidos, não ficou só em Cleveland.

R.A. - Não muitas por causa da guerra. A guerra dificultou um pouco as ... Nós fizemos visitas. Primeiro, quando o Macedo Soares estava lá, em 41, visitamos a usina da Ford, porque a Ford tinha uma usina siderúrgica.

V.A. - Ah, é?

R.A. - É. O velho Ford achava que tudo devia ser centralizado. Tanto que ele quis construir aqui, fez a Fordlândia aqui no Pará para a plantação de seringueiras para fazer borracha para pneu. Ele fez uma usina siderúrgica para fazer o aço para o automóvel. Ele não pensava muito nessa idéia hoje de terceirizar as coisas; era o oposto. Então nós visitamos a usina dele em Detroit, a chamada River Rouge, rio vermelho, uma coisa assim. Visitamos uma usina que já era um pouco antiga, lá em Cleveland mesmo, chamava Otis Steel.

I.F. - Daqueles elevadores Otis?

R.A. - Não, eu acho que não, d. Ignez. Eu creio que era uma coincidência de nome, nunca soube que houvesse qualquer relação. E depois eu visitei outras — nessa época, porque mais tarde eu saí daqui e visitei outras usinas. Mas nesse período lá, eu fiz, com outro colega meu, um estágio — era um rapaz que se formou até lá, brasileiro, e foi admitido na comissão. Nós fizemos estágio num alto-forno que não existe mais; existia próximo à cidade de Boston — não era bem em Boston, era em uma cidade chamada Everett. A Coppers Company, que era a maior produtora de coquerias. Foi quem nos forneceu a nossa coqueria aqui. Tinha construído uma coqueria na cidade de Boston para usar o gás da coqueria para uso doméstico etc. Mas ela não encontrou aplicação para o coque, que é o produto da destilação do carvão. Destila o carvão, então dá uma série de subprodutos, e gás e, depois, o que sobra, digamos o bagaço, é o coque. O uso mais comum dele ou é fundição ou alto-forno. Lá tinha algumas fundições mas não muitas. Então, para usar esse coque, a Coppers construiu um alto-forno que naquele tempo era um forno médio, de quinhentas toneladas. O nosso foi projetado para mil toneladas, mas nos Estados Unidos mesmo devia ter, quando muito, uma meia dúzia desses fornos. Na Europa acho que não tinha nenhum de mil toneladas por dia. E eles fizeram de quinhentas toneladas e ofereceram um estágio para nós nesse forno. Não era uma usina siderúrgica, eles não fabricavam aço. Só tinha a coqueria e esse forno. Agora, o estágio era interessante porque num alto-forno... Aqui, por exemplo, na nossa usina, o produto é praticamente o mesmo sempre. Não é como a senhora que faz um bolo, um doce de leite, uma cocada. Se faz, ela faz doce de leite a vida inteira. E esse forno, como não estava trabalhando para usina siderúrgica, ele recebia encomendas de fundições. E eles pediam ferro fundido ou ferro-gusa de qualidades diferentes. Então esse forno mudava freqüentemente de carga. Nós tínhamos que fazer um estudo, que a gente chama de leito de fusão, que é a composição da carga — mais minério, menos minério, mais calcário, menos calcário, etc. —, para fazer o gusa naquela qualidade. Então era interessante por essa alternância de cargas. Então eu estive lá...

[FINAL DA FITA 2-A]

R.A. - ...numa escola de metalurgia. E então, não sei se o pessoal da família dele, que era uma família até de destaque em Belo Horizonte, eu não sei como, sei que estive lá e o general Macedo admitiu. Era um rapaz inteligente, preparado, de uma família rica. Nós fizemos esse estágio de três meses, no verão deles — julho, agosto de 42, por aí —, em Boston. Eu estava lá, inclusive, quando o Brasil declarou guerra ao Eixo. Depois nós voltamos para Cleveland, eu continuei lá, ele veio para o Brasil mas ficou pouco tempo. Quando eu vim para cá, ele já tinha ido embora.

Depois eu fiz um estágio em uma usina siderúrgica muito boa; não era das maiores, mas era de tipo médio, talvez a sexta em tamanho. Chamava-se Inland Steel Company. Era uma usina para a qual a McKee tinha trabalhado muito, uma usina muito boa, com um corpo técnico muito bom e eu passei lá três meses, mas no inverno — eu passei lá dezembro, janeiro e fevereiro; dezembro acho que de 42 e janeiro e fevereiro de 43. Eles estavam com dois fornos novos. O nosso forno foi muito baseado nas linhas desses fornos deles. O nosso forno é quase que uma cópia dos fornos mais novos que eles tinham naquela época, que eram o 5 e o 6 — eles já tinham seis altos-fornos; os outros eram mais antigos. Mas nessa época, que foi a época da guerra, os Estados Unidos estavam interessados em aumentar a produção siderúrgica rapidamente — a siderurgia era toda particular, como é ainda hoje nos Estados Unidos. Então, o governo americano forneceu empréstimos para essas firmas siderúrgicas ampliarem sua capacidade e eles estavam construindo dois fornos. Tinha um grupo da McKee que foi

para lá, que era perto de Chicago, numa cidade chamada Gary. Abriram um escritório para tratar exclusivamente do projeto de expansão da Inland Steel. Tanto que eu ia com eles de carro para a usina.

V.A. - Eram os fornos mais novos então?

R.A. - Eram os mais novos. Quando eu fiz o estágio eles já estavam em operação, mas o mais novo deles ainda não tinha um ano. Novinho em folha. Lá que eu tive uma idéia mais aproximada do que nós teríamos aqui. O outro forno em que eu fiz estágio era mais antigo, embora com esse interesse de mudança de carga, enquanto que o forno da Inland, como nas outras usinas siderúrgicas, era praticamente acertar um pouquinho: está um pouco salgado, tira um pouco de sal, põe um pouquinho de cravo, de canela, essas coisinhas.

V.A. - Estou gostando das analogias do senhor: tudo é com comida.

R.A. - Mas a usina siderúrgica, a senhora sabe, é uma verdadeira cozinha. A senhora tem forno, tem panela, tem colher. A terminologia é muito puxada à cozinha mesmo.

I.F. - O senhor pode nos contar a sua experiência lá com a guerra? O senhor estava lá quando houve Pearl Harbor, o senhor estava lá quando o Brasil entrou na guerra. Conta um pouquinho para a gente tudo isso, o sentimento americano em relação à guerra.

R.A. - É interessante a pergunta da senhora. Quando eu cheguei nos Estados Unidos, em março de 41, os Estados Unidos não estavam na guerra. A guerra já existia, vem de 39, praticamente na Europa — não sei se o Japão já tinha entrado na guerra.

V.A. - Já.

R.A. - Mas nos Estados Unidos, o povo estava muito dividido. De um lado, um grupo... Principalmente pelo Franklin Roosevelt, que era um estadista que enxergava longe e via que mais cedo ou mais tarde os Estados Unidos... Os Estados Unidos já ajudavam muito os aliados. Os Estados Unidos mandavam equipamento para a Inglaterra — a Inglaterra se agüentou porque tinha os Estados Unidos atrás fornecendo equipamentos — e para a própria Rússia, que depois se tornou inimiga deles, mas era aliada, era contra o Hitler. Tanto que o nosso equipamento foi muito atrasado, porque como eles estavam diretamente na guerra, tiveram prioridade. Nós tivemos que lutar para não ficarmos muito atrás na fila. Os países como o Canadá, que entrou na guerra, tinham a prioridade.

Eu, quando cheguei lá, sentia que o governo tinha uma preocupação... Mas de outro lado, tinha um grupo, até denominado, se não me engano, *America first*, que não era favorável ao Hitler mas era contra a entrada dos Estados Unidos na guerra. Eles diziam: “Não, por que nós vamos mandar nossos rapazes? Os europeus que se matem lá, nós não temos nada com isso.” Esse grupo inclusive era liderado por aquele famoso Lindbergh, grande aviador. Eu me lembro, ele esteve em Cleveland, fazia comícios etc. contra a entrada dos Estados Unidos na guerra. Não favorável ao fascismo nem ao nazismo, mas contra a entrada dos Estados Unidos na guerra, enquanto o governo, acho que sentindo aquilo, já apoiando um pouco as democracias e vendo que no fim eles iam ficar sozinhos. Ficaram mantendo aquilo até Pearl Harbor. E a gente sentia aquele ambiente, que o pessoal não estava muito a fim de guerra. E falava-se... não lá, mas

aqui mesmo, na época em que o Hitler estava ganhando muita coisa principalmente... Havia um certo entusiasmo aqui no Brasil. Falava-se até que no governo, o próprio Getúlio esteve um pouco entusiasmado, porque o nazi-fascismo estava dominando a Europa, ganhando uma batalha atrás da outra, tendo tudo, dominando. Só a Inglaterra, por assim dizer, estava sustentando. E os outros países... A França foi dominada em muito pouco tempo, os países escandinavos, a Polônia, a Holanda, a Bélgica, o negócio foi todo tomado rapidamente. De modo que havia muito entusiasmo.

E muita gente achava que americano só pensa em dinheiro, americano não é patriota. Mas eu tive uma prova muito ao contrário disso. Eu cheguei lá e vi aquele pessoal que era contra os Estados Unidos entrarem na guerra e ficaram naquilo até quando os japoneses bombardearam Pearl Harbor. Aí houve uma mudança inteiramente brusca. O Roosevelt só podia declarar guerra depois que o Congresso aprovasse. Então ele — era claro que aquilo era apenas uma burocracia — foi ao Congresso e a partir daquele dia não se falou mais em *America first* nem nada e o pessoal começou a se apresentar como voluntário. Então, junto da estação ferroviária tinha aquelas filas do pessoal que ia para lá, da rapaziada, porque nos Estados Unidos nem tinha serviço militar. E eu nem sei se hoje tem. Então o pessoal começou a se apresentar. Aliás, em uma ocasião eu ouvi uma piada não muito patriótica, deles mesmos lá. Eu falei: “Puxa, mas que pessoal entusiasmado para se oferecer para a guerra!” “Não, é que eles vão logo para a Marinha e para a Aeronáutica porque, se o sujeito não morre, está bem; enquanto que na infantaria, o sujeito vai para as trincheiras e passa uma vida de cão lá.” [riso] Alguém me disse isso, mas eu acho que pode ser uma opinião isolada.

Mas mudou completamente o ambiente. Imediatamente, as usinas foram transformadas para a operação de guerra, não só as usinas siderúrgicas, que continuaram fazendo aço, mas também fábricas de equipamentos os mais diversos — automóveis e tudo o mais — passaram para o esforço de guerra, virados para a guerra. E o povo mudou, ninguém mais falou em... Eles tinham que entrar, foram atacados, o país mais forte do mundo, tinham que revidar. Mas eles não estavam preparados, tanto que perderam muitos navios, foram afundados. Mas eles, até tinha lá o Kaiser, que era um grande industrial, que disse: “Vamos construir navios mais depressa do que eles podem afundar.” E realmente a reação dos Estados Unidos foi enorme.

E nós sentimos aquilo. Como eu disse antes, o Macedo Soares teve que ir... Eu não sei se foi ele ou o general Raulino de Oliveira, mas eles tiveram que lutar muito em Washington, junto com o embaixador brasileiro, para que nossas encomendas não ficassem para as calendas, porque aí o que era para a Inglaterra, para a Rússia, para o Canadá, tinha prioridade. Aqueles fabricantes que tinham contrato conosco disseram: “Nós não vamos poder atender vocês.”

I.F. - Parece que o embaixador Carlos Martins teve que se envolver nisso.

R.A. - Pois é, todo mundo teve que se mexer para conseguir as prioridades, alguma coisa pelo menos. Nós tivemos três navios com material vindo para cá torpedeados, nós perdemos equipamentos que tiveram que ser reencomendados, o que causou certo atraso aqui na usina. Outro que tinha material refratário...

Outro fato também interessante, sob esse aspecto — mais curioso mas sem grande importância: numa ocasião, eu fui num restaurante... Eu não sei se ainda estava em Boston, porque eu ainda fiquei em Boston algum tempo, mas não tem importância o local. Vocês estão familiarizadas com o sistema americano em restaurantes? Restaurante comum, não digo restaurantes grã-finos nem restaurantes desses em que se come em pé, não, mas um restaurante médio. Em geral, tem as garçonetes, se é servido

por moças, e tem uma coordenadora — as pessoas chegam e vão aguardando. Esse nosso sistema aqui, eu me lembro muito quando eu ia na Colombo, no Rio: o sujeito chega e fica em pé perto de uma mesa até que o outro saia. Não tem isso. O indivíduo chega e fica lá, alguns até têm um sofá, uma cadeira em que o sujeito senta. Então a moça vai lá e vê qual o nome, para manter a ordem à medida em que o pessoal for saindo. Eu estava num restaurante desses, numa mesa, eu sozinho na mesa, e estava meio cheio; então, essa gerente chegou para mim e falou: “O restaurante está cheio e temos duas senhoras ali esperando. O senhor se incomodaria se elas se sentassem na sua mesa?” “Não, absolutamente; podem vir.” Então as duas senhoras chegaram, muito formais, e estamos quietos. Uma olhava para outra... Daí a pouco, elas não se agüentaram, eu tinha uns 25 anos, uma coisa assim, e disseram: “O senhor vai desculpar nós fazermos essa pergunta para o senhor; mas por que o senhor não está nas forças armadas, por que o senhor não está uniformizado?” Aí eu disse para elas: “Bom, minhas senhoras, a razão é muito simples: é que eu sou brasileiro e estou em uma missão oficial aqui. Então, eu não participo...” “Ah, então é isso.” Mas vocês vejam como eles estranhavam uma pessoa na faixa de idade que devia estar nas forças armadas e que não estava. Eu, como reservista de segunda categoria — nós não tínhamos consulado brasileiro em Cleveland, o consulado acho que era em Boston ou Nova York —, mandei uma carta para lá dizendo que era reservista e estava lá à disposição. Mas naquela época e até o fim da guerra, o trabalho na companhia era considerado esforço de guerra.

I.F. - O Brasil era muito pouco conhecido pelos americanos. Como foi quando o Brasil declarou guerra e resolveu participar fazendo parte do V Exército americano? Isso teve repercussão lá?

R.A. - Eu não me lembro de muita repercussão, não. Pode ter tido talvez nos círculos mais oficiais ou militares.

I.F. - O Brasil era muito pouco conhecido pelos americanos.

R.A. - Até hoje. Os americanos conhecem o mundo pelas guerras. Durante a guerra, então a família de fulano de tal... Eles não podiam dizer... Eu conheci uma família em que o rapaz foi recrutado e ia para a Aeronáutica. Mas ele não podia dizer para onde foi, nem escrever. Como naquela época os Estados Unidos tinham a frente da Europa e a frente do Pacífico, então ele combinou um código qualquer com a família apenas para dizer se ele estava na Europa ou estava na Ásia. Mas os americanos não conhecem bem, eles ainda fazem uma certa confusão até hoje. O americano acha, de um modo geral — deve ter melhorado — que a América Latina é tudo uma coisa só: todo mundo fala espanhol, usa um chapéu grande, toca viola, aquela história. Hoje tem mais turismo, vêm aqui, tem muitos que conhecem relativamente bem o Brasil, tem até escritores aí, os brasilianistas. Mas esses são exceções. A gente às vezes se ressentir um pouco disso, mas quando pensa um pouco mais, a gente tem que ser um pouco razoável. Nós, por exemplo, conhecemos os países da Europa, quais são as capitais etc. Mas se perguntarem para a senhora os países da África, quais são as capitais, eu não sei se a senhora vai saber.

I.F. - Agora, então...

R.A. - Ou mesmo lá do sudeste da Ásia. De modo que a gente, em geral, conhece os mais importantes. A gente não deve ficar ofendido, não é má vontade, é que de certo

modo a pessoa se interessa pelo que está acima dela. Mas os americanos, com a guerra, foram conhecendo porque sabiam que os rapazes estavam ali, estavam acolá, estava acontecendo isso... Digamos assim, os teatros de guerra naturalmente eles aprendem. Eu assino essa revista *National Geographic* — a senhora deve conhecer — há muitos anos, e eles mesmo fazem campanha porque ficam apavorados com o desconhecimento que a rapaziada, os garotos, têm do mundo. É um país quase que auto-suficiente.

I.F. - Eu vi uma reportagem na televisão, há pouco tempo, comentando, para os americanos mesmo, que pouquíssimos deputados americanos têm passaporte. Eles acham que o mundo deles é os Estados Unidos, eles não sentem necessidade de viajar. Eles se sentem suficientes.

R.A. - É, eles viajam muito para a Europa, o Japão, onde têm negócios e interesses.

I.F. - Mas o impressionante era o número de deputados, que presume-se que tenham que conhecer o mundo, que não têm o menor interesse em sair de lá.

R.A. - Eu acho que li a mesma reportagem que a senhora leu, só que a senhora deve ter notado que ela tem uma certa sutileza para dizer que os nossos deputados passeiam muito e que eles não passeiam tanto, eles ficam mais lá trabalhando.

I.F. - Não, não. Essa foi uma declaração, parece, que do Bill Clinton impressionado com o número de deputados americanos que não têm passaporte.

R.A. - Uma ocasião eu li também qualquer coisa assim, que veio um presidente não sei se do Banco Central de lá — eles chamam até por um nome que não soa muito bem em português, FED, Federal Reserve — e foi visitar o prédio do Banco Central em Brasília e depois disse: “Puxa, como eu gostaria de ter um prédio como esse.” [riso] Porque eles conservam muito as coisas antigas — essas coisas oficiais. A gente vê naturalmente em quantidade, muito bonitas: escolas, universidades... São prédios bonitos; não luxuosos, mas de estilo clássico. Vocês já estiveram em Washington? Washington, por exemplo, é uma cidade que me encantou pelo estilo clássico de alguns edifícios, como o monumento a Lincoln, Jefferson, o Congresso, a Suprema Corte. São edifícios que impõem. Como eu disse, nós tivemos na Escola de Minas curso civil. Eu tive uma cadeira de arquitetura também e eu me lembro de um professor que disse uma coisa que eu nunca mais esqueci: um prédio deve ser como as pessoas; deve mostrar o que é, não deve ser hipócrita. Quer dizer, quando olha a fachada de um prédio, a senhora deve saber se é uma igreja, se é uma residência, se é um tribunal. O prédio não deve ser hipócrita, deve mostrar o que é.

I.F. - Quer dizer que, em resumo, a sua experiência nos Estados Unidos foi muito enriquecedora, o senhor teve uma grande oportunidade de aprender lá.

R.A. - Bom, eu acho que complementei, de certo modo abri um pouco a minha mentalidade. A gente tratando com outros povos, com outras pessoas, a gente tem uma tendência para... Por isso que as viagens também são boas, para não ficar muito fechado no seu círculo, na sua cidade, no seu estado, no seu país, brigando aqui. Por exemplo: se o Vasco vai jogar no Japão, o Flamengo quer torcer para os espanhóis. O sujeito põe um sentimento pequeno acima do sentimento nacional. [riso] Não sei qual é a sua opinião, mas esse é o meu pensamento. Então, a gente abre, vê que há gente boa

em todo o mundo e que a gente tem que fazer muita coisa, que esses países não têm a importância que têm porque ganharam, porque Deus deu isso para eles não, mas porque trabalharam. Os Estados Unidos são um país rico, foram sempre um país muito rico, mas tem muito trabalho. A gente vê até nesses filmes como eles começaram, hoje é outra coisa. Basta ver depois da guerra, a guerra acabou em 45. Nós falamos que o Brasil é um país muito jovem, tem quinhentos anos. Mas a senhora pode dizer que o Japão e a Alemanha são muito mais jovens, porque eles foram destruídos praticamente, em 45, há 50 anos atrás. E o que ficou? O povo. Então, se esses países são os mais importantes do mundo hoje, com os Estados Unidos, é por quê? Pela capacidade de seu povo. Por exemplo, o Japão não tem nada, é gente só, gente e água. A Alemanha tem carvão, mas esses recursos minerais... Nesses artigos do Roberto Campos, ele diz isso: a gente acha que o Brasil é imenso, é rico porque tem grandes recursos minerais. Isso é bom, mas o mais importante é a capacidade do povo. Como é que o povo alemão foi destruído, depois se reergueu e é uma das nações mais importantes do mundo? Pela capacidade do povo. De modo que a educação, a qualidade do povo, a capacidade do povo conta mais. Se tiver os recursos, ainda melhor.

I.F. - Quer dizer que o senhor acha que abriu seus horizontes. Agora, tecnicamente, o senhor acha que já foi bastante preparado, que os brasileiros não tinham muito que aprender lá, não?

R.A. - Ah, não, tínhamos muito! Tínhamos muito! Em siderurgia, por exemplo, o que havia de mais adiantado aqui era a Belgo-Mineira, Monlevade, onde eu fiz estágio. Lá, o que tinha? Tinha um forno, os mais novos faziam cem toneladas por dia, a carvão de madeira. Nós estivemos com forno de mil toneladas por dia. No Brasil, naquele tempo, não se fazia nenhum produto plano, nenhuma chapa, a Belgo-Mineira fazia pequenos perfilados, vergalhão e arame.

I.F. - Isso tudo os americanos transmitiram?

R.A. - Lá nós vimos as usinas fazendo chapas, perfilados, trilhos, perfilados enormes para pontes, para viadutos, para edifícios. Os métodos mais modernos, os equipamentos mais modernos. O que nós tínhamos aqui era pequenininho. A própria Belgo-Mineira, que era o máximo que nós tínhamos, era uma empresa muito boa, muito bem regida etc.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

R.A. - Nós aprendemos, nós vimos uma usina siderúrgica como a que nós íamos fazer, que não existia no Brasil. E nem tínhamos indústria capaz de produzir aqueles equipamentos. Hoje nós temos, mas há 50 anos atrás não.

I.F. - Agora, a formação que vocês tinham tido aqui no Brasil já foi suficientemente boa para acompanhar isso?

R.A. - Em parte, d. Ignez, em parte. A parte de alto-forno, o processo do alto-forno não é muito diferente de um forno grande e de um forno pequeno, não. O que varia são o tamanho do forno e os equipamentos de controle. Naqueles fornos a carvão de madeira eu tinha, quando muito, que de vez em quando enfiar um pirômetro para ver a temperatura. Já aqui, no princípio — hoje é muito maior —, nós tínhamos aparelhos que

nos davam a temperatura do topo, a pressão no topo, a temperatura do vento soprado e uma série de equipamentos que os fornos a carvão de madeira não tinham.

Mas eu queria mostrar à senhora... A senhora me perguntou como eles nos viam. Isso aqui é uma xerox de um artigo que saiu no *Cleveland Plain Dealer* em agosto de 1942 sobre a Comissão Executiva. Olha o título: *Steel mill in the jungle*: “Usina siderúrgica na selva.” Era Volta Redonda. [risos]

I.F. - Sílvio Raulino, Renato Azevedo...

R.A. - Eu já estava aí. Esse é o pessoal. Esse é o velho McKee. O São Tiago que eu falei é esse aqui.

I.F. - São Tiago Filho, Oliveira...

R.A. - A Otília é a moça que trabalhava conosco.

I.F. - João Batista Costa Pinto.

R.A. - Costa Pinto. E aqui as senhoras dos que eram casados.

I.F. - Senhoras Oliveira e Larrabure.

R.A. - Essa é a senhora do Larrabure. O Larrabure não aparece nesta fotografia. Ele tinha um nome estrangeiro mas era paulista, nem sei se é vivo; há muitos anos não tenho notícias dele.

I.F. - Sra. Costa Pinto, sra. Martins...

R.A. - A senhora do Paulo Martins. O Paulo Martins já faleceu, mas a senhora dele ainda está viva, a d. Juju. O nome dela era Júlia. A senhora vê que em 42 isso saiu... Esse jornal existe até hoje, é o principal jornal de Cleveland, *Cleveland Plain Dealer*.

I.F. - [lendo] Cleveland firma a maior planta de construção na América Latina, a 96 milhas do Rio de Janeiro; 96 milhas era *jungle* ! [risos]

R.A. - A senhora vê, de certo modo, o que eles pensavam: que estava sendo construída uma usina siderúrgica na selva.

I.F. - Interessante isso! O senhor estava comentando os conhecimentos todos que eles transmitiram, as diferenças dos conhecimentos daqui para os de lá. Dos fornos, de tudo.

R.A. - A senhora fala da parte técnica? Bom, naturalmente, como eu disse à senhora, a gente trabalhava aqui em condições muito reduzidas, não só em escala como em equipamentos também. Muitas vezes, o processo... Por exemplo, o processo de alto-forno era o mesmo, o processo de aciaria era o mesmo, mas o tamanho, a escala, era diferente. Naturalmente, os equipamentos... Porque dar uma corrida, a senhora tirar 50 toneladas, uma panelinha de 50 toneladas, uma ponte relativamente pega aquilo. Mas se a gente der uma corrida de duzentas toneladas, é uma ponte diferente, tem equipamentos diferentes. Como se abre um forno, como se opera, quais são os dados. É a mesma coisa que a senhora voar num teco-teco ou voar num Boeing; é tudo avião, mas a senhora vê o

painel dele lá, é bem diferente. Ele tem um conjunto de elementos para poder controlar, saber o que se passa, e tudo aquilo a gente vai aprendendo.

V.A. - E como o senhor conheceu a d. Emmy, em Cleveland?

R.A. - [riso] Eu conheci a d. Emmy por acaso.

V.A. - Aí mesmo que o senhor abriu os horizontes, não foi? Foi nesse momento que o senhor abriu os horizontes...

R.A. - Um outro horizonte, não? Fora da siderurgia.

Eu disse, quando falei nos funcionários contratados, brasileiros que moravam nos Estados Unidos e foram contratados, eu citei um chamado Silvino da Silva — nome bem brasileiro, não? Era uma pessoa muito interessante, já faleceu, muito nosso amigo. O general Macedo chamou aqueles engenheiros que foram daqui, como eu, São Tiago e os outros, Larrabure, Costa Pinto etc. Mas ele sentiu lá a necessidade de ter uma pessoa que fosse — naturalmente, de preferência, brasileira para nos entender e tudo o mais — familiarizada com a parte comercial nos Estados Unidos, porque nenhum de nós era especializado em comércio. Então ele foi à antiga União Pan-Americana, hoje Organização dos Estados Americanos, OEA, e com uns contatos lá ele pediu que fosse indicada uma pessoa, para fazer parte do nosso escritório em Cleveland, que fosse familiarizado com o sistema comercial americano. Então foi citado, era funcionário de lá, esse Silvino da Silva.

Era uma pessoa que saiu do Brasil jovem, pelo que ele conta — ele escreveu até um livro sobre a vida dele, eu tenho, é muito interessante. Perdeu a mãe muito moço, menino, se não me engano, e, quando tinha uns 17 anos, perdeu o pai. E como ele tinha um espírito muito aventureiro, resolveu ir para o estrangeiro. De São Paulo... Ele era do interior de São Paulo, foi para a cidade pensando em ir para a Europa, a Alemanha ou coisa assim, quando ele teve uma oportunidade qualquer de se encontrar com americanos que falaram: “Que bobagem! O que você vai fazer na Europa? Vai para os Estados Unidos.” E aquilo fez com que ele mudasse de idéia e ele então foi para os Estados Unidos. Chegou lá com pouquinho dinheiro no bolso, se empregou em um hotel para lavar prato etc. e fez a carreira nos Estados Unidos, foi funcionário da Ford e de outras empresas americanas. E estava na OEA quando foi designado para nossa Comissão.

Como eu já me referi, eu era solteiro e ele começou a me levar para aqui, para ali e a me mostrar as coisas. Um domingo — ele tinha se casado pela segunda vez com uma senhora, até muito amiga nossa, americana, muito fina, muito boa —, ele me telefonou. Eu já tinha saído do hotel. Depois de seis meses nos Estados Unidos, ele falou: “Olha, você saiu do hotel porque isso aí não é bom. Aqui nos Estados Unidos, muitas casas de família alugam quartos. Pessoas idosas, às vezes, têm um quarto vago e alugam, têm a sua rendazinha.” E ele mesmo escolheu um lugar, mais ou menos próximo de onde ele morava, um bairro muito bom de Cleveland, e eu fui para lá. Um domingo, ele me telefonou e disse: “Renato, não quer vir comigo? Eu vou com a Charlotte — o nome da mulher dele — ao lago Erie — que é o lago lá de Cleveland —, onde tem um navio — o lago é quase um mar, só não tem onda, você não vê o outro lado, o Canadá etc. — que sai de manhã cedo e passa o domingo todo girando por aí e volta de tarde. E lá tem música, tem dança, é um piquenique. Você não quer ir comigo?” “Ah, quero.” Então, eu fui na casa dele e, no carro dele, ele, a senhora e eu, fomos lá para as docas. Entramos no navio, estávamos lá quando encontramos uma moça que

trabalhava, era uma espécie de caixa, num restaurante no centro de Cleveland onde nós almoçávamos. Eu falei que, quando tomei o pito do general Macedo, eu e ele almoçávamos muito na cidade, os outros iam em casa. E nós conhecíamos... Como era o nome dela? Mildred. Então nós encontramos a Mildred e tal: “Vocês por aqui?” etc. e tal. E ela falou: “Vou apresentar, estou aqui com umas amigas.” Nós fomos apresentados uns aos outros e à Emmy também. Foi aí que nós nos conhecemos: 31 de agosto de 1941. E ele era muito engraçado, desinibido, e então dizia: “Olha, esse aqui é um grande partido.”

[FINAL DA FITA 2-B]

R.A. - Emmy, não é Ema, não. A mãe dela que era Ema, ela é Emmy. As pessoas, às vezes, põem a letra eme só.

I.F. - Aí, ficaram lá de namoro, o senhor veio embora e deixou d. Emmy por lá?

R.A. - É verdade. A senhora está sabendo, hein ? [risos] Eu esperei acabar a guerra, não foi, Emmy? Quando acabou a guerra, eu lhe telefonei e perguntei se você queria casar comigo. Eu sou um sujeito pacífico.

V.A. - Só depois da guerra.

R.A. - Quando a guerra acabou.

Emmy Azevedo - Você veio embora em 45, não foi isso?

R.A. - Eu vim em 43. E pedi em casamento em 45, não foi?

Emmy Azevedo - Em 1º de abril de 45. [riso]

R.A. - A gente tem que ter recursos, não é? Um avião, quando sai, vai para um aeroporto mas sempre tem uma alternativa.

I.F. - E aí, o senhor chegando aqui veio direto para Volta Redonda?

R.A. - Não. Eu cheguei no Rio e, do Rio, falei com o general Macedo e pedi a ele... Porque eu estava há três anos fora de casa, meus pais estavam lá em São Gonçalo do Sapucaí. Então ele me deu uma semana, eu passei uma semana lá e depois voltei. Comecei a trabalhar aqui efetivamente no dia 16 de novembro de 1943.

I.F. - O senhor disse que tinha estado aqui quando não tinha nada.

R.A. - É, isso foi em fevereiro de 41.

I.F. - E qual a diferença que o senhor sentiu?

R.A. - Bom, a diferença era total, porque não tinha nada e, nessa época, a usina... Bom, montagem de equipamento ainda não tinha, tinha muita coisa na parte de concreto armado, fundações. Por exemplo, quando eu cheguei aqui, no alto-forno — porque eu fui designado para o alto-forno — estava montada a primeira coluna do alto-forno,

coluna de aço já, porque a estrutura era toda de aço. Mas a fundação já estava pronta, construções grandes como o pátio de matérias-primas, uma parte do edifício da aciaria, uma parte do edifício da laminação, os edifícios de oficinas, mecânica e elétrica. Porque naquela época nós não podíamos contar, como podemos contar hoje: vai a São Paulo, vai aqui, vai ali e tem. Naquele tempo não tinha nada que pudesse nos atender. Então, a companhia teve que se equipar com capacidade de atender... O alto-forno, por exemplo, é um equipamento que funciona sem parar, não é laminador; o laminador, a senhora desliga no interruptor e pára a máquina como um liquidificador, qualquer coisa. Já o alto-forno, não; o alto-forno tem uso contínuo, não pode parar. [trecho inaudível] ...é uma operação complicada. Então, naquela época nós tínhamos que ser quase que auto-suficientes em matéria de manutenção: manutenção elétrica, manutenção mecânica e tudo isso. De modo que grande parte disso já estava pronta. E uma boa parte da cidade também, porque naquele tempo, o que havia de Volta Redonda era uma meia dúzia de casas [trecho inaudível]. O Hotel Bela Vista foi construído no início da montagem... precisava ter um lugar para receber os primeiros técnicos americanos, que vinham para cá. Nós recebemos dois grupos — para diferenciar —, dois grupos muito diferentes. Um de montagem, técnicos de montagem que não entendiam nada de operação. Depois, quando acabou a montagem, vieram os técnicos de operação. O Hotel Bela Vista hoje já tem um pouco de expansão, mas a expansão deve ser de 25% do que era.

V.A. - Quando o senhor veio para cá, já veio para o Bela Vista, logo na primeira semana? Ficou quanto tempo?

R.A. - Acho que não fiquei nem uma semana lá. Depois... Tinha aqui a rua 33, a rua principal daqui, o eixo principal. Ali foram construídos hotéis para solteiros. Tinha hotéis para engenheiros, tinha hotéis para funcionários, tinha hotéis para moças. Hoje ela está toda comercializada. Se a senhora passar por essa rua principal, são clínicas, uma atrás da outra, restaurantes, acho que residências tem muito poucas ali. Mas ali era principalmente residências e hotéis para solteiros que a companhia construiu.

I.F. - Eram de madeira ou de alvenaria?

R.A. - De alvenaria. Houve construções de madeira, mas principalmente para o operariado que vinha para cá, pessoal que não ia ficar aqui. Porque a cidade já foi construída definitivamente, então já tinha uma boa parte pronta. Embora essa parte comercial não estivesse construída, ali estava previsto no plano de urbanização, muito bem feito por brasileiros, nem foi nos Estados Unidos... Essa parte da cidade foi toda feita no Brasil, naturalmente em coordenação com o que eles pretendiam, quantas pessoas e tudo o mais. Mas tudo feito aqui no Brasil. Aquela parte aqui embaixo, que era comercial, que tem esses prédios maiores, tudo ali ficou reservado. A gente saía daqui dos hotéis e ia de bicicleta... Todo mundo andava de bicicleta, só tinha um automóvel aqui em Volta Redonda que operava com gasogênio. Nós todos andávamos de bicicleta, com bota e capacete.

V.A. - Porque era lama o tempo todo?

R.A. - Ah, no tempo de chuva tinha muita lama. Íamos de bicicleta para lá, vínhamos almoçar, voltávamos; a vida era a usina. Naquele tempo, principalmente, da construção. Depois, na operação, já... Eu cheguei aqui em 43 e nós começamos a operação três anos

depois e aí as coisas já estavam mudando. Mas essa parte comercial foi muito lenta, ela cresceu muito agora... Bom, já tem alguns anos.

I.F. - E esses hotéis em que o senhor ficava, tinha quarto e salinha? Qual era o conforto?

R.A. - Nos hotéis dos solteiros? Primeiro eu estive no Hotel Bela Vista uns dois ou três dias e depois eu vim para um hotel, era pelo número da casa: Hotel 106. Eram dois engenheiros por quarto e tinha um banheiro... Cada hotel desse devia ter uns seis quartos, não muito mais. E era dirigido por uma família, que a companhia escolhia, geralmente um casal, para tomar conta daquilo, da cozinha, aquela coisa toda. Mas ficavam dois engenheiros por quarto e tinha um ou dois banheiros para cada hotel.

I.F. - E tinha refeições nesses hotéis?

R.A. - Tinha, tinha. Eu morei muito tempo no Hotel 80. Nesse, cada um de nós tinha um quarto, tinha um banheiro para todos, e tinha uma senhora, d. América, cujo marido cuidava da administração do hotel. Tinha cozinheira, refeição, café da manhã, almoço, jantar.

I.F. - Diversão, aqui, qual era?

R.A. - A diversão era muito pouca. A princípio, tinha um cineminha muito vagabundo, chamava-se Santa Cecília, era de madeira até. Depois nós passamos a ir a Barra Mansa, que já tinha um cineminha mais razoável. Nós fizemos um grupo... Aqui em Volta Redonda tinha um ônibus, então contratamos aquele ônibus e uma vez por semana, num determinado dia da semana, nós íamos assistir ao cinema em Barra Mansa e voltávamos.

Aqui perto, não sei se vocês passaram, vindo do Rio não se passa... Entre Volta Redonda e Barra Mansa, quase que ligado, mas mais próximo a Barra Mansa, tem uma usina siderúrgica, mas é só ferro-gusa também: Barbará, onde se faz os tubos Barbará. Aquilo era de um brasileiro, depois veio uma firma francesa, mas eles continuam a fazer tubos sem costura, exportam também. Mas ali na Barbará era um lamaçal e em época de chuva às vezes os ônibus nem passavam.

Era a diversão. E de vez em quando tinha algumas festas no Bela Vista. O Bela Vista era o centro social, o carnaval era feito lá, tem a piscina, de modo que a atividade social praticamente era só no Bela Vista. Depois então veio o Clube dos Funcionários e o Umuarama também. O Umuarama, não sei se vocês sabem onde é — é aqui em baixo, um clube junto a essa praça onde tem o obelisco, tem até uma área grande ali. Esse clube era o mais elitista daqui, mas mudou completamente. Hoje, tem o Clube dos Funcionários, que a companhia doou o terreno e tudo o mais, onde fizeram o Cinema 9 de Abril, que era um cinema muito bom. Até foi desativado, porque cinema grande não tem mais — a televisão fez uma concorrência tamanha e lá no *shopping* é que tem uns cinemas pequenos. Mas hoje tem outros clubes, a cidade cresceu fora do terreno da Companhia também. Antigamente, o que tinha fora da CSN era muito pouco.

I.F. - Da outra vez em que eu estive aqui, o senhor me falou que estiveram muito na dúvida se colocavam a usina aqui no alto, onde é o Laranjal, e faziam o bairro residencial lá embaixo, ou se faziam como está, a usina lá em baixo e a parte residencial aqui.

R.A. - Não foi bem assim, d. Ignez. Aqui no Laranjal, nunca se pensou porque é um morro e aquilo era um laranjal mesmo. Em fotografias antigas, a senhora vê aquela plantação e continua com o nome Laranjal. Agora, lá embaixo tinha a área onde está a usina atualmente e a área onde está a Vila. Porque a senhora olhando lá do Bela Vista ou olhando daqui, a senhora vê que lá embaixo tem uma parte plana também que nós chamávamos Vila de Santa Cecília. Aqui, por exemplo, se a senhora disser “vou a Volta Redonda”, todo mundo pensa que é a antiga Volta Redonda, que também cresceu. Mas se a senhora disser “vou à Vila”, é a Vila Santa Cecília.

O que eu tinha falado é o seguinte. Havia as duas áreas: ou se construía a cidade lá onde está a usina e a usina aqui, ou vice-versa. E predominou a atual localização porque o vento dominante é nesse sentido. Então, principalmente naquela época em que não se tinha a preocupação que se tem hoje com poluição... Mesmo assim ainda tem um pouco. Do lado de lá não tinha nada, hoje já tem bastante coisa lá, mas na margem esquerda do rio não tinha nada. Então, a usina ficou lá e a Vila para cá de modo que ela ficou protegida pelo menos do vento dominante.

I.F. - Preocupação, naquela época, com poluição não existia em lugar nenhum.

R.A. - Muito pequena. Até pelo contrário, a pessoa se entusiasmava em ver fumaça; chaminé com fumaça era industrialização. [riso]

I.F. - E o senhor veio para cá em 43, o Brasil já se preparando para a guerra...

R.A. - Não, já estava na guerra. O Brasil entrou em 42.

I.F. - É, mas mandaram o primeiro contingente depois.

R.A. - É, a Força Expedicionária.

I.F. - Mas vocês aqui eram considerados como em esforço de guerra. Como era isso?

R.A. - Em primeiro lugar, os que estavam aqui ficavam livres de serem convocados. Até se dizia que muita gente vinha para cá para fugir da convocação. Mas talvez isso não seja verdade, a verdade é que muitos engenheiros moços, principalmente aqueles que queriam se aperfeiçoar em construção civil — aqui era o maior canteiro de construção civil do Brasil, obras de concreto importantíssimas, grandes —, vieram para cá para ganhar experiência. No momento em que terminou a construção, eles saíram da empresa. Mas era esforço de guerra porque só podia sair, antes de terminada a guerra, quando a companhia concordasse; senão, era considerado desertor. Havia algumas pessoas aqui, eu me lembro de alguns engenheiros, principalmente o pessoal de São Paulo... Porque veio um grupo de engenheiros de São Paulo. O Ari Torres, que era até, se não me engano, gaúcho, um engenheiro de grande projeção, formado na França etc., ele foi fundador do IPT, Instituto de Pesquisa Tecnológica, professor da Escola de Engenharia de São Paulo, ele trouxe, nessa parte civil, um contingente grande para cá, principalmente técnicos e contadores. E muitos desses queriam voltar porque São Paulo oferecia oportunidades. Já o pessoal do Rio, nem tanto. O pessoal de Minas, ainda menos, porque tinha menos oportunidades de emprego; então ficavam mais mineiros. Mas em alguns casos, o general Macedo não concordava em deixar o indivíduo ir embora; não tinha essa liberdade do indivíduo chegar, pedir demissão e ir embora, não. Aí era considerado desertor. Era considerado esforço de guerra e tinha, de certo modo,

essa vantagem de estar colaborando, não ser chamado, mas, de outro lado, tinha obrigações.

V.A. - E a sua primeira impressão, quando veio, então, para Volta Redonda, qual foi? A primeira impressão da cidade, que ainda não era cidade como é.

R.A. - É, não havia opções de lazer mas a gente estava envolvido naquilo, tinha aquele entusiasmo pela construção. E tinha as festinhas, rapazes e moças. Nos fins de semana, o pessoal desaparecia daqui apesar do fim de semana ser curto. Naquele tempo, trabalhava-se meio sábado; só depois do almoço de sábado, principalmente o pessoal do Rio, porque São Paulo era mais difícil, mas o pessoal do Rio ia para o Rio e voltava domingo de noite.

I.F. - E o trabalho aqui era pesado, não?

R.A. - Era, mas havia muito entusiasmo, sabe, d. Ignez!? Não só pelo trabalho, que era considerado uma coisa nacional... Volta Redonda era muito importante para o Brasil, todo mundo, de modo geral, estava orgulhoso. O sujeito enchia a boca quando falava: "Trabalhei em Volta Redonda, trabalho em Volta Redonda, sou de Volta Redonda." Era um nome que o Brasil inteiro respeitava, admirava. De modo que era um serviço pesado, mas que se fazia com satisfação, com interesse e satisfação. Tinha o lado profissional e tinha o lado patriótico.

V.A. - Porque as pessoas acreditavam na virada de um país agrícola, de tradição agrícola, para...

R.A. - E de fato foi. Volta Redonda foi, por assim dizer, umas das pedras fundamentais da industrialização do Brasil.

I.F. - Foi um marco mesmo.

R.A. - Um marco mesmo. E não foi só aqui. Por exemplo, na América Latina não tinha usina siderúrgica de grande porte.. Depois, os chilenos conseguiram fazer uma usina lá porque Volta Redonda teve sucesso. Havia muita gente na Europa e nos Estados Unidos, onde se podia obter financiamento, que não acreditava que se conseguisse ter sucesso aqui. E Volta Redonda provou isso. Então, conseguiram construir uma usina com empréstimos americanos na Argentina, construíram no Chile, a própria Colômbia também tem; repercutiu até fora das fronteiras do Brasil.

V.A. - Dizem muito que o empréstimo que veio do Eximbank para Volta Redonda veio graças a um discurso que Getúlio Vargas teria feito ainda em 40. Não sei se o senhor conhece essa versão.

R.A. - Eu já ouvi falar muito nisso, mas naquela época, em uma parte dela eu era até estudante, e depois era engenheiro recém-chegado, zero quilômetro, na Companhia Siderúrgica. Mas eu convivi muito com o general Macedo e ele nunca disse... Essas coisas de dizer, por exemplo, que o Brasil deu permissão para usar bases aéreas com a condição dos Estados Unidos nos darem Volta Redonda, eu nunca ouvi o general Macedo confirmar isso, não. Se houve alguma conversa do Getúlio com o Roosevelt, que o Roosevelt veio aqui ao Brasil, esteve lá em Natal pelo menos, pode ser até que

tenha havido isso, não vou dizer que não. Mas nunca ouvi o general Macedo falar disso, até pelo contrário. O que eu posso lembrar é o seguinte: a gente vê, pelo próprio livro do general Macedo, que o Getúlio o mandou para a Europa, em princípio de 39 ou fim de 38, por aí, para estudar a possibilidade, já que o general Macedo tinha estudado lá, tinha feito estágios e era professor da Escola Técnica do Exército. Ele foi apresentado ao Getúlio pelo ministro da Viação da época, o general... esqueço o nome dele. Tem aqui no livro. Eu sempre esqueço o nome desse general. [procurando no livro] Está aqui o ministro da Viação, mas cadê o nome dele?⁴

I.F. - Depois a gente vê isso.

V.A. - A versão que se conta, desse discurso do Getúlio, é que teria sido um discurso, em maio de 40, pró-Eixo e que, a partir daí, o Roosevelt teria pressionado o Eximbank para que ele fizesse o empréstimo de US\$ 20 milhões.

R.A. - Essas coisas são bastante complexas para a gente dizer se é ou não é. O que a gente sabe, fazendo cogitação, é que houve um certo entusiasmo... O Getúlio foi um homem de grande visão, ele não foi assim de um lado ou de outro. Mas no princípio da guerra, o êxito, o sucesso da Alemanha e da Itália, principalmente de Hitler, tomando a Europa toda, aquilo repercutiu no mundo todo; era o time ganhador. Mas, quando estava-se tratando disso, o Getúlio mandou o general Macedo, coronel naquele tempo — ou capitão, não sei —, à Europa para estudar a possibilidade, já com a idéia de construir a siderurgia, de trocar minério brasileiro, que era o nosso trunfo, por equipamento e tecnologia dos países carentes de minério. Não adiantava, por exemplo, ir a um país como a França, que tinha muito minério de ferro. Então, principalmente Alemanha, Inglaterra e Bélgica — países que estavam interessados em importar minério de ferro e que tinham siderurgia. O general Macedo chegou lá — eu ouvi ele contar isso e está de certo modo dito aqui no livro — e sentiu que a Europa estava caminhando para a guerra e comunicou ao governo brasileiro que não via perspectivas.

Um pouco antes dessa época, o Osvaldo Aranha, acho que como embaixador do Brasil nos Estados Unidos, tinha tido contatos com pessoas altamente colocadas no governo americano, talvez ministros ou coisa assim, e os americanos se mostraram muito receptivos a financiar projetos. “Vocês tragam grandes projetos, que nós estamos prontos a estudar e eventualmente financiar.” Se já tinha alguma coisa por trás disso, eu não sei. Mas isso é um fato, consta aqui do livro dele. Então, quando o general Macedo disse que na Europa a coisa parecia inviável, recebeu ordem de ir a Nova York retomar os contatos que o Osvaldo Aranha tinha feito.

Então ele foi lá, foi recebido, procurou primeiro uma empresa que era subsidiária da United States Steel, esta era a maior empresa siderúrgica não só dos Estados Unidos como do mundo. Através dela, ele entrou em contato com a United States Steel e daí nasceu a idéia de se fazer uma *joint venture* no Brasil. Aí, já nem tanto com minério de ferro, a idéia era um pouco diferente. A United States Steel achou a idéia boa e mandou uma comissão aqui ao Brasil para estudar a situação. Essa comissão voltou e fez um relatório favorável — mas era uma comissão, não era a United States Steel ainda. Então, e o general diz aqui no livro, eles, que estavam ligados a isso, estavam crenes que a United States Steel ia aprovar aquilo. Foi uma grande surpresa quando o conselho deliberativo, o *financial board* deu contra. Não especificamente por ser do Brasil, mas porque eles acharam que os Estados Unidos, mais cedo ou mais tarde,

⁴ O entrevistado se refere ao general João de Mendonça Lima, Ministro da Viação durante o Estado Novo (1937-1945).

iam ter que investir para ampliar as instalações deles para poder sustentar os aliados, ou iam ter que eventualmente entrar na guerra, como tiveram que entrar. E, além disso, parece que os russos, antes da guerra, tinham invadido a Finlândia e tinham tomado uma instalação que a United States Steel tinha lá. Então, por isso, mas principalmente pelo ambiente que existia, a United States Steel resolveu que não faria mais investimentos fora dos Estados Unidos. Aí ele voltou, conversou com o Getúlio Vargas e resolveram tratar o problema como foi afinal tratado pelo Brasil, sem o *joint venture*. E tiveram até o apoio, a United States Steel, de certo modo, apoiou um pouco a idéia mas não entrou mais.

E aí, pelo estudo que a comissão tinha feito aqui, a Comissão Executiva contratou a McKee, que não era ainda nossa consultora, só para fazer uma apreciação do trabalho que eles iam apresentar ao Eximbank para obter o financiamento. Foi quando veio o Haven e fez o relatório favorável, mostrando algumas deficiências, principalmente no sistema de transporte nosso. Achou que as matérias-primas eram viáveis, que o mercado era viável, tudo isso era viável. Que os transportes é que precisavam de um melhoramento muito grande pelo volume de matérias-primas, carvão do Sul, minério, e nossas estradas de ferro, nossos portos, estavam muito aquém das necessidades. Mas, em suma, foi favorável. E com esse relatório, eles foram ao Eximbank, que pegou aquilo, acho que mandou estudar por outras firmas e finalmente saiu o empréstimo. Eles foram para lá em julho de 40, dr. Guinle, o general Macedo e o Ari Torres, e o empréstimo saiu em setembro de 40, quer dizer, o acordo foi feito em setembro de 40. A Companhia Siderúrgica Nacional foi fundada em 9 de abril de 1941 e eles puderam realmente tocar para a frente.

V.A. - E essa troca das bases norte-americanas pela CSN, o senhor acha que é muito simplista isso?

R.A. - Eu não sei até que ponto... Teria que ver também as datas em que isso ocorreu. Sinceramente, eu não tenho nenhum dado para esclarecer isso. A única coisa que eu posso dizer é que houve uma reunião na Companhia Siderúrgica, o general Macedo já estava até um pouco idoso e afastado dessas coisas, e foi combinado fazer uma entrevista com ele, que foi até filmada e gravada, em que nós, que colaboramos com ele, fomos incumbidos de fazer certas perguntas para tirar da experiência dele. E eu tenho quase certeza que foi feita essa pergunta e que ele achou que não foi um elemento fundamental.

I.F. - Ele me disse, no depoimento dele, que isso é um absurdo porque o Roosevelt esteve aqui no Brasil quando o contrato já estava assinado.

R.A. - É o negócio das datas que eu estou falando. Eu não tinha acesso a essas coisas, era um jovem engenheiro, fichinha na companhia.

I.F. - Agora, que naturalmente os americanos tinham muito interesse, tinham.

R.A. - É como eu disse antes. Como eles falaram com Osvaldo Aranha que estavam dispostos, eles estavam procurando certamente, com a guerra no mundo todo, se situar bem em relação ao resto da América, ao Brasil principalmente. Havia esse interesse, o que é lógico, perfeitamente lógico e racional. Nós muitas vezes temos certos problemas com os americanos porque pela nossa raça latina, e talvez brasileiros ainda mais, nós somos muito emotivos. Nós agimos muito na base da emoção. Já os americanos, os

anglo-saxões, são mais frios. Não vou dizer que não tenham emotividade, mas são mais pragmáticos, principalmente em negócios. Negócio é negócio, amizade é amizade. E nós misturamos um pouco essas coisas. Nós brasileiros, por exemplo, quando há alguma coisa nos Estados Unidos, a gente fica chateado e diz: “Ah, o Brasil é amigo dos Estados Unidos, mas os Estados Unidos não fazem camaradagem, não dão colher de chá para Brasil”. Eles não pensam nessas coisas. É como o trabalho nos Estados Unidos: trabalho é trabalho. Aqui, às vezes um subordinado discute com o chefe; lá não tem muito isso de discussão com o chefe, não. Pode conversar, trocar idéias, mas quando o chefe manda fazer é para fazer, não tem conversa. Agora, terminou o expediente, é outra coisa: todo mundo é igual, toma bebida junto, canta junto, é outra coisa. Mas a coisa é muito nitidamente separada, eles são muito pragmáticos nessa coisa. Pensar que a pessoa é sua amiga, que vai fazer... Pode até fazer, mas eles são de outra natureza, outra raça; é um pouco diferente.

I.F. - Mas eu estava preparando a sua entrevista e estava vendo: há quem diga que sem a guerra nunca haveria a CSN. Por vários motivos. Um é esse interesse norte-americano em financiar para ter o Brasil ligado...

R.A. - E era o único que podia financiar, o resto estava todo brigando.

I.F. - E outro, era o Brasil que de repente viu que tinha a oportunidade e a necessidade de se industrializar, de ter armamentos e tudo isso. Então, a guerra teve um lado muito positivo na criação da CSN. Por outro lado, a construção enfrentou uma série de dificuldades por causa da guerra. O senhor deve ter vivido muito isso.

R.A. - Claro. O atraso, como eu disse: perdemos em prioridades, navios e equipamentos afundados etc.

I.F. - E eu gostaria de saber se o senhor sabia que o seguro de transporte de material era altíssimo na época da guerra.

R.A. - É, até o general disse que depois foi preciso aumentar em cinco milhões o empréstimo de 20 milhões, porque o transporte e o seguro cresceram muito com a guerra porque os alemães estavam torpedeando navios aí a torto e a direito.

I.F. - E essas notícias chegavam ao senhor lá, como engenheiro, trabalhando?

R.A. - Nós estávamos muito mais na parte técnica. A gente sabia desses problemas para obter prioridade, mas eram assuntos tratados pela chefia, pelo general Macedo, depois o general Raulino.

I.F. - Outra coisa que o general Edmundo comenta, na entrevista, foi essa questão da dificuldade de trazer os desenhos, tanto para o Brasil como devolver para lá; que os documentos eram todos controlados. O senhor soube disso também?

R.A. - Eu sabia que havia essa dificuldade. Em particular, houve o caso da General Electric — ele cita no livro, a senhora deve saber. Porque nós tivemos um contrato em que grande parte do equipamento elétrico da usina foi da General Electric. Nós tínhamos uma encomenda quase que em aberto com eles. Não que não tivesse outros

equipamentos, Westinghouse ou coisa assim, mas a grande parte era com a General Electric.

[FINAL DA FITA 3-A]

R.A. - ...estava lá nos Estados Unidos. Portanto, isso deve ter sido em 41, e um dia ele recebeu uma solicitação da General Electric para ir a Schenectady, uma cidade pequena do estado de Nova York, onde está a sede da General Electric. Ele foi lá e teve uma desagradável surpresa, porque explicaram a ele, até com muito cuidado, que aconteceu o seguinte... Os Estados Unidos não estavam na guerra, foi antes de Pearl Harbor; Pearl Harbor foi em 7 de dezembro de 41...

V.A. - Hoje está fazendo 57 anos.

R.A. - Exatamente, 7 de dezembro. Mas os navios já estavam sendo torpedeados, mesmo navios americanos. Fosse o que fosse, os *U-Boat*, os submarinos alemães, não estavam querendo saber, estavam torpedeando tudo. Então, as fábricas da General Electric e seus escritórios de engenharia estavam empenhados em desenvolver equipamentos para evitar isso. Então foi proibido o acesso, a qualquer estrangeiro, aos estudos da General Electric. Então nós perdemos aqueles contatos que tínhamos que ter com a General Electric, de equipamentos, desenhos e tudo o mais; foi cortado, não podiam mais fazer. Então, o general Macedo sugeriu uma idéia que eles aceitaram e resolveu: que eles mandassem um grupo de engenheiros, alguns engenheiros especializados em eletricidade, para o Brasil. Porque ele sabia que nós tínhamos engenheiros eletricitas bons aqui. O Moraes, por exemplo, é formado em Itajubá, que é uma escola que tem engenheiros eletricitas muito bons. E ele sabia que nós tínhamos bons engenheiros eletricitas. E com alguns elementos já especializados nessa parte elétrica de indústria siderúrgica... A General Electric então mandou para cá um cidadão, se não me engano era até russo ou de origem russa, Troni, Dimitri Troni — ele até cita no livro, que depois casou-se com uma brasileira e ficou até morrer aqui no Brasil. Tinha um outro, Tolbert, um outro Thomas, eram pelo menos esses três e, com os engenheiros brasileiros, aqui foi detalhado. Esse serviço teria que ser feito lá, mas por motivo desses segredos, sigilos etc., nosso pessoal não tinha acesso e foi feito aqui. E assim a mesma coisa com o transporte de desenhos, isso tudo se tornou... Naturalmente, de olho num possível vazamento de informações para o inimigo.

I.F. - Voltando à sua chegada, o senhor acompanhou, lá nos Estados Unidos, toda a parte de projeto. E quando chegou, já encontrou tudo iniciado.

R.A. - É, na parte de concreto, fundações, estruturas, viadutos, isso já estava pronto. Quando eu cheguei, estavam começando a montagem das estruturas metálicas e os equipamentos, máquinas.

I.F. - Foi nessa ocasião que o dr. Ernâni Bittencourt Cotrim, engenheiro civil, esteve aqui trabalhando?

R.A. - Cotrim... É interessante porque teve três Cotrims: o avô, o pai e o filho. Tem o Cotrim que esteve na comissão, mandado pelo Ministério da Viação, para ver problemas de carvão lá nos Estados Unidos.

I.F. - Tem um aqui como engenheiro civil.

R.A. - Esse talvez seja o que trabalhou comigo no alto-forno, o Nilton Resende Cotrim.

I.F. - E tem Carlos Berenhauser Júnior na parte elétrica da usina. Esse o senhor já encontrou aqui?

R.A. - Não, eu conheci o Berenhauser nos Estados Unidos, eu já estava lá quando ele foi. Quem cuidava da parte elétrica era aquele engenheiro que a senhora queria saber o primeiro nome, o Saldanha da Gama, S. Saldanha da Gama. Ele, como eu disse à senhora, não ficou muito tempo lá. Não sei por qual motivo ele resolveu ir embora e foi o Berenhauser para lá. O Berenhauser era conhecido do general Macedo, não sei se era professor na Escola Técnica do Exército — ele era militar — e foi para lá com a família. Eu o conheci lá também. Eu conheci o São Tiago aqui, na véspera de viajar, e viajamos juntos. Conheci o Paulo Martins aqui porque ele estava no escritório do Rio quando eu estive aqui; só que ele foi de avião e, quando eu cheguei, ele já estava lá.

I.F. - A informação que eu tenho é de que havia muita dificuldade para se conseguir mão-de-obra especializada. Dos mais importantes, recrutados no Brasil inteiro, a maioria veio do eixo Rio-São Paulo. Então, eu tenho o nome do Carlos Berenhauser Júnior, da parte elétrica da usina de força.

R.A. - É, ele ficou encarregado da parte elétrica, toda ela — da parte de força inclusive. CTE, como nós chamamos: Central Termoelétrica.

I.F. - E o senhor trabalhou com ele aqui muito tempo?

R.A. - Não, não. Ele tratava da parte elétrica e eu vim para cá tratar especificamente do alto-forno.

I.F. - Mas não moravam aqui em Volta Redonda?

R.A. - Ah, morávamos!

I.F. - O senhor convivia com ele?

R.A. - Ah, sim, certamente. Eu estava pensando na usina. Nos vivíamos aqui na usina. No tempo em que ele esteve aqui, no tempo todo dele, eu era solteiro. Mas tivemos muito contato. O conheci lá, convivemos lá nos Estados Unidos, embora não no mesmo lugar. Eu era solteiro, tinha um quarto alugado em uma casa de família, e ele estava com a família em um prédio que quase todos os brasileiros... Primeiro foi o general Macedo para lá. Era um prédio muito bonito em Cleveland, chamava-se Park Lane Village. Quase todos foram para lá e o Berenhauser morava lá com a senhora e os filhos. Até contam que as filhas deles — ele tinha duas meninas muito bonitinhas — quando chegaram aqui, estavam muito entusiasmadas e falavam sobre os Estados Unidos: “Lá, até os pobres são ricos.” [risos]

I.F. - E o dr. Torresão, que ficou responsável pela coqueria?

R.A. - Esse era da Marinha. Ele foi indicado, fez parte do primeiro grupo que foi mandado para os Estados Unidos. Quando eu fui, ele já estava lá porque eu e o São Tiago fomos o segundo grupo de engenheiros. O primeiro foi em janeiro de 41 e nós fomos em fevereiro. O primeiro grupo foi o Larrabure, o Torresão e o Saldanha da Gama, se não me engano. Me lembro até que li no jornal — nem sabia que ia — e fiquei com uma inveja danada. [riso] Um mês depois, eu fui.

I.F. - Mas parece que o Saldanha da Gama não se adaptou muito lá, não foi?

R.A. - Olha, eu tive pouco contato, porque ele passou pouco tempo lá. Ele estava até com a senhora. Eu não sei bem as razões, parece que ele teve uma oferta boa de uma firma, eu acho que ele era professor. Não era uma pessoa idosa, acredito que fosse um homem de uns 40 para 50 anos ou coisa assim, mas não era jovem como nós recém-formados. Mas ele passou pouco tempo, quando foi o Berenhauser cuidar da parte elétrica. E o Torresão ficou incumbido da coqueria. Mas o Torresão passou pouco tempo lá. Eu me lembro de uma ocasião, deve ter sido em 41 ainda, em que nós fizemos as licitações e recebemos três propostas para o alto-forno: uma da McKee, que além de consultora era a fornecedora mais conhecida de altos-fornos — ela não tinha fábrica mas tinha projetos; uma da Freyn Engineering, e uma outra da Brassert.

I.F. - Freyn parece nome alemão.

R.A. - Talvez fosse, mas era uma firma americana. E tinha uma outra, de que no momento não me recordo... Não sei se era Brassert, que era também de fundo meio alemão. Nos Estados Unidos tem muito alemão. Mas então o general Macedo me deu aqueles projetos e a McKee não podia funcionar como consultora numa competição em que ela era parte. Então, ele contratou um consultor em Pittsburgh — o nome dele era Hunt, uma coisa assim, não me recordo mais. Ele me entregou as propostas e me falou: “Você vai a Pittsburgh e vai estudar isso com o Hunt — se é o nome, eu não estou muito certo desse nome — para ver a opinião dele.” Eu sei que fiquei uma semana ou mais em Pittsburgh estudando isso.

Nesse meio tempo, o grupo brasileiro que estava em Cleveland teve um convite para visitar uma usina da Armco, American Rolling Mills Company. Era uma indústria siderúrgica muito interessante situada no sul do estado de Ohio, uma parte em Kentucky e outra em Ohio, e o general Macedo tinha um conhecimento bastante grande acho que com o presidente. O presidente deles escreveu um livro também interessante, é uma empresa muito interessante. Bom, eu estava em Pittsburgh quando o grupo foi lá para Middletown, Ohio, onde estava essa American Rolling Mills, e o Torresão teve um enfarte lá. Eu só soube quando cheguei. Ele estava com a senhora, estava no grupo, e teve um enfarte. Quando ele voltou, não teve mais condições. Ficou em repouso — naquele tempo o enfarte tinha mais cuidados do que hoje —, eu me lembro de visitá-lo lá, e em seguida ele veio para o Brasil. Eu não sei se ele ainda ficou na companhia por algum tempo ou não. Essa parte de coqueria, eu não sei se foi o Larrabure ou o São Tiago quem ficou incumbido, porque ele não passou muito tempo. Eu acho que o Torresão não ficou nem um ano lá.

I.F. - O Larrabure era o encarregado da laminação.

R.A. - É, e da parte mecânica. Era paulista...

I.F. - Esteve lá e voltou.

R.A. - Ele foi do primeiro grupo. Eu, quando cheguei, ele já estava lá com a família. Se não me engano, ele tem até filha nascida lá. O São Tiago tem filha nascida lá também. O Larrabure veio, esteve aqui bastante tempo, acho que era um dos que estavam querendo voltar para São Paulo antes de terminar a construção e o general Macedo o segurou um pouco aqui.

I.F. - Não pode, serviço de guerra!

R.A. - [risos] É, depois ele foi.

I.F. - O São Tiago Filho era especialista em...

R.A. - O São Tiago fez o curso da Escola Técnica do Exército e acho que foi aluno do general Macedo, talvez até por isso o general Macedo o tenha escolhido. Ele era encarregado da aciaria, lá na comissão.

I.F. - E depois veio para cá também?

R.A. - Veio para cá.

I.F. - Paulo Martins, construção civil e hidráulica.

R.A. - É, construção civil e hidráulica, tratamento da água.

I.F. - Quer dizer, ele veio preparar tanto a parte de construção para receber a usina como a parte da cidade também.

R.A. - A parte da cidade também.

I.F. - O dr. Rosauero Mariano da Silva também ficou com a construção civil e hidráulica.

R.A. - São dois, Mauro e Rosauero.

I.F. - É, eu estive com o Mauro. Dr. Rosauero já morreu.

R.A. - São dois irmãos, primos do general Macedo. Os pais eram irmãos e as mães eram irmãs. Mas nenhum deles fez parte da comissão, não.

I.F. - Mas estiveram aqui na época da construção civil.

R.A. - O Rosauero trabalhou com o Paulo Martins na parte hidráulica, mas o Paulo Martins pegava a parte civil também, e o Rosauero era especificamente hidráulica. E o Mauro, na parte elétrica.

I.F. - E o Varonil de Albuquerque Lima é aquele general?

R.A. - É, o Varonil era do Exército. Depois, quando o Berenhauser veio para o Brasil, o Varonil foi substituí-lo lá.

I.F. - Depois veio para cá também.

R.A. - Veio para cá também.

I.F. - Ele era da parte de elétrica também.

R.A. - O Varonil era da parte elétrica, mas não sei se ficou muito tempo aqui, não.

I.F. - Eram três irmãos gerais, não eram?

R.A. - Pode ser, mas aqui na siderúrgica só tinha o Varonil.

I.F. - Eu digo como militares.

R.A. - É possível a senhora ter razão.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

R.A. - Tenho a impressão que estive pouco tempo com o Varonil, lá em Cleveland. Acho que ele chegou lá e pouco depois eu vim embora. E aqui, eu estava muito ligado ao alto-forno, só pensava em alto-forno, de modo que não tive muito contato. Mas com quem eu tive mais contato, depois, que era também um engenheiro de grande valor na parte elétrica, foi com o Mota Resende. O Mota Resende foi professor no Rio, era um engenheiro muito considerado aqui pelos engenheiros, foi chefe da parte elétrica. O nome dele é Ernâni Mota Resende.

I.F. - E o Napoleão Alencastro Guimarães que era o encarregado da Estrada de Ferro Central do Brasil.

R.A. - Esse não foi da Siderúrgica.

I.F. - Não, mas tinha um trabalho muito grande aqui, porque a siderurgia dependia muito da estrada de ferro.

R.A. - É, e inclusive o general Macedo elogia até a atuação dele porque, para trazer os equipamentos... Havia equipamentos que não passavam nos túneis da Central. Tinha que vir por ferrovia, porque não tínhamos estradas nem caminhões para aquilo, e o general Macedo até cita que comprou o que ele chama de vagões rebaixados. Tinha o truque: no meio ele vinha assim, depois baixava, para pôr esses equipamentos. Mas mesmo assim não dava gabarito. Então, esse Alencastro Guimarães, que era o diretor da Central do Brasil, fez uma obra relativamente rápida para abaixar a linha férrea, porque, naturalmente, ele contava que seria mais fácil do que cortar em cima do túnel, para poder passar certos equipamentos. O general Macedo elogia o trabalho dele.

I.F. - Nos levantamentos que fiz, eu tenho a sensação que esse foi o núcleo mais importante no começo da CSN. O senhor lembra de mais alguém, de técnicos especializados?

R.A. - Bom, os que nós temos comentado aqui é muito o pessoal que esteve no escritório de Cleveland. Depois, muitos engenheiros que entraram aqui desempenharam funções importantes, foram para lá só para estágio e voltaram para cá. É o caso por exemplo do coronel Pena, Antônio Carlos Pena, já faleceu. Ele foi vice-presidente da companhia e tudo. O São Tiago, eu disse que era o encarregado da aciaria. Depois, quando começamos aqui mesmo, na construção — o São Tiago até não gostou muito, não —, ele foi transferido da aciaria para uma parte de controle de qualidade. Veio um técnico americano, um senhor até muito boa pessoa, muito competente. Nós éramos colocados ao lado dos americanos. E o Pena assumiu a aciaria ainda na construção, depois foi superintendente da usina, foi diretor industrial, foi até vice-presidente da companhia. É o caso também de outro militar — o Pena também era militar, foi aluno do general Macedo como o São Tiago —, o depois coronel Ciro Borges. O Ciro Borges também foi aluno do general Macedo, fez estágio nos Estados Unidos, até não sei se ele trabalhou um pouco no escritório, depois voltou aqui e foi chefe da fundição e depois foi até diretor industrial também. Eu, naquele tempo, estava muito fechado no alto-forno.

I.F. - No alto-forno, era tudo com o senhor?

R.A. - Naquela época. Depois eu passei a ser chefe do grupo de metalurgia e aí englobava coqueria, alto-forno, aciaria e fundição. Mas aí já era mais supervisão. E depois vim a ser superintendente da usina, antes de ser diretor. Tem muita gente que passou por aí, pode até a memória falhar.

I.F. - Mas eu digo nesse comezinho assim.

V.A. - Os pioneiros mesmo, os engenheiros que seriam os pioneiros.

R.A. - Alguns ficaram aqui praticamente só na construção. Por exemplo, na coqueria esteve aqui um engenheiro mas eu acho que saiu antes de operar a usina. Depois, quem veio para a usina, um colega nosso que já faleceu, foi o Válter Mota. Esse veio, depois fez estágio nos Estados Unidos, voltou, foi chefe da coqueria muitos anos. Foi um engenheiro que desempenhou um papel muito importante aqui. O Cotrim trabalhou comigo algum tempo, mas depois passaram o Cotrim para a aciaria e aí veio um outro engenheiro que trabalhou comigo no alto-forno. Na aciaria, o pioneiro, de certo modo, foi o Pena; o São Tiago foi lá e depois esteve pouco tempo aqui, porque passou para o controle de qualidade. O Ciro foi na fundição. Na laminação, nós tivemos o engenheiro Laux, Eurico Laux, que foi na parte de desbastador. Depois nós tivemos o engenheiro Jardel Borges Ferreira, que ficou também na parte mais de laminação e foi também superintendente da usina. Ele hoje está aposentado, mora em Vitória, trabalhou com o presidente da Companhia Siderúrgica de Tubarão, mas desempenhou papel importante aqui na laminação.

V.A. - Esse Ciro, como é o nome dele?

R.A. - Ciro Alves Borges. Eram os “três coronéis”, como a gente chamava aqui. [riso] Tinha um tipo de casa que a gente chamou de casa dos coronéis: o Pena, o São Tiago e o Ciro. Eu acho que eles foram até colegas na Escola Técnica do Exército, hoje Instituto Militar de Engenharia, onde o general Macedo foi professor — acho que foi professor deles.

V.A. - E eles eram os três coronéis?

R.A. - Eles foram juntos, mais ou menos. Acho que quando eles foram para lá, eram capitães ou coisa assim, e depois foram maiores. Mas fizeram a carreira deles toda aqui na Siderúrgica. Foram sendo promovidos, mas acho que na tropa mesmo eles não estiveram.

I.F. - O general Edmundo chegou a general sem nunca ter comandado uma tropa.

R.A. - O general Macedo é um exemplo desses.

I.F. - Era um período no Brasil em que se valorizava muito esse desenvolvimento técnico.

R.A. - Pois é. Talvez até, no Exército, o pessoal... Eu me lembro do São Tiago contar que, quando ele foi escolhido para ir para os Estados Unidos, que ele foi lá se apresentar não sei se ao ministro da Guerra ou a quem, que o homem deu um teco nele danado — acho que não devia ter muita visão — e disse: “Mas o senhor já vai? O senhor é uma página em branco no Exército.” [risos] Mas a pessoa trabalha, não precisa...

I.F. - E aí o senhor acha que foi muito em função do Getúlio?

R.A. - É, o Getúlio Vargas teve uma função importante. Na época da ditadura, eu não apreciava muito o Getúlio, mas hoje em dia, quando eu leio a história da Siderúrgica, eu vejo que se discutiu a construção da usina, a chamada grande siderurgia... Porque nós tínhamos a pequena siderurgia a carvão de madeira, mas aquilo discutiu-se durante 20 ou 30 anos, só discutindo. Aquela história de brasileiro: discute, discute, discute, mas nada de positivo sai. Comissão atrás de comissão, começou com a Itabira Iron, depois veio a Primeira Grande Guerra, parou tudo e quando chegou na década de 20 era aquela discussão: Itabira Iron exporta, ela quer exportar minério mas tem que fazer usina siderúrgica, então ela quer fazer usina siderúrgica mas tem que fazer aqui, e discute para cá, discute para lá e passou a década de 20 toda. Quando entrou em 30, o general Macedo disse que no Exército, ele, o general Raulino e outros começaram uma comissão lá para estudar, porque eles sentiam mais a necessidade por uma questão de defesa, de equipamento, de material bélico. Depois então vieram civis, eram comissões do Ministério da Fazenda, Ministério da Viação... Depois houve uma comissão ligada diretamente ao Getúlio. Mas eu tenho impressão que a coisa “demorou” mesmo na vigência do Estado Novo. E aí o general Macedo cita no livro dele, num trechinho muito curto — com certeza não quis falar muito —, um francês que disse que a França só progredia em regime de exceção. Quando o Getúlio chegou, depois do golpe de 10 de novembro de 1937, aí a coisa andou porque aí não tinha que discutir mais no Congresso, não tinha que discutir. O Getúlio falava “é isso” e acabou-se. Se não fosse isso, não sei se a Siderúrgica ia sair como saiu. Não quero dizer, com isso, que eu defenda o sistema. Não, mas uma coisa é o excesso de autoritarismo; outra coisa é o excesso de demagogia.

V.A. - Democratismo.

R.A. - Democratismo, essas coisas. Nós não estamos conseguindo nos situar nessas coisas. Está vendo a Venezuela agora: pega um golpista lá e eu não sei o que vai ser da

Venezuela. Dizem que já vai fechar o Congresso. Às vezes o sujeito fala muito e é demagogia. De modo que, na América Latina... Os americanos sempre estão de olho na América Latina. Eles, que têm uma Constituição de 1776...

I.F. - Não muda nada.

R.A. - Eles tem lá os *amendments* deles, mas não é outra constituição. Aqui, só na década de 60, acho que nós tivemos uns quatro presidentes.... Quer um troço, chama o fulano de tal, desde que esteja nas forças armadas... Por isso que o militar tem tanta força aqui. O Getúlio, enquanto teve o apoio das forças armadas, se equilibrou. Mas depois da guerra, as forças armadas tinham ido lá para derrubar os ditadores, não podiam sustentar um ditador aqui. [riso] Aí, de certo modo, caiu. Depois também daquela história que mataram o major Vaz, o amigo do Carlos Lacerda, foi outra... No fim, a gente viu que o Getúlio não tinha culpa nenhuma naquilo, aquilo foi coisa lá do “anjo negro” dele, do Gregório, que contratou um pistoleiro. E o negócio revirou todo.

Eu, por exemplo, me lembro de uma ocasião em que eu passei em Nova York, perto da Wall Street — não tem nada que ver com as ações... Tem lá um lugar onde o Washington — tem até uma placa — foi empossado como primeiro presidente dos Estados Unidos. E eu fiquei pensando: se os Estados Unidos... O negócio lá é de 76, ele tomou posse 13 anos depois. Depois eu conversei com um americano, até de uma firma de advocacia que, quando nós precisávamos, íamos lá, e eles me explicaram. Quando eles fizeram aquele famoso documento dizendo que não podia continuar mais... Porque não foi guerra, depois é que veio a guerra, quando os ingleses não quiseram sair. Eram 13 colônias, mas elas eram tão autônomas que foi uma luta para conseguir compatibilizar as leis de um estado com outro. No fim, só havia um homem nos Estados Unidos capaz de ser presidente, que era o George Washington. Ele então foi o primeiro presidente. Mas eles levaram anos nisso, para compatibilizar. A primeira bandeira tem 13 estrelas numa elipse porque eram 13 estados. Hoje são 50. No tempo em que eu estava lá eram 48, depois entraram o Texas e o Havaí. Muita gente diz que é uma gafe, quando se está no Havaí, dizer que vai para os Estados Unidos. Daí vem o nome clássico, porque muita gente não raciocina o porquê desse “estados unidos” — porque eram estados que se uniram. O Brasil, também, antigamente era chamado de Estados Unidos; depois mudaram: agora é República Federativa do Brasil. Mas nós copiamos muita coisa. Parece que a nossa primeira Constituição, a de 1891, foi muito copiada dos americanos também.

V.A. - Quando o senhor chegou aqui, em novembro de 43, outros engenheiros que estavam em Cleveland vieram também, ou o senhor veio só?

R.A. - Não, ali eu vim só. Mas fomos mandados um a um...

V.A. - Como foi a decisão de o senhor voltar? Estava pronto...?

R.A. - Porque, praticamente, o serviço que eu podia fazer lá já estava feito. E aqui, eu estava ligado ao alto-forno, estava na hora da montagem do alto-forno. Então, à medida que o serviço estivesse terminado lá e houvesse a necessidade da pessoa aqui... O próprio general Macedo disse que ele ficou lá até dezembro de 41 porque ele sentiu que naquele momento... Ele tinha colocado as grandes encomendas, a coqueria era da Coppers, o alto-forno era da McKee, aciaria da Freyn, a laminação era Mesta etc. Ele achava que então tinha que vir para cá para acompanhar o serviço aqui. Foi quando o

general Raulino ficou lá. De modo geral era assim. O caso que eu citei, primeiro, do Saldanha da Gama, parece que não foi bem assim. Eu não sei bem por que ele saiu, porque ele saiu logo depois que eu cheguei lá. Mas parece que ele veio para cá para ter uma função muito boa numa empresa dessas grandes, elétrica, não sei se foi a Westinghouse, uma dessas. Mas era individualmente, não era por grupos. Depois — mas isso já a usina funcionando — a companhia mandava grupos. Nós tivemos um contrato de assistência técnica com a United States Steel. Então, iam grupos, às vezes meia dúzia ou coisa assim, de engenheiros e técnicos, para estagiar. Aí ia um grupo, o grupo fazia o estágio e voltava o grupo. Mas nessa época da comissão, era mais ou menos individual.

V.A. - E quais foram os problemas que o senhor enfrentou aqui no início? O senhor trabalhou lá, conheceu o modo de execução de um alto-forno, a fabricação, e quando chegou aqui a realidade brasileira era muito diferente para fazer acontecer aquilo que o senhor tinha visto lá?

R.A. - Bom, primeiramente, naturalmente o problema foi a montagem, não era a operação. Como eu disse, eu cheguei aqui em novembro de 43 e estava montada a primeira coluna do alto-forno. Depois, teve que montar aquilo tudo, equipamento, operações, o que nós chamamos de regeneradores, equipamento para levar a carga etc. Agora, nós recebemos também equipes americanas especializadas. A McKee, que ganhou o alto-forno, mandou para cá uma equipe. Nós tínhamos o montador-chefe, ele tinha um assistente, tínhamos um especializado na parte de hidráulica, tinha um na parte de mecânica, tinha um na parte elétrica. Então, nós púnhamos intérpretes com esses homens e eu ficava mais junto, olhando isso, trabalhando com eles, porque o operariado era brasileiro. Nós tínhamos algumas pessoas que tinham algum conhecimento prévio, nada parecido com aquilo, mas que tinham montado alguma estrutura, alguma máquina, alguma coisa. Então, trabalhamos juntos mas com algumas dificuldades por causa da língua. Mas a coisa foi andando, nós tínhamos intérpretes, cada um desses americanos tinha um intérprete com ele. Eu e o Cotrim, principalmente, nós dois que éramos os do alto-forno, é que dávamos assistência. Os americanos só cuidavam da parte técnica — construção e operação. Agora, a parte, digamos assim, de pessoal, de admissão, demissão, punição, férias, isso tudo era conosco, porque eles não se metiam nisso. Essa parte administrativa, os americanos não entravam nisso.

V.A. - E essa admissão? Nós já ouvimos que justamente para admitir ou pegar pessoal para a construção da usina, os operários, era muito difícil a mão-de-obra. Em algumas publicações, nós lemos que eram arregimentadas, as pessoas, à moda militar.

I.F. - Que os peões eram amealhados à moda militar, principalmente em Minas, Espírito Santo e São Paulo.

R.A. - Eu não tenho essa impressão. A mão-de-obra realmente...

[FINAL DA FITA 3-B]

R.A. - ...porque naquela época, nós não tínhamos grandes equipamentos, nada disso. Mas dá a impressão assim de trazer como escravos, mas não acontecia isso, não. Todo mundo queria vir para Volta Redonda. Principalmente em Minas: o pessoal que trabalhava em siderurgia estava interessado em vir para cá porque era uma empresa

nova em que eles podiam progredir rapidamente; pagava um pouco mais do que se pagava lá, então havia um interesse em vir para cá. Para arregimentar essa gente, ninguém vinha à força, não. Agora, tinha pessoas que diziam: “Lá você vai ter isso, vai ter aquilo, nós vamos pagar tanto etc. e tudo o mais.” E com isso as pessoas vinham para cá. Agora, havia aqui — até isso foi um pouco antes de eu chegar... Como eram muitas pessoas, havia uma polícia da companhia. Dizem até que tinha um camarada, que era o chefe de polícia, que era meio... o pessoal ficava meio apavorado com ele.

I.F. – Sabe o nome dele?

R.A. – Agora não me recordo. Quando eu cheguei aqui, ele já tinha ido embora. Mas tinha uma polícia da companhia; a companhia tinha a própria polícia dela, o pessoal andava com uma fardazinha. Isso aqui era distrito de Barra Mansa, mas Barra Mansa não mexia aqui. O chefe aqui era o general Macedo, na época, general Raulino, depois. Eles comandavam esse negócio todo. Nós tínhamos corpo de bombeiro, nós tínhamos polícia, nós tínhamos hospital, nós tínhamos escola, tudo isso era operado pela Companhia Siderúrgica. Praticamente, a administração de Barra Mansa não interferia nisso. Depois, quando Volta Redonda se tornou município, a partir de 54, logo de saída o prefeito fez o novo código tributário e nós passamos a pagar impostos muito mais altos do que pagávamos a Barra Mansa.

As pessoas vinham para cá, havia instalações, naturalmente provisórias, para esse pessoal de mão-de-obra.

I.F. – E vinha gente já preparada, ou chegava qualquer um e vocês tinham que selecionar os melhores?

R.A. – Não, tinha um exame médico e tinha o serviço de pessoal. Nessa parte de pessoal, o general Macedo tinha um homem de sua inteira confiança, o capitão Magalhães, Edgar Magalhães da Silva. Ele teve uma função muito importante aqui na companhia, não só na construção como durante algum tempo de operação, até ele se afastar daqui. Essa parte de pessoal era toda com ele. Não só admitir; demitir, indisciplina, essas coisas todas, porque aqui, naquela época, tinha mais de dez mil operários. E era gente de todo tipo — o que não quer dizer que todo mundo fosse ruim, mas tinha uma porcentagem. Jesus tinha 12 discípulos e um Judas no meio, pode por aí tirar... [riso] O Edgar Magalhães da Silva cuidava de toda essa parte, inclusive de uma parte muito importante, principalmente para aqueles que queriam ficar aqui, que era a distribuição de casas.

I.F. – Devia haver briga por causa disso, não?

R.A. – Pois é. Para o pessoal solteiro ainda tinha construções provisórias de madeira. Mas tinha aqueles que já estavam com família, que vinham para cá e tinham idéia de ficar aqui. E a companhia estava construindo casas tão rapidamente quanto possível. Chegou a construir perto de cinco mil casas, de vários tipos. A procura de casa era enorme e cada um chegava com a sua prioridade. E o capitão Magalhães é que discutia, que distribuía casas. De modo que essa parte de polícia era com ele, banda de música era com ele, corpo de bombeiros era com ele. O general Macedo cuidava da parte técnica, da parte financeira.

V.A. – E ele já faleceu, esse Edgar?

R.A. – Já. Aliás, ele faleceu até de uma maneira... parece que estava de carro, sozinho, na ponte Rio-Niterói, e o encontraram morto. Não sei se ele presentiu, mas parece que ele deixou um bilhete escrito para comunicar, um telefone, uma coisa qualquer. Os filhos trabalharam na companhia, foram engenheiros. Um filho dele mora no Rio.

I.F. – Por que veio tanto mineiro para cá?

R.A. – Eu diria que por dois motivos principais. Em primeiro lugar, de modo geral, Minas oferecia muito pouca oportunidade naquela época. Como eu disse, o Juscelino é que pôs eletricidade em Minas — naturalmente tinha alguma, mas não em quantidade suficiente —, estradas. Mas oportunidades de trabalho em Minas eram mais em agricultura. Então, vieram muito para cá. Aqui mesmo, em Amparo, aqui perto, nós conhecíamos aquele fazendeiro que eu falei, a senhora dele era da minha terra, eu ia lá e ele dizia: “Amparo é muito bonito, mas aqui nós só ficamos com crianças e velhos, porque o resto foi todo para Volta Redonda.” Então, de um modo geral, pouca oportunidade de trabalho em Minas. E, segundo, porque a siderurgia estava em Minas. Então, aqueles que tinham alguma experiência em usinas, que trabalharam na Queirós Júnior, na Belgo-Mineira, em todas essas, muitos vinham para cá porque tinham a oportunidade de ganhar mais. A gente via pelas carteiras, principalmente aqueles de funções mais modestas: eles traziam as carteiras de trabalho deles, eles ganhavam pouquinho mesmo lá. E aqui era um ambiente... O general Macedo mesmo dizia que o Getúlio queria que Volta Redonda fosse um exemplo de como uma indústria deve tratar o operariado. O Getúlio sempre teve essa idéia social.

I.F. – Mas em compensação, a vida era muito mais precária aqui, no começo, não?

R.A. – A princípio, era, mas sob o aspecto de lazer. O trabalho era bastante; casas, os que tinham estavam muito bem-servidos. A grande deficiência era mesmo na parte de divertimento e lazer.

V.A. – O senhor tinha facilidade em obter mão-de-obra? Porque nós também lemos que vinham os caminhões com os operários, em fila, e os engenheiros diziam: “Este é meu, este é meu...”

R.A. – Havia, mas tudo era controlado pelo serviço pessoal, pelo capitão Magalhães. Agora, os chefes de departamento — eu, o Mota na coqueria, o Pena na aciaria etc — íamos lá e dizíamos: “Nós precisamos de mais gente...” Em determinado momento você precisava de mais gente de um determinado tipo: ou de um sujeito analfabeto só para servente, ou de um cara que gostasse de eletricidade ou de mecânica, de um camarada que pelo menos soubesse escrever ou fazer um relatório. Então, a gente ficava em cima do Magalhães e ele ia distribuindo.

Agora, havia também um pouco de leilão entre os departamentos, isso havia. Quando o indivíduo queria um camarada, achava que ele era bom, chegava lá e oferecia um pouquinho mais porque o chefe de departamento podia dar um pouquinho a mais para ele. Daí vem até o nome — é uma das versões, não é a única — de arigó, aqui em Volta Redonda. O que chamavam de peão em Minas — em Minas, não; em Brasília, mas Brasília foi depois de Volta Redonda —, aqui a gente chamava de arigó. O arigó era principalmente esse operário de muito pouco conhecimento, quase nenhum, e o sujeito oferecia a ele mais um pouquinho e ele pulava para lá. Arigó parece que é um

pássaro que fica pulando de um lado para outro; daí o nome arigó. Eu já ouvi uma outra versão, até há pouco tempo, que também poderia ser, não sei. O indivíduo disse que arigó é ave de arribação. Então, como muda muito, vai para aqui, para ali... Porque muita gente passou por aqui; alguns ficaram muito tempo, outros ficaram pouco tempo. Eu lembro que numa ocasião eu fiz uma viagem com a Emmy, de carro, fui até o Ceará, e em todo posto de gasolina que eu passava, eles olhavam a placa... Volta Redonda: “Eu já trabalhei lá”. Era muito comum isso.

I.F. – O senhor falou em Brasília. O senhor pode fazer uma comparação entre o início de Volta Redonda e o início de Brasília?

R.A. – Ah, d. Ignez, é muito difícil porque eu não acompanhei Brasília.

I.F. – Também saiu do nada.

R.A. – Pois é, mas eu só fui lá uma ocasião, na construção, quando a companhia forneceu a estrutura metálica para construir o primeiro hotel que houve lá. Eu esqueço o nome, não sei se era Pálace ou qualquer coisa assim. Então, como curiosidade... Nós tínhamos aqui na fábrica de estruturas metálicas um engenheiro que era chefe que ia constantemente lá para ver essa construção. Então, eu fui uma vez, com o vice-presidente da época, que era o dr. Ismael Coelho de Sousa, e com esse engenheiro, até Brasília, mais até por curiosidade de ver o local do que pela própria construção do hotel. Depois, mais tarde, acho que nem um mês antes da inauguração, a Companhia Siderúrgica naquele tempo tinha como presidente o dr. João Kubitscheck, que era primo do Juscelino, e ele arrumou um avião, não sei se era um DC-3 daqueles, e nós fomos convidados. Fomos lá e corremos tudo aquilo. Nós estivemos até no palácio da Alvorada, vimos até banheiro do palácio da Alvorada, cadeira de barbeiro... Estivemos onde estava terminando a construção do Congresso. Mas isso foi praticamente um dia, nós fomos lá e voltamos com o dr. João Kubitscheck. Depois disso, muitos anos depois, eu fui com a Emmy, mas como turista.

V.A. – Mas no sentido de cidades construídas, o senhor faz uma comparação?

R.A. – Realmente eu não tenho elementos para comentar, porque não acompanhei nada.

I.F. – Belo Horizonte também foi construída.

R.A. – Foi, mas no século passado. Só que os construtores de Belo Horizonte eu acho que foram muito modestos. A tal avenida do Contorno hoje está lá dentro, Belo Horizonte é dez vezes maior do que a avenida do Contorno. Mesmo quando eu estudei em Ouro Preto, de 34 a 40, de vez em quando a gente ia a Belo Horizonte. Belo Horizonte tinha aquelas ruas enormes, largas e vazias. Dizia-se que aquela era uma cidade de estudantes e funcionários públicos, só. Depois Belo Horizonte cresceu, parece que muito por causa de Brasília, porque era um ponto de apoio.

I.F. – Eu digo sob o aspecto de um lugar onde as pessoas iam procurar trabalho, procurar vencer na vida. Deve haver uma comparação entre Belo Horizonte, Volta Redonda e Brasília.

R.A. – É, principalmente nordestinos. Eu acho que é sabido... Não conheço Brasília direito, mas parece que havia muito nordestino lá, porque nordestino está sempre procurando um lugar para trabalhar. Como na Cosipa. Eu estive emprestado à Cosipa um ano e meio ou uma coisa assim e lá tinha uma quantidade de nordestinos... Tem até uma piada: de vez em quando chegava um caminhão cheio de coco, caía um coco e pulava um nordestino lá de dentro: “Onde é a Cosipa?” Ia lá para a Cosipa. Como é o nome daquela cidade? É Santos, mas até falava-se muito...

I.F. – Cubatão.

R.A. – Cubatão, poluição.

I.F. – Mas enfim, vinha essa mão-de-obra, e a direção da CSN se encarregou de fazer cursos para preparar monotécnicos.

R.A. – É, fizemos cursos e o general Macedo cita muito. Um dos primeiros foi de soldadores, porque nós tínhamos algumas obras importantes e não dispúnhamos, pelo menos em quantidade suficiente, de soldadores. Por exemplo, os dois gasômetros, o gasômetro do gás de alto-forno e o gasômetro de coqueria, são grandes. Daqui não dá para ver por causa das árvores. Tudo vinha de chapas, muitas eram cravadas com rebites e outras, soldadas. Aí o general Macedo conseguiu trazer acho que um ou dois soldadores experientes dos Estados Unidos e aqui foi feito um curso. Aqueles que já tinham algum conhecimento — eu não sei porque lá no alto-forno nós não tivemos esse problema... Mas foi feito esse curso de soldadores. Depois, pouco antes de começar a operação, tanto da coqueria como do alto-forno e da aciaria, nós fizemos alguns cursos para o pessoal que nós selecionamos, para ter lugar logo abaixo dos engenheiros, como técnicos — pequenos cursos com provas etc. para escolher o pessoal.

I.F. – Era o pessoal que já estava aqui e que vocês prepararam para melhorar de nível?

R.A. – Mais o pessoal que já estava aqui... Eu diria que, nessa vinda de pessoas para cá, o grosso naquela época, em construção, era um pessoal muito atrasado. Mas nós recebemos técnicos muito bons. Por exemplo, da Light nós recebemos técnicos muito bons, tanto na parte elétrica... Tem um rapaz que está aí, outro dia eu encontrei com ele, nós batemos um longo papo, ele foi, por assim dizer, topógrafo — o chefe era um engenheiro, ele não era engenheiro mas era um rapaz de muita competência. Ele fez o levantamento, localização de máquinas etc. E ele estava lembrando que veio da Light para cá. Eu tinha um eletricitista que trabalhou comigo, encarregado da parte elétrica, de controle principalmente da carga do alto-forno, que era toda automatizada, um técnico muito competente também.

V.A. – Como era o nome dele?

I.F. – Do topógrafo da Light.

R.A. – Do topógrafo eu sei. Era o Freschi, italiano de São Paulo, Antônio Freschi eu acho, o nome dele. Tem alguns elementos que não eram formados, mas que merecem minha admiração e respeito pelo trabalho. O Freschi fez um trabalho muito bonito aqui, ele hoje está aposentado.

Emmy Azevedo – Quem era o eletricista?

R.A. – O outro de elétrica era o...

Emmy Azevedo – O Válder Melo?

R.A. – O Válder Melo não trabalhou comigo. Ele era um bom eletricista. Eu estou querendo lembrar de um eletricista que trabalhou comigo, eu até não tinha um relacionamento de muito boa de simpatia com ele, não, mas eu reconhecia a competência dele. Eu admito que até certo ponto a gente era um pouco autoritário naquela época...

V.A. – Isso que eu ia perguntar ao senhor: tinha que ter um espírito de liderança, de chefia...

R.A. – É, a gente tem que se colocar na época: a gente estava em uma época de autoritarismo.

I.F. – E comandar esse povo todo...

R.A. – Tinha que comandar, não podia ser discutindo: “Ah, não pode fazer...” direitos humanos, essas coisas todas. A gente tem que se colocar na época. Eu não sei se fui demais ou não. Eu tenho uma satisfação: hoje, quando encontro na rua com muitos aposentados, eles vêm, me cumprimentam, se lembram: “Ah, eu recebi um prêmio do senhor.” De modo geral, eles todos dizem que eu era um pouco rigoroso, mas eles acham que eu era justo. Eu acho que isso é importante.

Esse rapaz, eletricista, ele era competente, muito competente. E o carregamento do alto-forno era todo automatizado. De vez em quando dava um defeito e eu ficava sem poder carregar o alto-forno e ficava em cima dele para dizer quanto tempo ia levar. E ele não podia dizer porque estava pesquisando, naqueles painéis, aquela coisa toda, e eu ficava em cima dele. Não que eu quisesse aborrecê-lo, mas eu precisava tomar certas providências, porque se um alto-forno vai parar uma hora é um coisa, se ele vai parar um dia é outra coisa, as providências são completamente diferentes. A mesma coisa é se a senhora vai fazer uma operação e vai tomar uma anestesia local ou se a senhora vai ficar em coma induzida: os tratamentos são diferentes. Então, eu ficava em cima dele e ele ficava meio nervoso comigo, eu ficava querendo manter a autoridade com ele... [riso] Eu queria lembrar o nome dele. Esse rapaz, depois, foi para uma usina lá de Minas. Era muito competente também. Ele tinha um nome alemão, era descendente de alemão.

I.F. – Quer dizer que a CSN, além de ter recebido conhecimento dos estrangeiros, ela depois passou a ser uma fábrica de conhecimentos para outras unidades?

R.A. – Ah, certamente. Eu tenho engenheiros que passaram pelo alto-forno depois de mim, duas ou três gerações, trabalham como consultores, já estiveram na Argentina como consultores.

I.F. – Serviu de escola também para outras coisas.

R.A. – Eu tenho um rapaz que trabalhou comigo, ele não era formado, ele hoje está aposentado aqui, mas foi para a Cosipa considerado quase como chefe de departamento. Ele mesmo considera. Pagaram a ele um dinheirão, ele mesmo disse, sem medo nenhum. Era uma família toda que veio para cá, Torturela. Eles vieram da Light — o pai acho que trabalhava na Light —, vieram mocinhos para cá. Esse rapaz era o Nilo Torturela, e quando eu comecei a escolher o pessoal para me ajudar mais diretamente, ele foi um dos rapazes que eu escolhi. Depois ele saiu daqui, foi para a Cosipa, onde foi muito considerado. Quando ele saiu daqui, eu acho que a Cosipa pagou a ele não sei quanto, de uma usina para outra e mesmo para o exterior. Outro é até um rapaz do Paraná, Barichelo — não tem nada que ver com o piloto da Fórmula 1, não. Ele já foi chamado várias vezes. Dizem — eu nunca fui à Argentina — que a turma lá da usina da Argentina, lá de San Nicolas, adora o Barichelo. Quando têm problemas, eles chamam o Barichelo, um rapaz que trabalhou muito aqui no alto-forno.

Nós formamos muita gente, que saiu daqui e foi para a Usiminas e principalmente a Cosipa. Para a Usiminas, um grupo foi para o Japão quando a Usiminas estava sendo projetada lá. Mas quando voltaram, quase todos foram para a Cosipa. E a maior parte do pessoal técnico da Usiminas é de engenheiros formados em Belo Horizonte e Ouro Preto. A Usiminas é lá em Minas, o primeiro presidente é mineiro, formado em Ouro Preto, o dr. Amaro Lanari. Ele foi presidente da Usiminas, foi professor de metalurgia, é uma pessoa de muito valor. Eu não estou seguro, mas acho que ele era cunhado do Lucas Lopes, casado com uma irmã do Lucas Lopes. O pai do Lucas Lopes era professor em Ouro Preto, foi meu professor. É dessas famílias que tinham uma meia dúzia de moças bonitas. Em Ouro Preto, as moças escolhiam porque tinha os rapazes da cidade, mais os rapazes da Escola de Minas, mais os rapazes da Escola de Farmácia e mais o batalhão — de vez em quando tinha uns tenentes lá. De modo que as moças lá escolhiam bem o que queriam. E esse professor... Até tem um que está muito falado nessa equipe econômica, eu acho que é Chico Lopes.

V.A. – É filho do Lucas Lopes.

R.A. – É filho do Lucas Lopes, e se chama Chico Lopes porque o avô, que foi meu professor, chamava-se Chico Lopes — Francisco Lopes. Eu até tenho um livro sobre a Escola de Minas escrito por ele. As filhas dele eram moças muito bonitas; uma casou com um professor, outra casou com o Amaro Lanari, a Vera. Ele, não sei se através disso, eu sei que tinha muito contato, e o Juscelino o mandou cuidar da Usiminas; ele foi ao Japão... Na época o Japão não era tão falado assim, como potência siderúrgica. Eu até, de vez em quando, falava — porque eu tinha uma certa liberdade com ele... Encontrava com ele: “Mas você teve uma sorte.” A Usiminas foi a primeira usina que os japoneses fizeram fora do Japão e eles fizeram questão de fazer uma coisa bem-feita. E a usina é muito boa mesmo. Por isso tudo — não sei se hoje —, a princípio o grosso de engenheiros da Usiminas eram todos mineiros, formados em Ouro Preto e Belo Horizonte.

V.A. – O senhor falou que os americanos, que ficavam com os intérpretes, eram mais responsáveis pela parte técnica. E o senhor era um pouco também responsável pela parte gerencial.

R.A. – O administrativo era todo com a gente.

V.A. – E pelas punições também? Que tipo de punições naquela época eram aplicadas?

R.A. – Bom, o general Macedo era militar e trouxe as coisas militares para cá. Nós tínhamos um boletim de serviço, que saía todo dia com os nomes de todos os admitidos, demitidos. Tudo aquilo ali era como se tinha no Exército. E tinha o Regulamento de Pessoal, RPE, como tem no Exército. Eu acho que era RPE. Era um livrinho com as obrigações, essas coisas todas. Num meio desses, tem os que trabalham muito, tem os de trabalho razoável e tem outros que são vagabundos. Então, o sujeito que falha no serviço seguidamente, o camarada que no dia seguinte ao do pagamento não vem trabalhar, o sujeito que desrespeita o chefe ou faz coisas erradas seguidamente, tudo isso era enquadrado. O sujeito podia ter uma advertência, depois era uma repreensão e depois podia ser uma suspensão, que aqui era “um gancho”, “dar um gancho”. Era uma suspensão de um dia, dois dias ou, no máximo... nem sei se a lei permitia mais de 30 dias ou coisa assim.

V.A. – Suspensão era “dar um gancho”.

R.A. – Gancho era o termo para suspensão. Advertência e repreensão saíam só no boletim: “Advertido o senhor fulano de tal por isso assim e assim.” E ia para a ficha dele; cada operário tinha a sua ficha. Mas isso era no serviço de pessoal. Agora, em cada departamento tinha um grupozinho que cuidava do pessoal: tinha ficha do pessoal, cartão de ponto que o pessoal batia, tinha esse controle todo.

I.F. – Quantas horas cada turno?

R.A. – Oito horas. Isso na operação. Porque na construção a gente trabalhava só de dia, só o turno do dia, serviço normal do dia. Agora, a operação era um turno de oito horas: trabalhava um à zero hora — tinha até um bar ali com o nome de Zero Hora —, outro entrava às oito, de oito às quatro, e de quatro à meia-noite.

I.F. – Isso direto: sábado, domingo, tudo. E recebiam hora extra para sábado e domingo?

R.A. – Não, acho que não. No meu tempo — não sei como depois ocorreu —, quando trabalhavam sábado e domingo, eles tinham um dia de folga na semana. Nós adotamos aqui, numa certa época, o sistema de rodízio adotado pela Light, que era muito bem feito. O negócio era em torno de sete semanas: o indivíduo folgava no domingo, na outra semana ele folgava na segunda, outra, na terça, sete dias na semana. Quando corria isso, depois ele tinha uma folga que chamava-se folga de 80 horas — não sei em que período o indivíduo passava a ter isso. Eu sei que ele trabalhava, por exemplo, no sábado, de zero hora às oito, e só voltava na terça-feira às quatro da tarde. Então ele pegava o resto do sábado, o domingo e a segunda. Mas isso acontecia num certo período. Tinha outras folgas de 56 horas. Mas o negócio funcionava dessa maneira.

V.A. – Desde o início já funcionava assim?

R.A. – Não, no início não era bem assim, não. Havia o rodízio, mas depois esse tipo de 80 horas etc. foi ao longo do tempo; depois que nós tomamos conhecimento desse sistema lá da Light isso foi adotado. Hoje parece que o turno é até de seis horas. São quatro turnos de seis horas; no meu tempo eram três turnos de oito horas. Agora, às vezes acontecia, em determinadas funções, em que um homem só operava um

determinado equipamento... Num turno desse... Vamos dizer que o sujeito trabalhou de quatro à meia-noite. Chegava à meia-noite e o substituto dele não aparecia e nós não podíamos deixar sem ninguém ali; então, usava-se o termo “dobrar”: o indivíduo dobrava e depois tinha que se ver por que o sujeito não apareceu, se justifica. É o tal negócio: se o sujeito não se justifica, aí ele tinha uma suspensão, tinha um gancho, tinha um negócio desses qualquer.

I.F. – E o que dobrava recebia por fora, tinha alguma compensação?

R.A. – Eu não sei, d. Ignez, não me recordo. Devia ter, evidente. Houve uma época em que nós tivemos um problema. A sede da companhia sempre foi o Rio de Janeiro — depois de privatizada eu não sei, mas acho que continua a ser. O próprio estatuto da companhia... O primeiro estatuto diz que a sede é na cidade do Rio de Janeiro, que era a capital naquele tempo. A razão de ser, e muita gente estranha isso, é porque a parte financeira, ligada a bancos... Aqui era a parte mais técnica, era só a diretoria industrial. Então, os diretores estavam todos no Rio. E tinha o diretor de pessoal, com quem eu me dava muito bem, que era o Paulo Mendes. Mas, sabe como é, diretor às vezes tem um camarada que está mais em cima e tinha um tal de dr. Marcos. O dr. Marcos era triste, porque ele queria segurar tudo no Rio e a gente dizia que tinha que ter autonomia aqui. De vez em quando eles apertavam porque estávamos fazendo muitas horas extraordinárias. Então: “Só pode fazer extraordinário com ordem do Rio.” E eu falei: “Escuta, se um cara não vem à meia-noite, eu vou telefonar para o Rio para pedir ordem para fazer extraordinário? Não posso. E não posso parar um forno porque...” Então, tínhamos essas coisas do Rio sempre querendo controlar tudo no Rio, queria centralizar tudo, e nós queríamos ter uma autonomia, flexibilidade para trabalhar aqui. O pessoal do Rio não tinha noção, muita gente do escritório do Rio mal conhecia Volta Redonda, não conhecia a usina. Como eles podiam ver esse aspecto? Se fosse um negócio de escritório, o escritório daqui, pessoal de escritório, tudo bem. Mas um pessoal que trabalha em usina 24 horas, o pessoal que está controlando a usina tem que resolver isso na hora.

V.A. – Eu tinha só uma perguntinha para fazer...

R.A. – Eu tenho medo de perguntinha! [risos]

V.A. – É perguntinha mesmo. O senhor estava comentando que, quando da morte da sua irmã, a família mandou avisar a um irmão da sua mãe que era professor da Escola de Minas. O senhor tinha então um tio que já tinha escolhido a carreira de engenharia?

R.A. – Não, ele não era meu tio; era primo da minha mãe. Aliás, não é por ser parente — ele já faleceu —, era um professor muito respeitado, dr. Odorico Rodrigues de Albuquerque. Os engenheiros de Ouro Preto, todos os que passaram por ele, tinham um tremendo respeito, porque não era um homem de livros, não, era um homem que ia para o Amazonas estudar geologia. Ele era tio da minha mãe; não, ele era primo da minha mãe.

V.A. – E ele teve alguma influência na escolha que o senhor fez pela engenharia?

R.A. – Não, não. Quando eu fui para lá nem o conhecia, fui conhecê-lo lá. Eu disse que um tio meu tinha tido influência, mas esse tio era um advogado que era noivo da minha

tia, irmã da minha mãe. Ele era de Santos Dumont, o Nunes, e tinha alguns rapazes que eu citei aí, o Jardel etc. , que eram de lá. Naquela região ali, muita gente ia para Ouro Preto.

Mas esse primo de minha mãe, eu fui conhecer lá. Ele foi um professor de grande competência, eu fui aluno dele também. Mas os outros, principalmente os primeiros, tinham admiração. Eu tenho um colega, um dos poucos vivos da minha turma, ainda falei com ele ao telefone outro dia, que andou muito com o dr. Odorico lá pelo Amazonas, Piauí, por todo esse interior, porque ele seguiu geologia enquanto eu segui metalurgia, siderurgia. Alguns colegas meus seguiram construção civil, foram construtores de estradas, de edifícios. Alguns foram para aquele primeiro movimento de petróleo na Bahia, não sei como se chamava aquilo...

[FINAL DA FITA 4-A]

2ª Entrevista: 08/12/1998

I.F. – O senhor estava comentando a importância do general Mendonça Lima, ministro da Viação e Obras Públicas no governo Getúlio.

R.A. – Foi a pessoa que sugeriu ao presidente que o general Macedo Soares fosse à Europa para cuidar dos estudos referentes à siderurgia.

I.F. – Em 1939, não?

R.A. – O decreto é de 30 de dezembro de 1938, finalzinho de 38.

I.F. – E ele foi para a Europa em 39.

R.A. – Certo.

V.A. – Muito bem, nós ontem andamos conversando e vimos que temos muitas coisas para perguntar.

I.F. – Nós tivemos analisando seu currículo...

R.A. – Trabalhando no turno da noite.

I.F. - ... e gostaríamos que o senhor falasse um pouquinho mais sobre o cargo que o senhor exerceu de chefe do grupo de metalurgia e superintendente da operação de Volta Redonda. Primeiro, o senhor tem idéia de que ano foi isso? Foi logo em 43, 44?

R.A. – Eu posso realmente dar isso à senhora, só que eu pediria um tempinho para pegar ali o currículo onde tenho...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

R.A. – Muito bem. Eu dirigi o grupo de metalurgia de maio de 1951 a maio de 1954, grupo que abrangia os departamentos de coqueria, altos-fornos, aciaria e fundição. Em

seguida, a superintendência de operação, de maio a outubro de 1954. Essa foi a primeira vez que eu fui superintendente de operação, porque nós vamos ver que mais tarde eu voltei a ser. Em outubro de 54 eu passei a ser diretor industrial.

V.A. – Certo. Então, vamos ver o que era o grupo de metalurgia.

R.A. – Era a parte da usina que compreendia os departamentos de coqueria, altos-fornos, aciaria a fundição.

V.A. – E o que o senhor fazia como chefe desse grupo?

R.A. – Eu fazia a superintendência, os contatos com os chefes dos departamentos e compatibilizava os problemas. O alto-forno recebe matéria-prima da coqueria, de modo que os superintendentes de alto-forno, e eu fui um deles, em geral se queixam da qualidade do coque, que é a matéria-prima principal do alto-forno. Então, há aí um problemzinho a resolver de vez em quando: dizer ao departamento de coqueria que era preciso fazer um coque melhor. que aquela qualidade não estava muito boa física ou quimicamente. Ou seja, estabelecer esse contato diário. Eu andava na usina todo o dia, entre o pessoal. Ao mesmo tempo, a aciaria, que recebe o ferro-gusa líquido para fazer o aço, normalmente se queixa da qualidade do ferro-gusa, acha que o ferro-gusa não está muito bom, a composição não está boa, a temperatura não está boa. Essa é a linha de produção direta. Da aciaria vai para a laminação. Mas tem a fundição, que é um departamento até certo ponto auxiliar. Ela produz, em quantidade pequena, aço — tinha um forno elétrico — para fazer peças de ferro fundido, principalmente lingoteiras. Chegou também a fazer cilindros e peças de reposição da usina.

De modo que a minha função era mais coordenar esses departamentos, contatos com as chefias dos departamentos, de modo que o conjunto funcionasse de uma maneira harmônica, principalmente para atender a todos. Naturalmente cada chefe de departamento defende seu departamento, tem os seus motivos, muitas vezes até aceitáveis, porque a qualidade do produto não é a ideal. Então, essa parte é a que era feita pelo chefe do grupo de metalurgia.

I.F. – Então, além da parte técnica, tem uma parte, vamos dizer assim, política, de negociar com os outros setores.

R.A. – Sim, certamente. E também, representar até um certo ponto, junto ao diretor industrial ou ao superintendente de operação... Porque, como chefe do grupo de metalurgia, eu era subordinado ao superintendente de operação, que era o homem que tinha a supervisão da usina toda.

V.A. – E o diretor industrial, qual é a função?

R.A. – O diretor industrial é o chefe de toda a usina, não só de operação como dos outros setores: o setor de pessoal, que também pertencia ao diretor-secretário... Mas o diretor industrial era o elemento máximo que representava a usina na diretoria colegiada.

V.A. – E o superintendente de operação estava mais ali...

R.A. – Era mais técnico, no que diz respeito principalmente... O diretor industrial tem inclusive, muitas vezes, na questão de expansão, de construção, de produção... E mesmo alguns aspectos que durante algum tempo pertenciam ao diretor industrial, depois passaram ao diretor social —como a parte da cidade, quando a cidade ainda pertencia à Companhia Siderúrgica... O diretor industrial chefiava o pessoal incumbido da construção da cidade.

V.A. – Nós vimos que, na primeira diretoria, havia o diretor técnico, que foi justamente o general Edmundo. Depois acabou...

R.A. – O diretor técnico apenas mudou de nome, passou a ser diretor industrial.

V.A. – Ah, está certo. O cargo é igual ao do diretor técnico.

R.A. – Foi apenas uma mudança de título; em vez de diretor técnico, passou a ser diretor industrial.

I.F. – E eu percebi também que o senhor foi chefe de metalurgia quando o Sílvio Raulino de Oliveira passou a ser o presidente da CSN.

R.A. – Eu não me recordo bem se foi exatamente na mesma época.

I.F. – Pegou esse período. O senhor foi de 51 a 54 e ele foi presidente de 45 até 54. O que eu vi é o seguinte: o dr. Guilherme Guinle foi presidente durante o período Getúlio Vargas...

R.A. – Certo. Quando o Getúlio saiu, ele saiu também.

I.F. – Quando entrou José Linhares, foi nomeado o Sílvio Raulino, que continuou nos governos todos até a morte do Getúlio, em 54.

R.A. – Está certo.

I.F. – Tinha alguma ligação sua com o Sílvio Raulino para ele escolhê-lo? Como foi a sua escolha?

R.A. – Bom, eu fui em maio de 51... Ele era o presidente. Eu creio que devo ter substituído alguém que estava naquela função. Quando o general Raulino entrou como presidente, houve algumas modificações. Eu sei, por exemplo — esses militares, eu não sei bem os títulos deles porque uns entraram como tenentes, capitães, majores...

V.A. – Aqui está coronel Raulino.

R.A. – O Ciro Borges era chefe da fundição e foi ser diretor industrial, de modo que aí já houve uma modificação. E para a fundição eu acho que foi o engenheiro Hélio Haydt — não sei exatamente, mas acho que foi o engenheiro Hélio Haydt. Ele deve estar, talvez, na lista de vocês. Mais tarde ele ainda foi diretor industrial, mas isso bem mais tarde. O coronel Ciro foi diretor industrial. Quando o general Macedo Soares veio como presidente, em 54, eu passei a substituir o coronel Ciro, que passou a ser assistente do general Macedo Soares. Eu substituí o coronel Ciro e, mais tarde, em 62, quando eu

deixei de ser diretor industrial, o coronel Ciro voltou a ser diretor industrial. Eu não me recordo, especificamente... Eu fui evidentemente promovido de chefe de departamento para chefe do grupo de metalurgia. Agora, o grupo de metalurgia... Eu não estou recordando bem a quem eu substituí no grupo de metalurgia. Isso, no momento, não me ocorre.

V.A. – E o superintendente de operação a quem o senhor era subordinado, o senhor lembra?

R.A. – O superintendente de operação era o engenheiro Jardel Borges Ferreira, que foi chefe do grupo de laminação e depois passou a superintendente de operação. Depois ele teve uma outra função um pouco semelhante e eu entrei como superintendente de operação. Ele teve um outro título que não me recordo bem qual era. Mas como superintendente de operação eu era subordinado diretamente ao diretor industrial, ao coronel Ciro. Tenho a impressão de que o engenheiro Jardel, nessa época, tinha uma função talvez de assessoria ao coronel Ciro. Eu tive um tempo relativamente pequeno, nessa primeira vez em que eu fui superintendente de operação: de maio a outubro, cinco a seis meses.

I.F. – Mas isso significava uma promoção.

R.A. – Certamente.

I.F. – Tinha uma melhoria salarial também?

R.A. – Tinha também.

I.F. – Quer dizer: dentro da carreira, aqui dentro o senhor estava subindo degraus.

R.A. – A usina tinha os departamentos (coqueria, alto-forno, aciaria, fundição), a laminação era dividida também em quatro ou cinco departamentos, tinha o departamento de trilhos e perfis, departamento de chapa grossa, departamento de chapa fina, a parte de folha-de-flandres. Então, tinha o grupo de metalurgia, que trabalhava com o material líquido, por assim dizer — coqueria, não, porque a coqueria fazia o coque para o alto-forno... A coqueria, até certo ponto, era independente, mas o principal objetivo da coqueria era fazer o combustível para o alto-forno. Também recuperava subprodutos porque o coque era feito da destilação do carvão. Da destilação do carvão, o coque era o resíduo que era usado no alto-forno, e os produtos voláteis eram recuperados, como o sulfato de amônia, o benzol, o toluol, o xilol, o alcatrão... Eram produtos que a companhia vendia diretamente. Só o gás de coqueria, porque depois do fracionamento desses produtos voláteis, sobrava ainda um gás que é usado na usina como combustível — o gás de coqueria —, como o gás de alto-forno também.

I.F. – E esses subprodutos eram vendidos para indústrias químicas?

R.A. – Principalmente.

I.F. – E já tinha no Brasil indústrias químicas que absorvessem toda a produção.

R.A. – Eu não tenho conhecimento detalhado, mas certamente existia, porque os produtos eram vendidos. Eram produtos que não eram propriamente da siderurgia mas eram subprodutos da destilação de carvão.

I.F. – Porque aqui, inclusive, perto de Resende, por aqui, tem umas indústrias químicas que devem ter sido montadas em função da CSN.

R.A. – Não sei naquela época... Talvez fosse mais para a região de São Paulo.

I.F. – Talvez essas tenham vindo para cá já em função da matéria-prima que havia.

R.A. – Certamente, certamente. Tanto que no projeto inicial da usina havia uma faixa entre a cidade e a usina, que havia sido reservada para pequenas empresas. Mas ali, na época, só foi instalada uma pequena fábrica de oxigênio. A idéia não progrediu porque as indústrias não vieram para cá — essas pequenas indústrias — para receber subprodutos da companhia.

I.F. – Agora eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre o coque brasileiro. O carvão brasileiro é muito discutido e está provado, hoje em dia, que não é de boa qualidade.

R.A. – O carvão brasileiro realmente não é de primeira qualidade. É um carvão que tem um alto teor de cinza e também um teor elevado de enxofre. O carvão, para uso metalúrgico, como nós fazemos aqui, tem requisitos muito mais rigorosos do que para uso como combustível. O carvão usado em caldeiras, como era usado em locomotivas, gasogênio etc., esta função era muito menos rigorosa. O enxofre, por exemplo, para o aço, é um veneno; enxofre e fósforo são dois venenos. E o nosso carvão era alto em cinza.

Nós começamos, como o general indica no livro dele, trabalhando com cerca de 60% de carvão nacional; o resto era importado. Depois, com algumas dificuldades, nós chegamos a usar 80% de carvão nacional. Mas a produção sentia; principalmente o alto-forno, que é o consumidor do coque — o coque é o produto, como eu disse, da destilação do carvão. Nós tínhamos então essa mistura de carvão importado, de boa qualidade, de qualidade metalúrgica boa — era importado principalmente dos Estados Unidos. Mais tarde, a companhia passou a importar também da Polônia, até da Austrália, parece, do Canadá. Mas a princípio, nós importávamos principalmente dos Estados Unidos, que têm um carvão excelente.

Tem dois tipos de carvão, que eles chamam de alto teor de matéria volátil e baixo teor de matéria volátil. Então, era a mistura desses três carvões: o carvão brasileiro, o carvão importado alto volátil e o carvão importado baixo volátil. Essa mistura então era colocada nas células da coqueria, aquecida apenas sem contato com ar, porque senão queimava e só sobrava cinza. Era aquecida através das paredes dos fornos e então exalava os produtos voláteis. Depois, o que ficava era o coque. Esse coque saía do forno, era empurrado como se fosse o êmbolo de uma seringa — só que em vez de ser redondo como a seringa, era retangular. Era empurrado num carro, num vagão próprio, saía incandescente, vermelho, e era apagado com água. Os pedaços eram muito irregulares e então havia uma parte de britagem, não muita fina, e peneiramento, porque o alto-forno devia receber dentro de uma faixa de granometria, um mínimo e um máximo. Talvez o mínimo, vamos dizer que fosse, na época, de uma polegada, duas

polegadas — aqui falava-se muito em termos ingleses —, e o máximo, de quatro polegadas.

Esses produtos voláteis então entravam em uma parte da coqueria. Ainda havia essa destilação fracionada do gás produzindo alcatrão, produzindo benzol, toluol, xilol, que são produtos usados principalmente na indústria de tintas. O benzol é muito usado na indústria de tintas, o alcatrão é usado até para pavimentação, substitui até o asfalto. Um outro produto da destilação do alcatrão é o sulfato de amônio, que era usado como fertilizante, e o toluol e xilol, em indústria de explosivos. E o gás que sobrava era usado como combustível na usina, em vários pontos da usina.

V.A. – Esse carvão brasileiro vinha basicamente de onde?

R.A. – De Santa Catarina. Na ocasião do Plano Siderúrgico, a companhia recebeu jazidas... Primeiro, jazidas de mineração subterrâneas, depois, jazidas a céu aberto. E foi comprado equipamento para isso. Esse carvão sofria uma lavagem e, para uso metalúrgico, aproveitava-se menos de 40%. Ele era lavado, vinha para cá e aqui a gente usava esse carvão naquela composição. Depois, com o passar dos anos, foi diminuindo essa porcentagem de carvão nacional e hoje em dia todas as siderúrgicas brasileiras que usam o coque, tanto quanto eu estou informado, usam 100% de carvão importado. O carvão nacional não tem aplicação na siderurgia.

I.F. – Vinha o carvão para cá e aqui ele era transformado em coque. Eu lembro, quando era criança, que em Laguna, Santa Catarina, eu tinha um primo que tinha uma coqueria lá.

R.A. – Coqueria, é!?

I.F. – Ele inventou, fazia... Para onde ele mandava aquele coque? Podia mandar para outro lugar? Em Laguna!

R.A. – Nós nunca usamos aqui, eu nem sabia da existência desse coque. Poderia ser usado talvez em fundições. Uma fundição muitas vezes usa coque. E qualquer uso... O coque pode funcionar também apenas como combustível: em vez de queimar carvão, queimar coque. Agora, no alto-forno o coque tem duas funções principais. Uma, como combustível para dar temperatura suficiente para derreter o minério. E outra, o que se chama redução do minério, porque o minério de ferro não é ferro puro.

De modo geral, os minérios que nós usamos, e quase todo mundo — não é 100%, mas, pelo menos aqui no Brasil e em muitos países mais adiantados —, é um óxido; quer dizer, uma composição entre ferro e oxigênio. O minério que nós usávamos aqui era o FE_2O_3 : duas partes de ferro e três partes de oxigênio. Então, para separar o ferro do oxigênio, o coque, ao ser queimado, produz o monóxido de carbono. Esse CO, monóxido de carbono, atravessando o minério de ferro através dos poros, rouba o oxigênio e sai como CO_2 , que é o dióxido de carbono. O monóxido de carbono é altamente venenoso, já o CO_2 , não se pode viver respirando o CO_2 mas o CO_2 não tem... Inclusive, observando-se a chama de uma vela, você vai ver que, na base, tem uma chama azul e, na parte superior, uma chama amarela. A chama azul é onde está o monóxido, CO, já o amarelo é o CO_2 . Então ele tem essa função de roubar, de retirar o oxigênio que está no minério, o óxido; aí, sobra o ferro sozinho. Esse ferro, descendo na coluna do forno, encontra temperaturas em que ele derrete, forma o líquido que vai acumulando no fundo do alto-forno, chamado cadinho do alto-forno, de onde é

periodicamente, de quatro em quatro horas dependendo do tamanho do forno, retirado como líquido.

E tem uma parte que é escória, que são as impurezas tanto do coque, que também não é carbono puro — tem cinzas, principalmente sílica e alumina... Então, usa-se um calcário também no forno, que é para fazer essa escória, que, como é muito mais leve, sobrenada, não mistura com o ferro, e é retirada periodicamente em furos que tem no cadinho. Pelos furos mais altos sai a escória e pelos furos embaixo sai o ferro-gusa líquido. De modo que o coque tem essa função dupla no alto-forno, de redutor e de combustível, dá temperatura. Mas ele é usado em muitos outros lugares apenas como combustível: queimar para produzir calor.

I.F. – Por que essa insistência, na época, em utilizar o carvão brasileiro? Havia dificuldade em importar?

R.A. – Era uma matéria-prima brasileira. A princípio, quando nós começamos, em 46, naturalmente não havia muita facilidade de importar, só praticamente dos Estados Unidos. Na época, logo depois da guerra, nós não podíamos pensar muito em Europa nem em outros lugares. E toda a tecnologia veio dos Estados Unidos, equipamentos etc. Então, foi importado. Mas à medida em que se tornou difícil, e era mais caro porque era comprado em dólares e transporte muito mais longo... E de outro lado, aquela tentativa de usar a matéria-prima nacional.

Aliás, muitos anos antes da Companhia Siderúrgica, foram feitos estudos sobre a coqueificação do carvão, porque nem todo carvão dá coque. Há certos carvões, até de composição boa, que não têm poder de aglomeração. Coloca em forno de uma coqueria, aquece, ele exala o material volátil, mas quando sai de lá, é tão pulverulento como quando foi posto lá. Então, é preciso que o carvão tenha um poder aglutinante, que saia de lá em torrões, que são até quebrados para entrar na granometria desejada pelo alto-forno. E aí é uma gama... Não é um que dá coque duro e outro que não dá coque, há uma gama aí. Uns tem uma resistência... Porque o alto-forno é uma coluna de minério de ferro pesado de 30 metros de altura, e o nosso carvão, digamos o carvão vegetal, não tem capacidade para agüentar isso; só se fosse uma carga muito preparada e leve. Mas o minério puro, ele não tem capacidade. Da mesma maneira, então, ele tem que ter resistência física.

Então, voltando: anos antes da Siderúrgica, até foi um professor da Escola de Ouro Preto, dr. Fleury da Rocha, foi à Europa, levou carvões nacionais, uma certa amostragem do carvão de Santa Catarina, e fez testes de coqueificação. Quer dizer: se com aquele carvão era possível fazer coque. E os resultados foram positivos. Aliás, o nosso carvão dá um coque de resistência física muito grande; ele peca é na parte de composição química porque tem um teor de cinza e um teor de enxofre elevados. Mas ele dá um produto de alta resistência, o coque nosso é duro. Mas de outro lado, também sob o ponto de vista físico, ele tem a qualidade de ser resistente mas tem o defeito de não ser suficientemente poroso. Como a operação do alto-forno é feita pelos gases — o ar quente é soprado na base do alto-forno e atravessa a carga —, então é preciso que a carga tenha porosidade, de modo que esses gases atravessem não só entre os pedaços, mas também em cada pedaço, que ele seja suficientemente poroso para que o gás penetre no interior, como se fosse uma esponja, e facilite, acelere essa transformação química no sentido de tirar o oxigênio do minério. Então, ele é um coque resistente mas um tanto compacto.

Como o nosso próprio minério. O nosso minério, a hematita — nós também temos o itabirito — mas principalmente a hematita nossa, que é um minério muito rico,

o mais rico talvez do mundo, mas extremamente compacto. Então, dificultava exatamente a ação do gás redutor em penetrar, porque em um minério mais poroso, a superfície oferecida para o gás é muito maior; não é só superfície externa, o gás penetra no interior do pedaço de minério. A princípio, nós usávamos principalmente o minério; hoje em dia, as cargas de alto-forno são quase todas pré-preparadas, vamos dizer assim, de modo que o minério fino é preparado — o que se chama sinterização: faz o síter fino, que é aglomerado com carvão e forma um material que entra no alto-forno com bastante porosidade.

V.A. – Isso não havia antes, a sinterização?

R.A. – Quando nós começamos, não. Foi a partir talvez de 1950, quatro anos talvez depois da operação, que nós fizemos a nossa primeira sinterização; hoje tem quatro aí. Nós fizemos a primeira sinterização, e hoje em dia o material que entra no alto-forno é todo bem preparado antes.

I.F. – O senhor falou uma coisa... O que é esponja? O senhor falou que era como uma esponja, e me veio isso: eu sei que na siderurgia tem um negócio chamado esponja.

R.A. – Há um produto chamado esponja de ferro. Essa redução de que eu falei, no alto-forno, a quente, muitas vezes se faz fora primeiro. Então, o produto, em vez de fundido, não chega a fundir, a senhora obtém o ferro em uma forma de esponja. Depois esse ferro é colocado talvez ou num alto-forno..., mas de um modo geral em fornos menores, chamados cubilôs ou fornos de fundição... O próprio inglês usa *sponge iron*. Mas em alto-forno, de modo geral, não se usa esse ferro esponja. O ferro passa a ser esponjoso lá dentro do alto-forno pelo efeito do gás de monóxido de carbono, mas dentro da própria operação ele funde, se liquéfaz.

I.F. – Mas não tem um produto aqui, necessário, chamado esponja?

R.A. – Bom, tem esponja de ferro e esponja até para limpar forno...

I.F. – Não, eu digo esponja de ferro.

R.A. – Sim, existe.

I.F. – O general Edmundo fala que tem esponja e eu não entendi nada: o que é e para que serve.

R.A. – Isso é chamado até de redução direta. No alto-forno, a redução é indireta. A redução direta, vamos dizer, é como se a senhora chegasse na metade do alto-forno e daqui para baixo a senhora tirasse... Porque o gás, quando sobe através do alto-forno, da coluna onde tem coque, minério, calcário, a primeira coisa que ele faz...

[FINAL DA FITA 4-B]